

UFRRJ

INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/INSTITUTO DE AGRONOMIA

CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO

Geo-grafias dos Sujeitxs: Gênero e Ação Cultural em Nova Iguaçu

Carolina Pereira Peres

2017



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
INSTITUTO DE AGRONOMIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Geo-grafias dos Sujeitxs: Gênero e Ação Cultural em Nova Iguaçu

CAROLINA PEREIRA PERES

Sob a Orientação da Professora
Anita Loureiro de Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, no Curso de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia

Nova Iguaçu, RJ
Dezembro de 2017

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P434 Pereira Peres, Carolina, 1992-
 Geo-grafias dxs Sujeitxs: Gênero e Ação Cultural em
Pereg Nova Iguaçu / Carolina Pereira Peres. - 2017.
 92 f.

 Orientadora: Anita Loureiro de Oliveira.
 Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, Geografia, 2017.

 1. ações. 2. gênero. 3. sujeitos. I. Loureiro de
 Oliveira, Anita, 1978-, orient. II Universidade
 Federal Rural do Rio de Janeiro. Geografia III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR/INSTITUTO DE AGRONOMIA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA



CAROLINA PEREIRA PERES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, no Curso de Pós-Graduação em Geografia, área de Concentração em Espaço e Política.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 20/12/2017

Prof.ª. Drª Anita Loureiro de Oliveira – Orientadora (PPGGEO/DEGEO-IM/UFRRJ)

Prof.ª. Drª Roberta Carvalho Arruzzo (PPGGEO/DEGEO-IM/UFRRJ)

Prof.ª. Drª Adriana Carvalho Lopes (DES/IM/UFRRJ)

Prof. Dr. Ivaldo Gonçalves de Lima (PPGEO/UFF)

Ao meu amigx Neno Andueza, que neste último outubro decidiu deixar este plano, tirar a própria vida diante das turbulências de assumir seu corpo transgênero. Elx que sempre celebrou a vida, a festa, o encontro, hoje deixa muita saudade e a necessidade de lutarmos contra uma sociedade machista e homofóbica que a todo momento quer tirar a vida e a cor das pessoas. Esteja em paz, queridx.

Agradecimentos

À minha orientadora, Anita Loureiro, por sempre acreditar em mim e na pesquisa, por todas as palavras e ações de incentivo que me fizeram dar prosseguimento a este trabalho, mesmo quando já estive muito perto de desistir em diversos momentos. Muito obrigada por me ajudar, por ser sempre solícita e por se dedicar tanto nas orientações. Sem esse apoio nos momentos de dúvidas e nos momentos mais difíceis a conclusão deste trabalho não seria possível. Muito obrigada.

À minha companheira, Jeniffer Braga, por todo apoio nos momentos de dificuldade e aflição, quando acreditei que não seria possível: obrigada por me manter em foco e a afirmar a todo momento que eu iria conseguir. Obrigada pela compreensão, pelo carinho e pelos incentivos de sempre.

Aos amigos que a Rural me presenteou, muito obrigada pelas trocas, incentivos e momentos de catarse: Miguel, Shamila, Daiala, Djalminha, Deborah, Tisse, Anna, Belzão: obrigada por todas as partilhas.

Aos meus amigos do trabalho: Ana Paula, Camila, Carlos, Maíra, Josi e Verônica, obrigada por me segurarem para não surtar diante das aflições de trabalhar mais de 50h por semana e conciliar a vida acadêmica. E obrigada por todos os surtos coletivos também quando foram necessários.

Ao meu squad niteroiense, muito obrigada pelos incentivos, mesmo que de longe, para a conclusão desse trabalho: Thais, Tati, Mires, Joana, João, Rodrigo, Johanna. Amo vocês.

Aos meus irmãos, Hugo e Nathalia, por serem as pessoas mais maravilhosas e incríveis do mundo, por sempre nos ajudarmos. Amo vocês.

A todxs produtorxs culturais que colaboraram com a pesquisa, com incentivos, com entrevistas, por compartilharem suas vidas e suas histórias. Parabéns pelas lutas e sigamos!

Ao PET, por sempre ser meu refúgio, meu lugar de acolhimento, lugar que sigo em aprendizado desde 2010, lugar de trocas e sensibilidades: não tem jeito, uma vez petianx, sempre petianx.

Muito obrigada a todxs. Sem vocês não seria possível

Resumo

PERES, Carolina Pereira. **Geo-grafias dos sujeitos: gênero e ação cultural em Nova Iguaçu**. 108p. Dissertação (Mestrado em Geografia, Espaço e Política) Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2017.

A Geografia nos permite refletir espacialmente a experiência cotidiana dos habitantes da cidade e este trabalho busca destacar a importância da ação cultural na cidade de Nova Iguaçu/RJ. As ações que ressaltamos nesta análise trazem contribuições para o pensamento crítico acerca das questões de gênero, corpo e sexualidades. O Coletivo Baphos Periféricos, o Poesia Segunda Pele, Sarau V, Cineclube Buraco do Getúlio e o Coletivo Cineclubista Xuxu com Xis são ações construídas coletivamente, por sujeitos que reafirmam sua existência enquanto periféricos e produzem espaços de diálogos a partir de suas demandas, construindo uma cidade possível a essas existências. Ressaltamos as formas de organização destas ações, os confrontos, dificuldades e limitações dos sujeitos que as animam, que apesar de não possuírem as tecnologias mais avançadas, promovem encontros, eventos e atrações, cujos sentidos colaborativos e horizontais merecem ser compreendidos. Os estudos dessas ações na Geografia e, sobretudo, os estudos de gênero, corpos e sexualidades nos espaços urbanos constituem estudos ainda marginalizados no campo da Geografia Cultural. Nos apoiaremos em autoras como Joseli Silva, que em seu livro “Geografias Subversivas” (2009) traz uma opção metodológica para que possamos subverter as estruturas sociais que oprimem sujeitos e sujeitas periféricas e LBGTQI+, dando-lhes visibilidades dentro de um campo científico em que, historicamente, predominou o conhecimento do homem, numa perspectiva machista da ciência. A contribuição da segunda onda do feminismo para a Geografia foi de extrema importância para os estudos de gênero, corpos e sexualidades. Ainda assim, a epistemologia da Geografia é pautada por um enfoque científico masculino e ocidental, sobretudo europeu. Tal fato, reflete-se em ausências desses saberes não-hegemônicos nos currículos das Universidades e por uma conjuntura política que dificulta o debate sobre estes temas em outros espaços educacionais. As ações culturais de Nova Iguaçu que reunimos nesta análise refletem uma busca por dirimir as opressões causadas a esses sujeitos, e revelam ao corpo, à rua, à periferia, às mulheres, aos LBGTQIs+ o sentido subversivo necessário ao confronto das opressões cotidianas para tornar possível uma vida urbana renovada.

Palavras-chave: ações, gênero, sujeitos.

Abstract

PERES, Carolina Pereira. **Geo-graphys of persons: gender and cultural action in the city of Nova Iguaçu**. 108p. Dissertation. Master in Geography, Space and Politic. Graduate Program in Geography, Federal Rural University of Rio de Janeiro. Nova Iguaçu, RJ, 2017.

Geography allows us to reflect spatially the daily experience of the population of the city and this work seeks to emphasize the importance of cultural action in the city of Nova Iguaçu / RJ. The actions we emphasize in this analysis bring contributions to critical thinking about issues of gender, body and sexualities. The Collective Baphos Periféricos, the Poesia Segunda Pele, Sarau V, Buraco do Getúlio Cineclub and Coletivo Cineclubista Xuxu com Xis are actions built collectively, from subjects that reaffirm their existence as peripheral and produce spaces of dialogues based on their demands, building a possible city to these existences. We will emphasize the forms of organization of these actions, the confrontations, difficulties and limitations of these persons, who despites not possessing the most advanced technologies, they promote meetings, events and attractions, whose collaborative and horizontal senses deserve to be understood. The studies of these actions in Geography and, above all, studies of gender, bodies and sexualities in urban spaces are still marginalized studies in the field of Cultural Geography. We will rely on authors such as Joseli Silva, who in his book "Geografias subversivas" (2009) brings a methodological option so that we can subvert the social structures that oppress these subjects and peripheral personand LBGTQI +, giving them visibilities within a scientific field in that historically dominated the knowledge of man, in a male chauvinist perspective of science. The contribution of the second wave of feminism to Geography was of extreme importance for studies of gender, bodies and sexualities. Nevertheless, the epistemology of Geography is guided by a masculine and western scientific approach, mainly European. This fact is reflected in the absence of these non-hegemonic knowledge in the university curriculum and by a political conjuncture that makes it difficult to debate these themes in other educational spaces. The cultural actions of Nova Iguaçu that we gather in this analysis reflect a search to resolve the oppressions caused to these subjects, and bring to the body, the street, the periphery, women, LBGTQIs + the need to subvert daily oppressions and become possible a life urban renewal.

Keywords: action, gender, person

Lista de Figuras

<i>Figura 1: “O feminismo é libertador! Eu mesma não sei quem sou, um corpo livre ou um livre corpo? A revolução que comecei em mim, ah, meu bem! Você não sabe o bem que fez...Um corpo livre de machismo é um corpo de amor.”</i>	23
<i>Figura 2: Pôster do filme “Poesia Segunda Pele”.</i>	24
<i>Figura 3: Praça dos Direitos Humanos.</i>	30
<i>Figura 4: Muro grafitado.</i>	32
<i>Figura 5: Muro pintado pela loja</i>	33
<i>Figura 6: Reportagem sobre Judith Butler</i>	43
<i>Figura 7: Reportagem sobre Judith Butler</i>	44
<i>Figura 8: Números de estupros em cidades da Baixada Fluminense</i>	49
<i>Figura 9: “Mapa de Crimes Violentos (estupros) na Região Metropolitana do Rio de Janeiro-</i> -----	50
<i>Figura 10: Foto de Camila Senna após agressão</i>	52

Lista de Quadros

<i>Quadro 1: Definindo conceitos</i> -----	45
--	----

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. NOVAS CENTRALIDADES E SUJEITOS DAS AÇÕES:	18
1.1 AS AÇÕES CULTURAIS DE GÊNERO NA CIDADE DE NOVA IGUAÇU.....	18
1.2 O PROTAGONISMO DOS PRODUTORES CULTURAIS DA BAIXADA: QUEM SÃO XS SUJEITXS DA AÇÃO?	26
1.3 “SE EU APANHO NA PAULISTA, IMAGINA NA RUELA”	33
CAPÍTULO II - POR UMA GEOGRAFIA SUBVERSIVA, POLÍTICA E FEMINISTA	41
2.1. A VALORIZAÇÃO DE UMA CIÊNCIA SENSÍVEL E DIALÓGICA: CONSTRUINDO COM O OUTRO.....	41
2.2. A BICHA PRETA JÁ TAVAM NO JAPERI ANTES DE JUDITH BUTLER”: AS “IMUNDICES VERBAIS”	43
2.3. POESIA SEGUNDA PELE: MULHERES, CORPOS E POESIA NO PAÍS DO FEMINICÍDIO.	48
CAPÍTULO III - A CIÊNCIA MACHISTA: POR UMA CONSTRUÇÃO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS:	54
3.1. A TRAJETÓRIA DE UMA CIÊNCIA MACHISTA	54
3.2. POR UMA GEOGRAFIA FEMINISTA.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
Anexos	67
ANEXO A - RELATÓRIO DE CASOS DE HOMICÍDOS – CENTRO LGBT BAIXADA I	68
ANEXO B – ENTREVISTAS	75
ANEXO C – TABELA DE AÇÕES	90

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma tentativa de contribuir para o debate de gênero, corpo e sexualidade numa abordagem geográfica que prioriza a ação na compreensão do cotidiano da periferia. A ideia de realizar um estudo sobre as ações culturais na cidade de Nova Iguaçu/RJ se deu a partir de uma expressividade latente de determinados grupos culturais da periferia que colocam nas suas pautas debates de gênero, corpo, mulheres e sexualidade. Entendemos aqui que essas ações culturais são também ações políticas, ações críticas às narrativas midiáticas que frequentemente criminalizam a vida na Baixada Fluminense. Optamos pelo termo ações culturais porque entendemos que cultura e política são indissociáveis e nos fazem enxergar nosso cotidiano de maneira crítica, reforçando lutas e demandas coletivas. Entendemos ainda que a arte, a poesia, o cinema, a música e a dança têm a potência de aproximar sujeitos e promover diálogos, trocas, estabelecer vínculos e evidenciar um sentido pedagógico a partir do encontro e do confronto ideológico e político na cidade. Optamos aqui pelo uso do “x” ao nos referirmos aos artigos que definem gênero que sempre tendem para o uso das palavras no masculino. Nos apoiaremos na metodologia de escrituras de gênero e letramentos de intervenção (BORBA & LOPES, 2017) que serão explicitados mais adiante.

Escolhemos cinco ações culturais que se realizam na cidade de Nova Iguaçu e, por meio de uma análise de tais grupos e eventos, buscaremos evidenciar a importância da compreensão da ação em nossa ciência: 1) O *Coletivo Baphos Periféricos*, formados por sujeitos que trazem para o território debates, identificação, comunicação referentes a existências LGBTQIs na Baixada Fluminense, com a intencionalidade de estabelecer um lugar seguro para esses corpos, essas existências; 2) O *Poesia Segunda Pele*, que traz poesias de autores da Baixada Fluminense para o corpo de mulheres e, através da fotografia, faz com que se elas se sintam mais a vontade com seus corpos, sobretudo corpos que não se encaixam nos padrões de feminilidade. Camila Senna, idealizadora desta ação, faz questão de que todas as mulheres por ela grafadas se desloquem até a Baixada, visando uma visibilidade deste território; trazendo também o debate sobre gênero, corpo e feminilidade; 3) O *Sarau V*, idealizado por Janaína Tavares, traz para o espaço público a discussão referente a diversos temas, com a proposta de um “microfone aberto” onde os participantes expõem sua música, sua poesia, suas reflexões sobre os temas trabalhados durante as edições. Essa ação já trouxe a debate temas como machismo, gênero e fazem pensar sobre a ocupação do território da Baixada Fluminense e a importância que a juventude tem de propor mudanças e reforçar lutas; 4) O *Coletivo Cineclubista Xuxu com Xis*, se organiza de maneira itinerante e leva filmes e discussões para os territórios que pretendem atingir. Valorizam a produção audiovisual da Baixada Fluminense e sobretudo narrativas deste território. Este Coletivo possui parcerias com as demais ações culturais em Nova Iguaçu e no ano de 2016 lançou o filme “Poesia Segunda Pele”, que faz parte de alguns circuitos de festivais de cinema do Rio de Janeiro¹; 5) O *Cineclube Buraco do Getúlio*, ação cultural que existe há mais de 10 anos em Nova Iguaçu, passou por algumas reformulações durante todos esses anos de trajetória e há 3 anos decidiu sair do espaço privado do Bar Ananias, no centro da cidade, para o espaço público, para a Praça dos Direitos Humanos. O cineclube através de uma metodologia que valoriza os encontros e a festa, traz para seu evento debates sobre corpo, gênero, sexualidades, periferia, entre muitas outras temáticas ao longo de tantos anos de trajetória, traz também artistas, cineastas, produções independentes para compor essa ação.

¹ Recentemente, estive em exibição no 11º Festival Visões Periféricas, no dia 2 de dezembro de 2017 na Caixa Cultural do Rio de Janeiro.

É cada vez mais frequente o debate a respeito da arte como possibilidade de leitura e interpretação do espaço socialmente construído (BARBOSA, 2000, p.69) e estamos percorrendo esta possibilidade de interpretação desde a pesquisa iniciada na monografia “Cinema e Geografia: uma reflexão sobre acesso, uso e consumo na Região Metropolitana do Rio de Janeiro”.

Esta opção metodológica parte do reconhecimento de um conjunto de ações espontâneas, construídas coletivamente e que evidenciam a cidade como obra coletiva (LEFEBVRE, 2001), como espaço banal (SANTOS, 1994), de todos, e reconhece que as ações dos sujeitos, além de serem geografadas em mapas, podem ser (e são) grafadas no corpo. Paola Jacques (2008) nos traz uma noção importante para este reconhecimento, que é a corpografia. Apesar de muitas geógrafas e muitos geógrafos trabalharem com temas que aproximem as ações, os estudos de gênero, corpo e sexualidades numa abordagem da Geografia Cultural brasileira, ainda persiste um mal-estar acadêmico que tende a marginalizar (KOZEL, 2013) estes estudos, colocando-os como menos relevantes nos encontros e publicações acadêmicas. Uma análise importante sobre o tema foi feita por Joseli Silva (2009) no livro “Geografia Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades”, especialmente no artigo “Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica” que nos orienta a pensar que a marginalidade destes temas para a Geografia está intrinsicamente ligada à própria ausência das mulheres nas diversas áreas de atuações acadêmicas – coordenação de cursos, editorias de revistas, entre outros, muito embora mais da metade do meio acadêmico brasileiro seja formado por mulheres; mais de 50% das mulheres são bolsistas de mestrado, doutorado e pós doutorado (SILVA, 2009, p. 61). Ou seja, embora haja uma maior presença feminina no meio acadêmico, essa presença não se apresenta de forma proporcional nos conselhos editoriais: há uma maior influência dos homens nessa produção científica, refletindo assim, nas publicações. Ainda que as mulheres produzam pesquisa e ocupem estes cargos nos conselhos editoriais, não necessariamente os trabalhos incorporariam as discussões de gênero, visto que essa mudança, para ser considerada uma geografia feminista, precisaria estar pautada numa mudança epistêmica.

Para Silva (et. al, 2017) o científico é sempre político. “Os princípios e enunciados jamais são considerados como fora de embates e medição de forças e interesses” (SILVA et. al, 2017, p.13). Isto revela que “a ação de conhecer baseia-se nas epistemologias escolhidas que estão nas entranhas dos processos de pesquisa e isso precisa ser assumido, discutido e colocado de forma transparente em uma perspectiva feminista” (SILVA et. al, 2017, p.13). Os corpos importam nas experiências espaciais e também nas práticas de pesquisa. Esse aspecto é incontestável e deve ser considerado no processo de flexibilização. Para a autora, é o corpo teórico e metodológico de um campo científico que cria as invisibilidades de certos fenômenos e grupos sociais e não a realidade em si (idem).

Caberia dizer que a incorporação de temas como corpo, gênero e sexualidades na Geografia foi feita por autoras da Geografia Feminista nesta perspectiva de balançar o campo científico. Muito inspiradas pela segunda onda do feminismo que buscava trazer para esta ciência a igualdade entre mulheres e homens

Atualmente, existem muitos embates e muitos enfrentamentos internos no Movimento Feminista. A dificuldade de dialogar com outros movimentos é um problema recorrente

porque existem integrantes muito radicais². Partindo do pressuposto de que o feminismo não se constitui como um dogma e sim um movimento que se constrói diariamente, a necessidade de estabelecermos um feminismo interseccional se evidencia, onde partimos do princípio de que as opressões não atingem as mulheres da mesma forma em relação a raça, gênero, etnia, classe social.

Quando nos referimos a uma cidade da Baixada Fluminense, marcada pela pobreza, baixas taxas de escolaridade, esse debate torna-se fundamental. É necessário um feminismo capaz de dialogar com essa interseccionalidade para aproximar as mulheres, reforçar suas lutas, e não constituir mais um movimento opressivo. É necessário estabelecermos uma distinção, em que existem movimentos distintos: o feminismo é um movimento de cunho político, uma ação política, tomado por três grandes ondas de acordo com os contextos sociais à época. Na primeira onda, uma luta por um feminismo liberal, de mulheres burguesas a fim de direito ao voto, melhorias nas condições de trabalho em um contexto do fim do século XIX e no início do século XX. A segunda onda, uma luta por um feminismo radical, onde os corpos das mulheres aparecem como elementos de disputa: a luta por direito ao aborto, luta pelo uso de métodos contraceptivos, luta pela liberdade de seus corpos no contexto de movimentos sociais que percolavam o mundo nos anos 1960. A terceira onda feminista, a partir dos anos 1990, partiu da necessidade de criticar as lutas e os direitos das mulheres que a segunda onda reivindicava onde não estavam incluídas as pautas de um feminismo que não fosse de mulheres brancas, de classe média, havendo a necessidade de incluir pautas das mulheres de diferentes etnias, nacionalidades, culturas, cores³ e com a necessidade de se desconstruir os padrões de gênero, masculinidades e feminilidades impostas.

A ciência geográfica, influenciada pela segunda onda do feminismo, começa a ter uma recorrência muito maior de trabalhos que pensem os conflitos de gênero na geografia, que evidenciem a existência feminina na epistemologia da geografia e na produção de metodologias e práticas. A partir disso, nos anos 70 e principalmente na Europa, Estados Unidos e Canadá os estudos feministas na Geografia se deram com maior expressividade (DRAKE e HORTON, 1983; KOFMAN e PEAKE, 1990; MCDOWELL, 1983; MASSEY, 1984; PRATT e HANSON, 1988; Institute of British Geographers (IBG), 1979). Começa, portanto, a se construir uma Geografias Feministas, no plural, para abranger a pluralidade de trabalhos científicos nesta área sob diferentes ideologias.

Ainda que essas Geografias Feministas sejam consideradas um campo marginal da geografia, nos apoiaremos aqui nessa pesquisa em metodologias a partir das Geografias Subversivas (SILVA, 2009), porque entendemos que discutir gênero, sexualidades, corpo e assumir posturas de pesquisadora feminista gera desconfortos, conflitos e polêmicas na academia.

Durante o processo de desenvolver esta pesquisa para dissertação, muitas mudanças foram acontecendo. Inicialmente, como desdobramento da monografia intitulada “Cinemas e Região Metropolitana do Rio de Janeiro: reflexões sobre acesso, uso e consumo”, especialmente do terceiro capítulo onde se trabalhou “A resistência criativa dos cineclubes”,

² Entendemos o radicalismo como uma tática de enfrentamento que por vezes pode ser prejudicial ao movimento, pois ao ser muito fechado em sua própria pauta, tende a impossibilitar o diálogo e a possibilidade de conquistas mais amplas em suas lutas.

³ Para Machado (2016), “Em determinada perspectiva, o feminismo negro surgiu no final do século XIX, nos Estados Unidos da América, no momento de confluência tensa entre dois movimentos, o abolicionista e o sufragista (VELASCO, 2012). E os pensamentos das mulheres feministas negras estão presentes e se construindo hoje em muitos outros países, como no Brasil”.

optamos por um projeto que abarcasse as ações culturais na Baixada Fluminense, na perspectiva de se pensar a influencia destas ações para os territórios, os sujeitos e suas organizações coletivas e horizontais. Por uma viabilidade da pesquisa, necessitamos fazer um recorte para a cidade de Nova Iguaçu e trazeremos as ações que acontecem nesse território. Entretanto, alguns atravessamentos aconteceram e mudaram o rumo de nossa pesquisa. O movimento “me avisa quando chegar” proposto pelas alunas da UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, denunciando casos de estupro, agressões e violências contra as mulheres professoras e estudantes nessa instituição despertaram na pesquisadora uma necessidade latente de trazer o debate de gênero e as relações de poder tanto evidenciadas no cotidiano da cidade, quanto evidenciada nos espaços acadêmicos. Os machismos presentes dentro da sala de aula, mesmo na graduação, na pós-graduação, por professores que veem as lutas feministas e pautas das mulheres como dignas de piadas, como se isso diminuísse a violência atrelada ao discurso, fizeram perceber o quanto é necessário que as pesquisadoras falem sobre gênero, discutam o machismo e façam essa violência masculina ser repensada. Revivenciando as trajetórias entre graduação e pós graduação, percebemos uma ausência nas grades curriculares de disciplinas que se proponham a discutir gênero na geografia, onde apenas poucas professoras mulheres se propõem a discutir o tema ou se propõem a trazer outras epistemologias ou mesmo trazer autoras mulheres nas diversas disciplinas, ainda que a geografia tenha um equilíbrio nas proporções de homens e mulheres em funções docentes nos cursos de instituições superiores (SILVA, 2009, p. 63). Entender que nós, pesquisadoras, temos que superar essas violências dos discursos na academia, fez entender a necessidade de expor esse panorama de nossa ciência.

Paralelo a isso, fora da academia, também vivenciamos violências enquanto mulheres, enquanto gays, transexuais e enquanto lésbicas. Viver a cidade de Nova Iguaçu, ter direito é a ela é uma problemática. Estamos nos referindo a uma cidade que dentro do contexto de Baixada Fluminense e no contexto de Região Metropolitana, é a que mais teve recorrência de crimes relacionados a estupro e que possui muitas recorrências de casos relacionados a homofobia. Portanto, ser pesquisadora, mulher, lésbica, dentro de instituições machistas e fora dessas instituições sofrer outras violências e agressões, mostra a necessidade de nos reforçarmos com ações feministas, com pensamentos feministas enquanto movimento político. É essencial nos comprometermos enquanto pesquisadorxs com estes princípios, para que contribua para a emancipação feminina, para o respeito, para que os homens não reproduzam as violências, os privilégios. Isso dentro e fora da academia. As lutas cotidianas nas ações culturais num movimento constante de construção e desconstrução nos mostram que academia e os demais saberes estão buscando dar fim a essas opressões de gênero e de sexualidade. Portanto, o feminismo é fundamental para nos orientar nessa busca. Os sujeitos na nossa pesquisa trazem às ações justamente essas pautas de gênero, sexualidade, corpos por uma necessidade de lutar contra essa sociedade machista e homofóbica estruturada pelo patriarcado.

Há uma necessidade de mulheres, gays, lésbicas, transexuais se refugiarem em espaços que não sejam heteronormativos para exercer suas sociabilidades e afetividades sem que corram risco de vida. Isso não é possível em muitas ruas, bairros na cidade, fazendo com que esses sujeitos – e aqui a pesquisadora se inclui – precisam se resguardar em espaços privados por medo de situações em diversos tipos de violências. Sozinhxs, não é possível ocuparmos a cidade, mas enquanto ação cultural coletiva que se propõem a trazer este debate do/no espaço público, constitui-se num território onde se torna possível as afetividades e sociabilidades, sem risco de violências e agressões durante aquele momento da ação.

Há ainda quem não considere geográficos os estudos de gênero, sexualidades e do corpo, mas esta é uma consequência de um olhar profundamente marcado pela colonialidade do saber, onde a ciência, tal como conhecemos e concebemos, tem heranças de um conhecimento eurocentrado, reflexo da moderno-colonialidade (QUIJANO, 2007).

Esta ciência machista, branca, cis-gênera se coloca numa posição hierarquicamente superior a outros saberes, ou de pensamento único e, aliado a uma missão civilizatória, faz com que tudo e todos que se colocam fora destes padrões normativos sejam “colonizados”, perseguidos ou estigmatizados. Descolonizar o gênero é necessariamente uma *práxis*. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada, visando a transformação vivida do social. (LUGONES, 2014, p. 940). Colonialidade de gênero é a opressão de gênero racializada capitalista e o feminismo descolonial é a possibilidade de superar essa colonialidade de gênero por meio de análises que permitam à mulher compreender essa situação sem sucumbir a ela⁴.

Durante as aulas de Seminário de Pesquisa na Pós-Graduação, ministradas por Anita Loureiro, tivemos a possibilidade de ter contato com outras epistemologias, pautadas no pensamento de(s)colonial e nas disputas epistêmicas da contemporaneidade. Através da metodologia das janelas reflexivas, foi possível abarcar as mudanças necessárias citadas anteriormente para a incorporação de leituras de gênero e feministas, a partir desse aprofundamento reflexivo⁵.

Dividimos nossa pesquisa em três capítulos. O primeiro “Novas centralidades e sujeitxs das ações” subdivide-se em três seções: “as ações culturais de gênero na cidade de Nova Iguaçu”; “Protagonismo e produção cultural da Baixada Fluminense: quem são xs sujeitxs da ação?”; e “se eu apanho na Paulista, imagina na ruela”. Neste primeiro capítulo nossa proposta é entender os sujeitxs que compõem as ações – que são pessoas que estão em movimentos de construção e desconstrução – e que estão incluídos em relações de poder e disputas de poder, por mais que essas ações se comprometam a lutar contra violências, opressões. São homens, mulheres, gays, lésbicas, transexuais que lutam também por suas existências numa cidade de periferia que possui altos índices e narrativas de muita violência neste território. Essas ações e estes sujeitos lutam por um direito à cidade possível, onde haja espaços que não se adequem à heteronormatividade e que seja concebido enquanto abrigo, ou seja, um lugar onde haja segurança a estas pessoas. No primeiro subcapítulo fazemos uma apresentação destas ações culturais: quem são os sujeitos, porque compor esse tipo de ações, o que acontece durante esses eventos, as parcerias, as metodologias e as trajetórias vivenciadas na cidade. No segundo subcapítulo abrimos a tessitura de relações entre essas ações, expondo que mesmo elas, possuem reproduções de alguns machismos, de relações de poder, disputas territoriais e que nem sempre é a coletividade que predomina nessas ações, evidenciando assim os conflitos imbricados, por vezes contidos.

⁴ Idem, 2014

⁵As referências teóricas orientadas pela disciplina Seminário de Pesquisa incluem proposições sobre Geografia, Existência e Cotidiano (Leituras de Santos, 2000; Silveira, 2006; Sartre, 2014); nos trazem discussões acerca do Pensamento Descolonial e Práticas Acadêmicas Dissidentes (Quijano, 2005; Moraes, 2013); nos trazem discussões sobre a lógica cultural ocidental capitalista e a importância dos saberes outros (Almeida, 2014 em uma leitura sobre diversidade e monoculturas da mente de Vandana Shiva.) Tivemos também, durante esta disciplina, o contato com a proposta de decolonizar o gênero de Lugones (2014), rumo a um feminismo descolonial. O tema desta dissertação também é o tema estudado e pesquisado pela orientadora Anita Loureiro, que juntamente com Roberta Arruzzo, coordenam o grupo de pesquisa Geografia, Cultura, Existência e Cotidiano, nomeado de “Coletiva Vandana Shiva” em que desde 2015 se reúne semanalmente dialogando sobre geografia e gênero. E este diálogo permitiu a construção do objeto desta pesquisa.

O segundo capítulo intitulado “Por uma Geografia subversiva, política e feminista”, subdivide-se em três seções “A valorização de uma ciência sensível e dialógica: construindo com o outro”; “As bicha preta já tavam no Japeri antes de Judith Butler: as imundices verbais”; “Poesia Segunda Pele: mulheres, corpos e poesia no país do feminicídio”. No primeiro subcapítulo evidenciamos os saberes que valorizam a ciência a partir de perspectivas pautadas na subjetividade, nos pequenos gestos, nos movimentos descoloniais, diferente da perspectiva de uma ciência moderna preocupada em dados, comprovações análises quantitativas. O segundo subcapítulo propõe valorizar os saberes “mundanos”, um mergulho nos saberes do mundo: i-mundar, as falas, as expressões, destes sujeitxs usadas para explicar em suas ações os termos que aparecem e estabelecem críticas ao saberes acadêmicos, que segundo eles não são suficientes para explicar e acompanhar a pluralidade de gêneros e corpos que existem. O terceiro subcapítulo nos propomos a analisar os preocupantes dados acerca da violência contra a mulher, os crimes de estupro e como a cidade de Nova Iguaçu possui dados alarmantes. Citamos também o próprio caso da produtora cultural Camila Senna, idealizadora do “Poesia Segunda Pele” que sofreu agressão por aproximadamente 10 homens em um bar no centro de Nova Iguaçu, impedindo a produtora de dar continuidade aos seus trabalhos por muitos meses. Ainda que essas violências aconteçam no nosso cotidiano, é necessário nos reforçarmos a lutas, subvertemos essas ordens, tanto nas lutas fora da academia quanto dentro dela, através de metodologias subversivas, dissidentes.

O terceiro capítulo intitulado “A ciência anti-machista: por uma construção de outras epistemologias”, subdivide-se em dois subcapítulos: “A trajetória de uma ciência machista” e “Por uma Geografia Feminista” buscamos, com o aporte teórico de geógrafas feministas, estabelecer uma leitura feminista em nossa ciência, trazendo uma retrospectiva dos estudos de gênero e dos estudos feministas na geografia, ainda que estes ainda sejam categorizados como campos marginais de um saber marcadamente sexista.

Buscamos, portanto, reforçar a importância de pensarmos uma ciência que valorize as ações e os debates de quem está fora dos padrões normativos e não pretende ser colonizado, perseguido ou estigmatizado. Nos apoiaremos em autores que trabalham a partir de epistemologias dissidentes, para além de serem pós ou de(s)coloniais, tensionando a necessidade da ciência reinventar-se, redefinir-se e dando fim à ideia de que as estruturas acadêmicas são consensualmente imutáveis. Nos apoiaremos na ideia de Geografias Subversivas (SILVA, 2009).

Pretendemos, juntamente com xs sujeitxs (mulheres, homens, LBGTQIs⁶) das ações culturais de Nova Iguaçu, repensar o papel de suas geo-grafias cotidianas, inscritas no espaço urbano, baseado em suas ações coletivas, que nos parecem ser, quase sempre, pautadas pela horizontalidade, pela sensibilidade e pela espontaneidade. E a academia, a ciência, precisa aprender a partir da pedagogia da existência (SANTOS, 1996) própria destes movimentos da sociedade.

O “desapego apaixonado” exige mais do que o reconhecimento e parcialidade autocrítica. (HARAWAY, 1988, p. 585 apud SILVA et. al.2017). Trata-se de reconhecer a

⁶ LBGTQIs referem-se a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer e Intersexuais. Vale ressaltar que esta sigla demonstra o movimento feito pelos militantes; A Sociedade é movimento e a análise tem que estar em movimento. Como nos orienta Lefebvre (1987) em sua reflexão de método “o conhecimento é vivido e o movimento do pensamento precisa acompanhar o movimento do real”. Nos anos 80, a sigla usada era LGB (Lésbicas, Gays, Bissexuais), anos 90 passou a se incorporar o os transexuais na sigla (LGBT) e nas últimas décadas, seu uso passou a abranger o Queer e Intersexual. Entendemos também a necessidade de reforçar lutas e bandeiras, pois muito comumente o termo “gay” acaba sendo usado, generalizando toda a comunidade LBGTQI.

necessidade de um distanciamento crítico, de tentar estranhar aquilo que é vivido cotidianamente. Um movimento de método importante da pesquisa é se reconhecer enquanto sujeito da pesquisa e refletir sobre o quanto a experiência pessoal influencia na pesquisa desenvolvida.

CAPÍTULO I

1. NOVAS CENTRALIDADES E SUJEITOS DAS AÇÕES:

"A cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as ações. E, no entanto, ela cria tudo"
(LEFEBVRE, 1999, p 109)

O presente trabalho é uma tentativa de contribuir para o debate de gênero, corpo e sexualidade numa abordagem geográfica que prioriza a ação na compreensão do cotidiano da periferia. Neste capítulo, o objetivo é trazer as ações culturais de Nova Iguaçu que estimulam reflexões sobre gênero e pensar com os sujeitos que as animam as motivações e as consequências destas práticas no cotidiano da cidade.

1.1 AS AÇÕES CULTURAIS DE GÊNERO NA CIDADE DE NOVA IGUAÇU.

*A arte é o meio mais seguro para nos evadirmos do mundo;
ela é também o meio mais seguro para nos vincular a ele"*
(GOETHE, 2014, p.205)⁷

A ideia de realizar um estudo sobre as ações culturais na cidade de Nova Iguaçu/RJ se deu a partir de uma expressividade latente de determinados grupos culturais que colocam nas suas pautas debates de gênero, corpo, mulheres e sexualidade na periferia. Entendemos aqui que essas ações culturais são também ações políticas, ações críticas às narrativas midiáticas que frequentemente criminalizam a vida na Baixada Fluminense. Optamos pelo termo ações culturais porque entendemos que cultura e política são intrínsecas e nos fazem enxergar nosso cotidiano de maneira crítica, reforçando lutas e demandas coletivas. Entendemos ainda que a arte, a poesia, o cinema, a música e a dança têm a potência de aproximar os sujeitos e promover diálogos, trocas, estabelecer vínculos e evidenciar um sentido pedagógico a partir do encontro e do confronto ideológico e político na cidade. Oliveira (2008) inspirando na reflexão de método proposta por Lefebvre (1987) afirma que:

O movimento dialético da reflexão lefebvriana orienta a construção de vínculos entre orientações teóricas e prática, entre pensamento e ação. Reconhecer o valor prático do senso comum e articular as falas do homem lento às teorias sociais é estabelecer uma proposta de produção do conhecimento que parte de um movimento dialético que, ao invés de destruir o pensamento do outro, busca desvelar sua potencialidade, superando-o, sem eliminá-lo" (OLIVEIRA, 2008, p.27).

Ainda dialogando com Lefebvre, Oliveira (2008) reconhece que “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos

⁷ GOETHE, Johann Wolfgang von. As afinidades eletivas. 1ed. São Paulo, Penguin Classics. Companhia das letras, 2014. p.205

(inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade” (id., p. 15). A ação insurgente revela o encontro e o confronto de diferentes racionalidades e modos de viver, que coexistem tensamente na cidade (OLIVEIRA, 2008, p.73).

Escolhemos cinco ações culturais que se realizam na cidade de Nova Iguaçu e, por meio de uma análise de tais grupos e eventos, buscaremos evidenciar a importância das ações em nossa ciência geográfica. Optamos por uma análise metodológica onde partimos do reconhecimento de um conjunto de ações espontâneas, construídas coletivamente e que evidenciam a cidade como obra coletiva (LEFEBVRE, 2001), como espaço banal (SANTOS, 1994), de todos, e reconhece que as ações dos sujeitos, além de serem geografadas em mapas, podem ser grafadas no corpo. Paola Jacques (2008) nos traz uma noção importante para este reconhecimento, que é a corpografia, onde:

A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de corpografia urbana. A corpografia é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta. (JACQUES, 2008).

Para a Geografia, é importante trazermos o corpo para nossas análises, pois o corpo expressa as relações sociais dos sujeitos, sua relação com o espaço, sua subjetividade. Para além das corpografias (JACQUES, 2008), a noção de corporeidade (LIMA, 2015) reflete uma “relação constitutiva entre o espaço e o corpo, de maneira que se poderia perfeitamente admitir a ideia de espaço geográfico como uma relação de corpos”. Trazer leituras desses corpos femininos, cisgêneros, transgêneros, LGBTQI⁸, não binários, periféricos é essencial enquanto metodologia para nossas análises. São subversivos por excelência, pois espera-se deles comportamentos, costumes, condutas baseadas em um padrão cisgênero, heterossexual, adequados a uma perspectiva heteronormativa machista. Esta leitura corporificada é essencial para entendermos os confrontos e as lutas evidenciadas por estas ações culturais de Nova Iguaçu, porque apesar de FOUCAULT (1977, 2001, 2002) nos orientar que existe um aparelho de controle sobre o corpo, tornando-o dócil e disciplinado, existe também uma resistência criativa que subverte essa ordem estabelecida. Nas ações culturais de Nova Iguaçu que escolhemos neste trabalho, isso fica bastante evidente. São cinco ações as que elegemos para a análise: Cineclube Buraco do Getúlio, Baphos Periféricos, Poesia Segunda Pele, Sarau V e Cineclube Xuxu com Xis. Essas ações culturais refletem a importância de uma militância baseada em uma metodologia horizontal e que acompanham o movimento de uma realidade plural, de corpos indóceis e subversivos.

É importante salientar que a Baixada Fluminense possui uma rica diversidade de ações culturais em seus diferentes municípios. É o caso do Cineclube Mate com Angu (Duque de Caxias), Baque da Mata (Nova Iguaçu), Sarau RUA (Nilópolis), Centro Cultural Donana (Belford Roxo), Rock Pense (Mesquita), entre outros. Contudo, para a conclusão deste trabalho seria impossível abarcar tantos projetos e tantas militâncias. Portanto, um recorte foi necessário. Escolhemos ações culturais que ocorrem no município de Nova Iguaçu e que tenham como pauta em suas realizações temáticas como corpo, gênero e sexualidade, mas que

sobretudo essas ações propiciem lugares seguros para a população LGBT (trabalharemos o conceito de “*canopy place*” mais adiante), visto que muitos espaços públicos e privados são hostis para essa população. A proposta coletiva e horizontal se estabelece enquanto característica comum destas ações culturais, em oposição aos grandes eventos ligados a uma lógica mercantil onde a cultura é consumida enquanto mercadoria.

O *Cineclube Buraco do Getúlio* existe há 11 anos e durante toda sua trajetória buscou trazer para os encontros algumas atividades além da exibição dos filmes, portanto, música, bandas, poesias sempre foram recorrentes nesta ação. Todas as edições possuem um tema que vão compor a escolha das bandas, dos filmes, das performances. Depois de quatro anos sendo abrigados em um espaço privado, o Bar Ananias, no centro de Nova Iguaçu, e de outros cinco anos na Casa de Cultura, os realizadores do *Cineclube Buraco do Getúlio* decidiram mudar, ampliar e abrir a produção e levar o evento para a Praça dos Direitos Humanos. O encontro, a exibição de produções e performances de artistas da Baixada Fluminense, essa construção de outras narrativas para a periferia são essenciais para os produtores do *Buraco do Getúlio*. A necessidade de compor diferentes temas e trazê-los para o imaginário e o debate coletivo na rua fazem do *Buraco* uma ação que já trouxe temas como *Buraco Gay* (2007), *Buraco Corpo* (2015), *Buraco Negro* (2015), *Buraco Feminista* (2015), *Buraco Minas da BXD*⁹ (2016), dentre muitos outros que nos fazem eleger esta ação como uma das que merecem uma análise mais detalhada. Durante os anos de 2015 a 2017, houve muitas edições do cineclube no espaço público (a Praça dos Direitos Humanos), mas por vezes aconteciam algumas atividades no Bar Ananias (em dias chuvosos).

Entendemos que essas ações são ações espontâneas, onde os organizadores não objetivam lucro e estão produzindo por sua livre vontade. Porém, um evento na Praça com a estrutura de uma festa como o *Buraco do Getúlio*, precisa seguir uma série de burocracias, e licenças para realização. Em uma de suas edições na Praça dos Direitos Humanos, com a temática “*Buraco Feminista*” (14 de março de 2015), o cineclube teve que se reorganizar (a sessão foi transferida para o Bar Ananias), pois não obtiveram o cumprimento de todas as exigências legais para sua realização e um dos organizadores – Diego Bion – teve que ser levado para a delegacia, pois o grupo gostaria de dar continuidade ao evento na Praça. Em 9 de maio de 2015, o *Buraco do Getúlio* volta ao espaço público com a edição “*Buraco Rua*”. Em carta aberta na página do Facebook do Cineclube, lê-se:

Nota sobre o sábado: No dia 01 de fevereiro de 2015 o Cineclube *Buraco do Getúlio* convocou grupos, coletivos, instituições, artistas, produtores, pesquisadores e público, de maneira geral e irrestrita para iniciar a construção da 172ª sessão dessa ação, que agora pretendia ocupar a Praça dos Direitos Humanos. Além de abrir os códigos da metodologia que desenvolvemos ao longo de mais de 8 anos de estrada, sentíamos que o próximo passo deveria ser dado através da potência da construção colaborativa desses sujeitos que vem produzindo e/ou consumindo atividades artísticas e culturais nas ruas, praças, becos e vielas da metrópole do Rio de Janeiro, contribuindo com a construção de outras narrativas e imaginários sobre diversos territórios.

A turma colou na reunião aberta, escolheu a temática da sessão, formulou, articulou, produziu e mobilizou um amplo conjunto de realizadoras audiovisuais, poetas, performers, ilustradoras e

⁹ O termo “*Minas da BXD*” refere-se às mulheres da Baixada Fluminense.

musicistas, entre tantas outras, para a realização da sessão intitulada #BuracoFeminista. A sessão pretendia contribuir, de maneira colaborativa, com a ampliação dos espaços de visibilidade para as práticas de diversas mulheres que estão no front da luta contra o patriarcado.

Como essa edição pretendia ocupar um espaço público em nossa cidade, notamos a necessidade de dialogar com o poder público local para entender quais as possibilidades de apoio estrutural para a realização dessa ação poderíamos contar. Pra surpresa geral da equipe, devemos confessar, fomos prontamente atendidos no pedido que fizemos para que a Secretaria Municipal de Cultura articulasse a liberação do “Termo de Assentimento Provisório” junto à Secretaria Municipal de Defesa Civil e Ordem Pública. Depois ainda vieram as solicitações de ponto de luz, banheiros químicos e tendas, tudo disponibilizado exatamente conforme o combinado.

Faltava então “apenas” o nada à opor do 20º Batalhão de Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e da 52ª Delegacia de Polícia Civil. No dia 12 de fevereiro fomos aos dois órgãos com o Termo de Assentimento da Defesa Civil em mãos afim de entregar o requerimento aos mesmos. Não fomos sequer recebidos pelos funcionários responsáveis pela avaliação do pedido e pelo possível atendimento, ou não, ao requerimento. Segundo informações de profissionais responsáveis pela triagem, o prazo mínimo para a solicitação é de 45 dias em ambos e naquele momento tínhamos “apenas” 30 dias antecedendo a data de realização do evento.

O trecho da Via Light entre a Praça dos Direitos Humanos e a pista de skate mais próxima vem sendo usada sistematicamente por outras 4 ações, que ao longo dos últimos 12 meses realizaram mais de 50 atividades culturais que vem contribuindo de maneira consistente e significativa com a ressignificação daquele espaço. Aquela pequena extensão da Via vem deixando de ser um lugar deserto, onde só cabiam a insegurança e o medo, para ser um lugar vibrante, ocupado por uma incrível diversidade de jovens atraída pelo hip hop, skate, poesia e roquerol, tudo isso recheado de encontros.

Nenhuma das ações citadas acima sofreu qualquer intervenção militar, e isso sem sombra de dúvidas pesou na hora de decidir continuar com o planejamento da sessão que realizamos no último sábado, dia 14 de março, mesmo sem todas as autorizações necessárias para “ocupar legalmente” aquele espaço que nos é de direito. Por conta disso muito nos causou estranhamento aquela abordagem da polícia tão precisa na busca por um documento específico. Não descartamos sabotagem, tem gente maluca e sem disposição pro corre que realmente vive do tropeço alheio. É uma pena.

Pra finalizar é importante ressaltar que a sessão deu certo! Não como planejamos, evidentemente, mas não há como negar que ver a turma que colou na reunião aberta pra pensar a sessão se organizando de maneira autônoma pra conduzir o público da Praça

até o Anania's Bar foi um espetáculo. Carros surgindo para colaborar com o traslado dos equipamentos de um ponto à outro, dezenas de pessoas se oferecendo pra carregar caixa no ombro, soltar tendas, enrolar cabos e extensões, nos dar uma palavra de incentivo, um abraço apertado. É isso, o conjunto de pessoas presentes na sessão caiu no Buraco, de braços dados e cantando. Gostaríamos de agradecer imensamente ao Anania's Bar pelas portas sempre abertas e a todas as intervenções que colaram, principalmente à poeta Alice Souto, à Pagufunk e à banda Cretina, que seguraram a onda com a gente e fizeram aquele bar tremer, máximo respeito!

Até quando o braço do Estado estendido para as juventudes das periferias da metrópole vai ser o braço armado da repressão?

A gente enverga mas não quebra.

Vai continuar tendo muito Buraco ainda.

Até a próxima.

"Nem todo trajeto é reto, nem o mar é regular." (CINECLUBE BURACO DO GETÚLIO, 2015).

Entendemos aqui que esta repressão e a negação à continuidade do evento, coloca em pauta as demais ações que usam o espaço público. A discussão sobre a legalidade, uso do espaço, a espontaneidade se torna necessária para “des-ordenar” a vida urbana, no sentido de confrontar essa ordem estabelecida a partir dos trâmites da burocracia que a legalidade exige. A Praça dos Direitos Humanos, no centro da cidade de Nova Iguaçu, se transforma à medida que esta ação cultural renova a vida urbana ali: nas margens da Via Light, é um território considerado perigoso, com riscos de assalto a qualquer hora do dia, onde os transeuntes passam apressados. Quando as ações acontecem, as vidas se renovam, é tempo de parar e apreciar o evento e o território é ressignificado: se constitui em um lugar seguro.

O *Sarau V* (Sarau “Viral”) é uma ação que possui uma trajetória de três anos, iniciando na Praça dos Direitos Humanos, posteriormente fazendo edições itinerantes pela cidade de Nova Iguaçu. Passou por um momento de encerrar suas atividades, mas hoje se organiza a partir de intervenções nas escolas públicas deste município. Durante seus dois primeiros anos, sempre buscou dar destaque à importância de a ação ser realizada na rua, especialmente à importância de ressignificar a rua. Escolheram a Praça dos Direitos Humanos, sobretudo pelo peso do nome que ela carrega e por ser um lugar no centro da cidade, às margens de uma via importante (Via Light, que liga a cidade de Nova Iguaçu à Pavuna, no Rio de Janeiro, passando por alguns municípios da Baixada). Para os realizadores do *Sarau V*, o debate era de extrema importância e esta ação se baseava no microfone aberto, onde qualquer pessoa tinha o poder da palavra, podia recitar uma poesia, cantar uma música, falar sobre sua trajetória de vida, numa perspectiva dos sujeitos periféricos se encontrarem e se reconhecerem e não buscarem referências nas ações no centro ou na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Cada edição também trazia um tema que ia compor as performances, as bandas, os debatedores convidados. Ressaltamos aqui o “V – Pixo, logo existo”, “V – Educar para não punir” e o “V - Para moçxs e viadx”, destacando a necessidade de trazer para o debate as questões de gênero, violência contra a mulher e homofobia. Sua idealizadora, Janaína Tavares, possui uma rede de colaboração com membros do Sarau V, que teve que passar por algumas reformulações após todo o tempo na Praça dos Direitos Humanos. A ideia

de se fazer uma ação itinerante é poder atingir mais trabalhadores, chegar a áreas mais periféricas e ressignificar essa periferia. Foram duas edições itinerantes: a primeira na Praça do Federal, no bairro Valverde. A segunda na rua da Divisa, no bairro Santa Eugênia, que acabou sendo interrompida devido à chuva que começou quando o evento já havia iniciado. Após isso, o Sarau V encerra suas atividades, mas a partir de março de 2017, o Sarau V retorna, reconfigurado. Neste momento, as intervenções são feitas nas escolas públicas do município de Nova Iguaçu, onde o público alvo são os jovens do ensino fundamental.

O *Poesia Segunda Pele* é uma ação que na maioria das vezes acontece na Casa de Cultura de Nova Iguaçu, mas que também possui um caráter itinerante, dependendo da escolha da mulher que está sendo grafada. A ideia do *Segunda Pele* é grafar no corpo de mulheres da Baixada Fluminense poesias feitas por artistas locais. Deve existir uma harmonia entre a mulher, o lugar de realização da ação, a poesia escolhida, de forma que a mulher se sinta à vontade para ser grafada e que nas fotos transpareça essa harmonia. É uma ação que questiona os padrões corporais dominantes, valorizando e empoderando as mulheres e seus corpos. Sua idealizadora, Camila Senna, grafa e fotografa os corpos das mulheres a fim de que elas se sintam à vontade (ver figura 1).



Figura 1: “O feminismo é libertador! Eu mesma não sei quem sou, um corpo livre ou um livre corpo? A revolução que comecei em mim, ah, meu bem! Você não sabe o bem que fez...Um corpo livre de machismo é um corpo de amor.”

Fonte: Camila Senna

O *Poesia Segunda Pele* conta com uma parceria com o Coletivo Cineclubista Xuxu Com Xis. A idealizadora do cineclube, Pamela Ohnitram, teve como grandes inspirações para aproximá-la do audiovisual: seu avô paterno foi faxineiro do cinema Metro Passeio no Rio de Janeiro e anos mais tarde tornou-se projetorista. Ela conheceu a Escola Livre de Cinema em Austin, Nova Iguaçu, tendo sido aluna. E a partir daí começaram as parcerias com Sarau V,

Poesia Segunda Pele, Cineclube Mate com Angu. Este cineclube tem caráter itinerante, acontece na rua, em Universidades, na Escola Livre de Cinema, e em outros espaços da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Atualmente, fazem circuitos de exibição do mais novo filme “Poesia Segunda Pele”. Conta com uma rede de colaboradores para esta ação e possui alguns outros trabalhos audiovisuais.



Figura 2: Pôster do filme “Poesia Segunda Pele”.
Fonte: Coletivo Cineclubista Xuxu com Xis

O Cineclube Xuxu Com Xis foi criado em 2012 como desdobramento de uma oficina ministrada pelo Mate Com Angu, na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, em Austin.

Seu nome é uma homenagem ao local onde tudo começou e onde era a sede do cineclube. As atividades ocorreram em 2013 periodicamente. O foco do cineclube era exibir curtas e médias-metragens para os moradores do bairro. Depois de um ano e meio fazendo ativismo, o cineclube ficou em recesso. Após a retomada, o cineclube está focado em circular pelos bairros periféricos ao centro de Nova Iguaçu com parcerias de outros coletivos artísticos. E produzindo seus próprios filmes independentes com o intuito de proliferar ainda mais o audiovisual na Baixada e debater através dos filmes questões que são deixadas de lado por muita gente. O Xuxu Com Xis é mais um coletivo formado com a intenção de valorizar o território em que está. (COLETIVO XUXU COMXIS, 2012)

O filme “Poesia Segunda Pele” foi disponibilizado em plataforma online e pode ser encontrado através do link¹⁰. Produzido pelo Cineclube Xuxu com Xis, com direção coletiva,

¹⁰ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ecT_7fOL-ro

o filme contou com muitas colaboradoras parceiras para compor o roteiro, fotografia e produção musical.

O *Baphos Periféricos* também traz o corpo e as discussões sobre gênero e sexualidade como temas centrais. Os corpos, periféricos, homossexuais são protagonistas das ações e lutam pela sua permanência e por suas existências, onde muitas vezes seu direito à cidade é prejudicado. Essa ação acontece na Praça dos Direitos Humanos, no centro de Nova Iguaçu, portanto, ainda que aconteça na rua, se constitui como lugar seguro para que esses corpos circulem, se encontrem, produzam, formulem sua luta por uma vivência periférica possível. O *Baphos* valoriza a livre expressão dos sujeitos, suas performances, suas experiências, seus receios de serem corpos LGBTQI+ em um contexto de periferia. Segundo a própria definição do Coletivo Baphos Periféricos (2016):

Não é só close, somos a iniciativa de dar/ser um espaço de visibilidade, em nosso próprio território, sendo artistas LGBTs de periferias - que se deslocam para o Centro do Rio de Janeiro por falta de espaços concretos de encontros nossos, de trocas de trabalhos e vivências. Pela falta de se encontrar em um rolê feito por nós e do nosso jeitinho, o rolê pra tocar nossa luta coletivamente, trocar ideias sobre o que estamos fazendo/produzindo. O BP está partindo, em breve, para a Praça dos Direitos Humanos, em Nova Iguaçu, ocupar um espaço que já é nosso por direito: a rua, a praça, o território! (Coletivo Baphos Periféricos, 2016).

Essas ações culturais escolhidas em nossa pesquisa evidenciam um debate necessário: o espaço público enquanto aprisionador para mulheres e para a população LGBTQI+; enquanto trazem para este espaço uma maneira de acolhimento, de proteção. Em contextos urbanos, sobretudo na cidade de Nova Iguaçu, uma periferia, esse engajamento e essas forças político-culturais exercidas pelos sujeitos realizadores são ganhos que essas populações conquistam. O direito de se apropriar da Praça, o direito a demonstrar afetividade, o direito de performar ganham sentido no espaço público estando livres de retaliações ao invés de se manterem aprisionados e escondidos em espaços privados.

Nesta pesquisa não temos intenção de traçar mapeamentos em bases cartográficas, muito embora a metodologia da cartografia da ação nos oriente em diversos momentos, ao evidenciar essas epistemologias pautadas no diálogo e por uma ciência mais sensível. A Cartografia da ação foi desenvolvida pelos pesquisadores do LASTRO - Laboratório da Conjuntura Social: Tecnologia e Território, sob orientação da socióloga Ana Clara Torres Ribeiro, onde através de um banco de dados (BAPS - Banco de Ações e Processos Sociais) torna-se possível uma melhor investigação sobre condições de vida e leituras da ação social inscritas no espaço urbano. Segundo Schipper (2010):

A cartografia da ação é uma metodologia de pesquisa desenvolvida inicialmente para a observação dos traços conjunturais apontados por mudanças na ação social em contextos metropolitanos. Desde 1999 praticada no LASTRO, inclui uma leitura inicial da realidade através da reunião de registros da grande imprensa sobre protestos manifestos com visibilidade a partir do espaço público; a subsequente sistematização dos dados coletados através do BAPS; o mapeamento dos dados relativos às condições de vida no espaço urbano, e o posterior aprofundamento da investigação através de técnicas qualitativas de pesquisa social. Vendedores ambulantes; presos e menores infratores; LGBTs; movimento pelo passe livre; moradores mobilizados contra pedágios e a violência policial são exemplos de alguns **sujeitos de ações**, enquanto interrupção de vias públicas; incêndio de veículos, abraço simbólico a equipamentos públicos, missa e procissão, ocupação de imóvel são exemplos de **tipos de ação** registrados pelo BAPS. (SCHIPPER, 2010, p.1. grifos nossos)

Esta metodologia nos instiga a compreender a importância da ação e a contribuição dos sujeitos para uma outra conjuntura possível. A valorização dos pequenos gestos, das narrativas, da horizontalidade, da espontaneidade são valorizadas nessa metodologia que usa a cartografia enquanto um instrumento de luta e memória, muito embora não seja uma cartografia tal qual conhecemos com suas bases georreferenciadas, com as coordenadas geográficas; mas, uma cartografia do cotidiano, tátil, de reconhecimento dos sujeitos com os territórios que praticam: o importante é a ação social. Como nos sugere Ribeiro et al, 2002:

A cartografia aqui sugerida é a da denúncia e também aquela que oriente a ação social, desvendando contextos e antecipando atos. Significa, portanto, tanto a contextualização veloz da ação hegemônica, cada vez mais estrategicamente localista, quanto a valorização imaginativa dos lugares vividos, onde a vida escorre ou ganha força reflexiva e transformadora. Como carta, mapa, não aparece como instrumento isolado ou como bela ilustração de textos, exacerbando critérios estéticos; mas, sim, como ferramenta analítica e como sustento da memória dos outros. Neste sentido, propõe-se uma cartografia incompleta que se faz, fazendo; uma cartografia praticada, que não seja apenas dos usos do espaço, mas, também, usável, tentativa e plástica, através da qual ocorra a sincronia espaço-temporal. RIBEIRO et al (2002).

Na cartografia da ação fica evidente uma disputa de sentidos que nos ajuda a refletir sobre o caráter político da cultura promovida na espaço-temporalidade do cotidiano. Para Ribeiro (2011, p. 30), é cada vez mais necessária e urgente uma cartografia que valorize contextos da ação, vínculos sociais, vivências e experiências. Esta metodologia alcança o pequeno, aquilo que, mesmo fugaz, pode ser de extrema importância por ser a resistência possível numa dada conjuntura e, assim, como nos mostra Ribeiro (2009):

Com esta perspectiva analítica, propõe-se que a pesquisa urbana não se deixe conduzir, apenas, pelos movimentos sociais mais visíveis. Sugere-se que, além destes movimentos, seja valorizado cada gesto em que seja possível reconhecer a luta pela afirmação de sujeitos sociais autônomo (RIBEIRO, 2009, p.154).

A luta destes movimentos culturais que escolhemos em nossa análise – Coletivo Baphos Periféricos, Cineclube Xuxu Com Xis, Sarau V, Cineclube Buraco do Getúlio, Poesia Segunda Pele -, reforça a necessidade de somarmos à Geografia as tessituras da vida cotidiana, para explicarmos os fenômenos a partir da leitura das ações e das práticas sociais. Portanto, o sentido de evidenciar a força deste sistema de ações é aproximar a leitura acadêmica de uma leitura do senso comum, de modo que a geografia supere os limites de uma abordagem centrada na materialidade. Analisar as ações é também valorizar os sujeitos e sua capacidade de recriar-se para a superação de uma realidade imposta e, conseqüentemente, fortalecer o sujeito no sentido de empoderar. Estxs sujeitxs que escolhemos em nossa análise são produtores culturais e realizam essas ações de maneira espontânea, dialógica, baseados numa horizontalidade solidária: são mulheres, mães, filhas, namoradas, gays, lésbicas, todos buscando uma outra cidade possível, onde suas existências sejam respeitadas.

Pretendemos, juntamente com estxs sujeitxs das ações culturais de Nova Iguaçu, repensar o papel das suas geo-grafias cotidianas, inscritas no espaço urbano, baseado em suas ações coletivas, que são quase sempre pautadas pela horizontalidade, sensibilidade e pela espontaneidade. E a academia, a ciência, precisam aprender a partir da pedagogia da existência (SANTOS, 1996) própria destes movimentos da sociedade.

1.2 O PROTAGONISMO DOS PRODUTORES CULTURAIS DA BAIXADA: QUEM SÃO XS SUJEITXS DA AÇÃO?

*Mulher oprimida, sem voz, obediente
Quando eu crescer, eu vou ser diferente
(...)
Sou mulher independente não aceito opressão
Abaixa sua voz, abaixa sua mão
Mais respeito
Sou mulher destemida, minha marra vem do gueto
Se tavam querendo peso, então toma esse dueto
Desde pequenas aprendemos que silêncio não soluciona
Que a revolta vem à tona, pois a justiça não funciona
Me ensinaram que éramos insuficientes
Discordei, pra ser ouvida, o grito tem que ser potente
Eu cresci
Prazer, Karol bandida
Represento as mulheres, 100% feminista¹¹*

Ao falarmos das ações culturais no município de Nova Iguaçu, estamos lidando com sujeitos que agem espontaneamente para que os eventos aconteçam e que renovem a vida urbana, sem fins lucrativos. Muitos destxs sujeitxs, moradores da Baixada Fluminense, tiveram formações de cursos e projetos audiovisuais através da Escola Livre de Cinema, em Austin – Nova Iguaçu. Esta formação permitiu o contato e as conexões em rede destes produtores, além de possibilitar que trabalhos sobre a Baixada Fluminense fossem realizados. Esta escola existe desde 2006 e possui patrocínio da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro e da Rio Filme. Desde 2008 realiza um festival de cinema – Iguacine – na cidade. Segundo seus idealizadores:

A Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu é a primeira escola de audiovisual da Baixada Fluminense e funciona desde julho de 2006. Sua metodologia articula três conceitos – o corpo, a palavra e o território como elementos de expressão da imagem e do som através de ações artísticas dentro e fora da sala de aula. Seu conteúdo pedagógico aponta para o domínio das técnicas e para o encorajamento estético, no sentido de estimular a criação e a produção audiovisual. Este cenário de ações e de representatividade para o pensamento da educação por meio do Audiovisual é proveniente de um histórico de vivências, de estratégias, de catação, e de experimentação do território. A ELC conta com a parceria do Cineclubes Buraco do Getúlio e do Cineclubes Mate com Angu, que contribuem com mobilização, produção e metodologia da Escola. A gestão geral é da OSCIP Avenida Brasil Instituto de Criatividade Social e o patrocínio é da Petrobrás e da Secretaria do Estado de Cultura, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro. (Escola Livre de Cinema, 2014).

É importante ressaltar também a participação da Agencia Redes para Juventudes na formação destxs sujeitxs produtores em Nova Iguaçu. Seu idealizador, Marcus Faustini, serviu de inspiração com sua metodologia de provocar jovens de moradores de favela para criar, apresentar ideias e obras através de projetos que podem ser financiados. Essas formações que as sujeitas e os sujeitos experimentaram permitem trazer um outro olhar e outras narrativas para a Baixada Fluminense. São experimentações que evidenciam a

¹¹ Concá, Karol; Carol, Mc; Tropkillaz; Justi, Leo. 100% feminista. IN: Bandida. Rio de Janeiro, Heavy Baile, 2016. Faixa 5 (3:19).

produção cultural, o empenho da juventude, suas criações, relações horizontais e sua espontaneidade. Contudo, é necessário lembrarmos que vivemos numa sociedade patriarcal e o machismo está imbricado em nossa cultura, estruturalmente. Portanto, as relações de poder, os silenciamentos com as mulheres acontecem, por mais que não estejam em evidência e não pareçam existir dentro deste universo que se diz acolhedor e se propõe em luta contra preconceitos.

Podemos citar aqui o Buraco do Getúlio, que está na estrada há mais de 10 anos e o reconhecimento de toda esta trajetória recai sobre apenas um dos criadores, DB¹², sendo ele é tão fruto dele quanto da produtora LP. Ao acionamos LP para uma entrevista para contar sua trajetória com o Buraco do Getúlio, nos deparamos com uma relação conflituosa:

Sempre muito importante e significativo falar dos movimentos da Baixada. Bem, a sessão de sábado passado foi a única em 10 anos que não produzi, mas infelizmente não me sinto mais a vontade em falar do Cineclube Buraco do Getúlio por muitas questões. Caso em algum momento você tenha um trabalho ou pesquisa focada em pessoas/mulheres empreendedoras/produtoras a gente fala com certeza, mas para algo relacionado diretamente à ação eu prefiro que não. (...)

Ficou notável seu desconforto em relação a esta edição, no qual se comemorava os 10 anos do Cineclube, já que devido a conflitos internos, a produtora preferiu não comparecer ao evento. Tal episódio evidenciou um conflito de gênero entre os produtores, recaindo à produtora LP o papel de coadjuvante e em seguida seu isolamento em relação a uma ação cultural que comemorava 10 anos de um trabalho que teve a entrevistada foi não apenas componente, mas parte importante da equipe de criação e organização. É importante retratarmos aqui também a maneira como o público, os colaboradores e os parceiros de outras edições, lembraram a todo momento a ausência da produtora (LP) que era tida como “um dos tripés da produção deste cineclube”, deixando transparecer o incômodo desta ausência durante o evento comemorativo. Na verdade, o que se pode compreender a partir da entrevista anteriormente citada, seguida do episódio ocorrido na comemoração de 10 anos do Cineclube Buraco do Getúlio é a maneira que se direciona os papéis a homens e mulheres, onde cabe a ambos o trabalho de criação e organização do evento, porém o porta-voz, a figura simbólica e o reconhecimento se encontra centralizado figura do homem. É a ele que cabe a palavra, a voz e a divulgação para além dos espaços culturais.

O caso citado acima, assim como outros semelhantes, nos permite compreender o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989) define como violência simbólica, sendo uma forma de definir e conceituar alguns tipos de relações de dominação onde não podemos presumir algum tipo de força física entre os indivíduos. Para o autor a origem deste tipo de violência tem como forma de legitimação uma espécie de conformidade por parte de quem a sofre se fundamentando no que o mesmo chama de símbolos e signos culturais, onde, por fim, muitas vezes não é visto como uma forma de violência. Porém no que diz respeito ao consentimento do indivíduo que sofre esse tipo de violência, podemos compreender que nele se reflete a prática das forças sociais e das estruturas das normas sociais em que estamos inseridos, ou seja, não significa que haja um acordo entre os grupos ou indivíduos envolvidos, na verdade, essa relação se dá pela prática enraizada do discurso dominante, podendo se refletir em diversas esferas. Uma dessas esferas é a das questões de gênero, onde podemos perceber desigualdade, como as do caso anteriormente citado. Conforme nos mostra o autor:

¹² Neste caso, usaremos apenas as iniciais dos nomes dos sujeitos envolvidos (DB e LP).

Para compreender o que pode ser dito e sobretudo o que não pode ser dito no palco, é preciso conhecer as leis de formação do grupo dos interlocutores - é preciso saber quem é excluído e quem se exclui. A censura mais radical é a ausência. (BOURDIEU, 1989. p. 55)

Quando cabe à mulher se ausentar de um espaço que ela ajudou a construir e isso dá ao homem o poder de falar pelo projeto, tendo sua ação não somente naturalizada como legitimada, como se não comparecer ao evento fosse uma escolha desta mulher, quando na verdade tal atitude foi motivada justamente por uma relação conflituosa entre os produtores, inclusive do ponto de vista pessoal, tem-se a violência naturalizada. Isto nos permite compreender melhor o que Bourdieu (1989) diz sobre o suposto consentimento motivado por uma naturalização da dominação do homem e apagamento da mulher. Assim pode-se entender a violência simbólica como impulsora de outros tipos de violências, como a violência física propriamente dita. Pois a maneira como se manifesta a violência simbólica é invisibilizada, se mostrando inúmeras vezes de maneira sutil, quando na verdade ela expressa a relação de poder exercida pelos homens sobre as mulheres, dentro de diversos espaços.

Sabemos que a violência contra a mulher possui muitos níveis. Ela não é apenas a violência física, o controle a seu comportamento, violências emocionais (deboches, humilhações, silenciamentos, distorção dos fatos a fim de que a mulher se questione sobre sua memória e sanidade¹³, entre outros. Como nos aponta Garcia (2013)

A violência contra a mulher compreende uma ampla gama de atos, desde a agressão verbal e outras formas de abuso emocional, até a violência física ou sexual. No extremo espectro está o feminicídio, a morte intencional de uma mulher. Pode-se comparar estes óbitos à "ponta do iceberg". Por sua vez, o "lado submerso do iceberg" esconde um mundo de violências não-declaradas, especialmente a violência rotineira contra mulheres no espaço do lar. A obtenção de informações acuradas sobre feminicídios é um desafio, pois, na maioria dos países, os sistemas de informação sobre mortalidade não documentam a relação entre vítima e perpetrador, ou os motivos do homicídio. (GARCIA, 2013, p.50-51)

A autora em destaque em seu artigo nos fornece um panorama sobre violência contra mulher, em especial em relação ao feminicídio no Brasil. Ela avalia que o óbito é a expressão máxima da violência contra a mulher, mas que existem outros níveis de violência decorrente dos conflitos de gênero, como situações de abuso, silenciamentos, ameaças, violências psicológicas, entre outras. A própria questão deste apagamento da contribuição fundamental de mulheres enquanto idealizadora e produtora de uma ação cultural, como revelou o caso cineclube exposto acima, pode ser reconhecida em outros casos dentro deste conjunto de ações que estamos investigando.

O caso da Praça dos Direitos Humanos e do protagonismo de uma mulher na ressignificação deste espaço, inclusive nos modos de apropriação e nomeação do lugar, também nos parece incluir um conflito que passa por uma questão de gênero, mais especificamente de desvalorização da ação da mulher. A praça, localizada no centro da cidade de Nova Iguaçu, possui uma estrutura bastante interessante: é circular, onde os bancos são localizados de modo a que o público tenha uma visão perfeita do centro da praça; a acústica é propícia para eventos, apresentações. No passado, era conhecida pelos moradores Iguaçuanos como "Praça do Coliseu", justamente por sua estrutura (ver figura 3).

¹³ Também conhecido como gaslighting, é uma forma de abuso psicológico com a mulher, em fazê-la acreditar que é louca, para que ela tenha dúvidas se determinada situação ocorreu ou não.



Figura 3: Praça dos Direitos Humanos.

Fonte: Luiz Felipe Garcez

A produtora cultural Janaína Tavares, idealizadora do "Sarau V", durante uma ida à prefeitura descobriu que o nome oficial era "Praça dos Direitos Humanos" e usou este nome para incentivar sua ocupação com o Sarau V. E isso acabou estimulando que outros grupos também se apropriassem desse espaço, como foi o caso do Cineclube Buraco do Getúlio e do Coletivo Baphos Periféricos, que passaram a ocupar a Praça dos Direitos Humanos em suas ações. Em nossa entrevista, quando perguntada porque escolheu este lugar para abrigar sua ação, Janaina Tavares:

Por dois motivos...porque ela não era ocupada e aí a gente pensou na Praça do Skate mas também pensou no desafio de fazer em um lugar que não era ocupado ainda, justamente pra dar visibilidade àquele espaço. Segundo, por conta da estrutura dele. A arquitetura da praça mesmo...essa coisa que lembra um teatro pros bate papos, pra apresentação de teatro que a gente tava querendo. Estruturalmente era boa e o nome ali sempre foi conhecido como Praça do Coliseu e fui na prefeitura na época e descobri que o nome era Praça dos Direitos Humanos e aí pegou "Diretos Humanos" por causa do [Sarau] V também. O sarau colocou a praça no mapa da cidade.

Durante edições do Sarau V, alguns grafites foram produzidos nos muros que circundam a praça, com rostos de figuras importantes mundialmente conhecidas na luta por direitos humanos. Entretanto, houve um desentendimento durante uma das edições do Sarau V entre um dos produtores e a idealizadora Janaína Tavares romperam a parceria e o produtor saiu do "V" para compor a produção do Cineclube Buraco do Getúlio. A partir daí o Sarau V não esteve mais à vontade naquela praça para compor suas ações, começando assim as

edições de itinerância. E disputas a partir deste episódio começaram a ser travadas. O Cineclube Buraco do Getúlio entrou em contato com a produção do Sarau V falando de uma intervenção de grafites na praça durante uma de suas edições. A produção do V pediu para manterem somente o Gandhi, Martin Luther King e o Mandela, porém estes foram justamente os grafites "apagados" para darem lugar a outros grafites desta nova intervenção.

Sabemos que o machismo permeia nossa cultura estruturalmente e o fato de mulheres estarem à frente de algumas das ações tem causado incômodos e conflitos. Quando perguntada em nossa entrevista sobre casos de machismo dentro dessa produção cultural em Nova Iguaçu, Janaína Tavares:

Na época o cenário era de produtores homens. Idealizando e como figuras de liderança. As mulheres sempre ficavam à sombra. Isso gerou incômodo sim. Rolava indiretas pelo Facebook (...) Aí teve o Sarau no Valverde, que foi a reformulação de tudo, outras pessoas na equipe, só mulheres na equipe, porque eu não aguentava mais trabalhar com homem e também quando eu fui fazer o Sarau V na escola eu chamei dois produtores homens pra trabalhar antes de trabalhar com uma produtora e eu também tive problemas com eles: um me passou a perna em relação a trabalho: não me entregou o serviço e eu paguei antecipado e o outro não queria fazer as coisas que eu pedia pra fazer...as ordens. Ele queria saber mais do que eu, ele não queria fazer do meu jeito por ele se achar mais experiente e tal. Então eu sempre tive problema em trabalhar com homem. A gente pode dizer que na história do V tem sim essa questão do machismo muito forte tanto nos espaços da produção quanto na vida pessoal da gente, né? Em relação ao grafite...falei com ele uns dias atrás. Chamei ele enquanto secretaria de cultura e trocamos uma ideia. Eu não toquei nesse assunto...o que eu senti na época foi muito ruim. A gente sentiu ódio um pelo outro. E a parada foi muito mais por conta da praça. Por isso que a gente foi fazer o Mandela no Valverde e o Malcolm X aqui no Santa Eugenia...ficou faltando o Martin Luther King.

As lideranças de mulheres trazem incômodos a esses produtores culturais em Nova Iguaçu, sendo mais um reflexo da violência de gênero que permeia nossa sociedade. A violência de gênero, na verdade, constitui numa violência masculina, onde os homens através de atos simbólicos ou concretos subjagam, humilham, agridem, desacreditam as mulheres. Sendo através da tentativa de apagamento das lideranças femininas ou através da agressão direta, as ações culturais de Nova Iguaçu citadas nesta pesquisa não fogem das recorrências cotidianas machistas de nossa sociedade patriarcal. Como nos mostra Bourdieu (2007):

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cogredientes, mas através de esquemas de percepção, da avaliação e de ação que são construídos nos *habitus* e que fundamentam aquém das decisões da consciência e os controles da vontade. (...) O fundamento da violência simbólica reside nas disposições modeladas pelas estruturas de dominação que a produzem (BOURDIEU, 2007, p.49-54)

A homofobia e o machismo são alicerces do patriarcado, contribuem para esta estrutura se fortalecer. A luta das mulheres, o feminismo, é uma luta para por fim a esta estrutura patriarcal para a garantia dos direitos das mulheres, a garantia de uma equidade de gênero. Em seu livro "Justice and the politics of difference", Young (1966), nos indica que há cinco faces da opressão, que por vezes se dá de maneira sutil, onde há a exploração, a

marginalização, o desempoderamento, o imperialismo cultural e a violência. A opressão se torna uma forma de diminuir o outro, de torná-lo menos humano.

É no mínimo espantoso vermos que essas ações culturais se colocam como tentativas de acabar ou superar as opressões cotidianas vivenciadas por tantos grupos sociais, acabem por reproduzir violências que afetam sobretudo mulheres. Estas resistem a esta conjuntura que as oprime e a esse sistema patriarcal que fomenta um planejamento urbano cego para a vida das mulheres, limitando o direito à cidade de parte significativa dos habitantes da cidade. Para esta parcela resta buscar outras formas de reinventar suas relações e outras territorialidades para garantir sua sobrevivência. Como nos mostra Sanchez Leyva (1999)

La pretensión feminista de ocupar el espacio público se no va acompañada de una redefinición de los lugares. Nunca podrá ser una pretensión emancipadora. Este es el aspecto fundamental y punto de partida que voy a utilizar para intentar justificar por qué opino que hay que terminar con la dicotomización de los espacios pero sin hacer preponderar uno sobre otro sino creando una heterogeneidad en la definición de los lugares. Abogo por un espacio que emane de los cuerpos y de las acciones, espacio del movimiento, los desplazamientos y deseo de irse situando y emanando espacio. Por ello, no me sumo sólo a la ocupación de los espacios sino que creo necesaria la redefinición de los lugares. Sólo pretender despaizarse a lo público no implicará nunca una emancipación para las mujeres. (LEYVA, 1999, p.49).

Para além do machismo que afeta inclusive pessoas envolvidas nas ações culturais em Nova Iguaçu, a intolerância religiosa deve ser somada a estas tessituras, como o caso da loja de vestidos que apagou o grafite da Mãe Beata de Yemanjá¹⁴ e da Madre Teresa de Calcutá do muro da Praça dos Direitos Humanos (ver figura 4). Com a justificativa de padronizar as cores do muro, a loja simbolicamente cedeu à sua intolerância religiosa (ver figura 5). No mês seguinte, contudo, houve um evento para a reinauguração do grafite da Mãe Beata, com a presença da própria, que veio a falecer meses depois do ocorrido.



Figura 4: Muro grafitado.

¹⁴ Importante liderança religiosa do Candomblé da cidade de Nova Iguaçu.

Fonte: Cineclube Buraco do Getúlio



Figura 5: Muro pintado pela loja

Fonte: Arquivo pessoal

Portanto, é possível observarmos que existem muitos conflitos que se emaranham nessa teia de relações. Por mais que as ações evidenciem conflitos e, conseqüentemente territórios enquanto arena de lutas, de disputas, onde este território sirva como abrigo para esses sujeitos e sujeitas lésbicas, gays, transexuais dentro do contexto de um planejamento urbano patriarcal, internamente às ações e aos sujeitos que as desenvolvem ainda é possível notar a necessidade de um processo de desconstrução para superar a violência machista que estes reproduzem. Por mais que os eventos se disponham a se organizar de maneira horizontal, visando ação coletiva baseada na conquista do direito à cidade, pautado nas demandas dos cidadãos, os casos de violência contra mulher e outros níveis de violência machista acabam se evidenciando. Porém, não é possível nos calarmos diante dessas tessituras imbricadas nas relações entre os sujeitxs que dão vida a essas ações.

1.3 “SE EU APANHO NA PAULISTA, IMAGINA NA RUELA”

*Por que caminhos você vai e volta?
Aonde você nunca vai?*

*Em que esquinas você nunca para?
A que horas você nunca sai?*

*Há quanto tempo você sente medo?
Quantos amigos você já perdeu?
Entrincheirado, vivendo em segredo
E ainda diz que não é problema seu.*

*Eu vivo sem saber até quando ainda estou vivo
Sem saber o calibre do perigo
Eu não sei d'aonde vem o tiro*

(O Calibre - Paralamas do Sucesso)¹⁵

O título "Se eu apanho na Paulista, imagina na ruela" é um trecho da canção "Fiscal" do cantor Mc Queer. O artista nos traz uma discussão interessante sobre os "fiscais de amor" e a problemática dos casais gays terem que se esconder para que não sofram agressões destes fiscais, que são pessoas homofóbicas. O trecho selecionado aponta uma constante vivida por esses sujeitos e sujeitas que aqui abordamos: mulheres, lésbicas, gays, transexuais: o medo de circular na cidade construída com as estruturas do patriarcado e que se constitui um espaço de opressão a essas existências. A referência de "se eu apanho na Paulista," ou seja, se a agressão acontece em uma das avenidas mais importantes da maior cidade brasileira, "imagina na ruela", imagine nos lugares em que não há tanta visibilidade, nem mesmo tantas pessoas circulando.

A canção nos faz pensar que para xs sujeitxs, o lugar tem um valor fundamental pois resguarda sua própria vida. As sociabilidades, afetividades são constituídas em lugares privados: casas de amigos, alguns bares em que são claramente acolhedores à população LGBTQI+, ou seja, lugares que fogem do padrão da heteronormatividade. Entendemos aqui heteronormatividade como esse conjunto de normas e comportamentos advindos de uma sociabilidade heterossexual, ou seja, tudo que foge ao comportamento hétero é invisibilizado, marginalizado e, em nossa sociedade patriarcal, passível de sofrer retaliações por parte de grupos intolerantes, sejam grupos políticos, religiosos ou outros.

Ainda precisamos somar a essas opressões cotidianas, aquelas vividas no interior das próprias casas dessxs sujeitx, que em muitos casos não são espaços de acolhimento, visto que em muitas famílias essas pessoas são expulsas de casa por assumirem a transexualidade, as relações gays, bissexuais e lésbicas, e sofrem uma série de violências simbólicas quando não explicitam sua sexualidade aos familiares, e por vezes até cometem suicídio (CONDE, 2016) devido a essa ausência de acolhimento familiar e aos recorrentes casos de homofobia que perpassam no cotidiano. É interessante recorreremos ao trabalho de Conde (2016), onde através do campo da psicologia, a autora nos mostra essa relação existente entre a homofobia internalizada como um fator de risco para o suicídio. Segundo Guimarães (2012, apud Conde, 2016):

¹⁵ Viana, Herbert. O calibre. In: Longo Caminho. EMI, 2002. Faixa 1. (03:22).

Uma sociedade heterossexista e homofóbica alija os indivíduos que não se enquadram na norma heterossexual. Muitos dos sujeitos excluídos internalizam ideias e atitudes negativas acerca da homossexualidade e acabam por esconderem ou disfarçarem sua orientação sexual. Dessa forma, ocorre uma poderosa introjeção tóxica da homofobia, cujo processo de internalização pode ser um dos fatores de risco para o cometimento de suicídio. (GUIMARÃES, 2012 apud CONDE, 2016).

Para além das ações culturais de Nova Iguaçu, promovidas por sujeitxs que lutam por uma cidade possível, buscamos evidenciar os “lugares enquanto dossel” (*canopy place*, que aqui adotaremos o termo “abrigo”) que garantem suas existências criativas frente às variadas formas de violência e dominação a que são submetidas/os. Nos inspiramos na ideia de Elijah Anderson (2011), onde em seu livro “The Cosmopolitan Canopy: Race and Civility in Everyday Life” ele aborda as interações sociais raciais na Filadelfia (Estados Unidos). Anderson inicia o livro num convite de “andar pelo centro da cidade” e a partir dessa metodologia da observação, nos orienta a pensar que existem lugares na cidade que são lugares cosmopolitas, que funcionam como “*canopies*”, abrigos, e que nestes espaços, sobretudo os espaços públicos, existe uma coexistência racial, já que nos Estados Unidos a segregação racial ainda é muito evidente. Esses abrigos cosmopolitas são lugares onde as pessoas se unem frente às diversidades, e onde não há lugar para a indiferença *blasé* nos contextos urbanos. Anderson ainda nos aponta que esses dosséis, esses abrigos, nos orientam para a civilidade das nossas cidades, cada vez mais diversas. Como aponta o autor:

Yet there are heterogeneous and densely populated bounded public spaces within cities that offer a respite from this wariness, settings where a mix of people can feel comfortable enough to relax their guard and go about their business more casually. In these areas people display a degree of cosmopolitanism, by which I mean acceptance of the space as belonging to all kinds of people. (ANDERSON, 2011, p.3)¹⁶

Entendemos os apontamentos de Anderson (2011) em relação ao “abrigo cosmopolita” e essa aceitação de todos os tipos de pessoas no espaço de uma situação nos contextos de uma cidade norte-americana. Em Nova Iguaçu, reiteramos que os mesmos espaços em que ocorrem as ações podem ser vistos como territórios (arena de disputas simbólicas e de apropriações) e também como lugares de abrigo, ou seja, lugares seguros para as mulheres, para os transexuais, para lésbicas e para gays, ainda que esta condição seja temporária e, por vezes, instável e efêmera. Isto porque estes lugares se evidenciam enquanto seguros, enquanto abrigo – acolhimento seguro - apenas enquanto a ação está acontecendo.

Nesse sentido, entendemos o espaço-tempo dessas ações enquanto “lugares seguros” devido ao encontro proporcionado, onde diferentes corporalidades (JACQUES, 2008) se encontram livres das hostilidades às suas existências. Ou seja, em um contexto de cidade da periferia, em que há um alarmante número de casos relacionados a estupros, a crimes de homofobia, esses sujeitos lutam por lugares onde se sintam confortáveis de exibirem seus

¹⁶ “Ainda, há áreas públicas heterogêneas e densamente povoadas (no sentido de muitas pessoas e pessoas diferentes entre si) nos espaços públicos que oferecem, configurando uma mistura onde as pessoas podem sentir conforto o suficiente para relaxar e cuidar de suas vidas (atividades cotidianas diárias, andar na rua em segurança) mais casualmente. Nessas áreas as pessoas apresentam um grau de cosmopolitanismo, o qual mostra aceitação do espaço de pertencimento para todos os tipos de pessoas.” (Traduções e comentários nossos).

corpos, seus falares, sua existência sem qualquer tipo de retaliação¹⁷, violência física ou violência verbal.

Os dados relacionados ao crime de estupro que reunimos nesta pesquisa, referem-se apenas aos casos que foram registrados através do boletim de ocorrência nas delegacias. Os dados sobre crime de homofobia que reunimos neste trabalho (ver anexo 1), são dados reunidos para um relatório feito pelo Centro de Cidadania LGBT Baixada I, baseados nos dados da Delegacia de Homicídios da Baixada Fluminense (DHBF). Tentamos, durante essa pesquisa, buscar outros dados com a coordenação do Rio sem Homofobia em Caxias, com a DEAM (Delegacia Especializada em Atendimento à mulher), com o Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, com o CIAM (Centro Integrado de Atendimento à Mulher) e com a Coordenadoria de Políticas para Mulheres/Núcleo de Referência e Atendimento à Mulher em Situação de Violência, mas não obtivemos contato eficiente e respostas para atualizar nossos dados.

Entendemos que os dados são muito mais numerosos e muito mais recorrentes do que os números que se têm registrados. Para os homicídios relacionados ao crime de homofobia, a questão se torna ainda mais complexa, devido ao fato de que não atribuem o crime ao ato de homofobia, em geral, são os parentes ou amigos da vítima que denunciam essa relação. O próprio caso de homofobia com o produtor cultural da Baixada Fluminense, Adriano Cor, nos oferece alguns elementos para analisarmos:

19. Adriano Cor. TRAVESTI - Nova Iguaçu

Inquérito Policial n° / R.O.n°:

Protocolo PRSH: 2016/0473

Síntese do fato: Julho de 2015. Homem é encontrado morto com sinais de violência em rio e amigos suspeitam de crime de homofobia. O corpo de Adriano da Silva Pereira, de 32 anos, conhecido como Adriano Cor, foi encontrado nesta segunda-feira (6) em um rio de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. O rapaz estava desaparecido desde domingo passado (5), quando saiu de casa no bairro Santa Maria, em Belford Roxo. O corpo tinha sinais de violência. De acordo com a amiga Taísa Machado, Adriano saiu na noite de domingo, por volta das 23h, para dar uma volta perto de casa.

(Relatório de casos de homicídios acompanhados pelo Centro de Cidadania LGBT Baixada I – 2011 a 2016)

Este relatório, fornecido pelo Centro de Cidadania LGBT Baixada I (ver anexo A), não coloca o caso de Adriano como concluído, mas, de acordo com uma reportagem do Jornal de Hoje (noticiário da Baixada Fluminense) o suspeito pelo assassino já foi identificado, mas está foragido¹⁸. Adriano não se encaixava no padrão de masculinidade, portanto, foi colocado como “travesti” neste relatório de homicídios. Este produtor cultural de Nova Iguaçu, participava ativamente das ações na cidade. Sua primeira apresentação “Dança dos Orixás” foi durante uma edição do Sarau V. À época de seu assassinato, as

¹⁷ Recordemos aqui o caso de homofobia ocorrido no Bar Point da Moto que incentivou um “beijaço” em repúdio à essa violência. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/sociedade/jovem-acusa-dono-de-bar-em-nova-iguacu-de-ameaca-lo-com-revolver-por-homofobia-15032201>> acesso em 03/06/2016 às 17:43.

¹⁸ “Suspeito pela morte de Adriano Cor é identificado”. Disponível em < <http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=8660>>. Acesso em 05/12/2017 às 23:43.

ações culturais fizeram edições em homenagem à memória de Adriano morto em um nítido caso de homofobia. É importante atentarmos que muitos homicídios decorrentes de homofobia não são categorizados pelos institutos criminais como decorrentes dessa prática discriminatória, sendo qualificados apenas como “homicídios” decorrentes de violência urbana, sendo assim, é muito difícil trabalhar com dados precisos desta realidade.

Para além das ações culturais de Nova Iguaçu, promovidas por sujeitos que lutam por uma cidade possível, buscamos evidenciar os “lugares seguros” (*safe places*) que garantem suas existências criativas frente às variadas formas de violência e dominação a que são submetidas/os, especialmente por sua condição de morador de área periférica, além de outras características que ampliam as chances de agressão. Sobre a expressividade dos dados da periferia:

Os casos de estupro estão mais presentes nas áreas periféricas da RM, como pode ser visto pelas altas taxas em Nova Iguaçu (58° DP), onde se registram 97 casos por 100 mil, e em Itaboraí (71° DP), com 63 ocorrências por 100 mil (FIG 59). No município do Rio, este tipo de crime ocorre, sobretudo, em Santa Cruz (36° DP) e nas circunscrições das delegacias centrais. A zona sul da capital se mostra pouco afetada, bem como os bairros da Zona Norte, onde as taxas observadas se situam bem abaixo da média da RM. Como se pode ver, os casos de estupro se mostram menos acentuados nas áreas mais urbanizadas da capital, enquanto a periferia metropolitana se constitui um espaço de violência mais intenso, com maior ocorrência desse tipo de crime. Pode-se pensar que, em áreas onde a precariedade social e econômica esteja mais presente, este tipo de crime seja mais recorrente, o que seria uma característica de situações de anomia numa sociedade (JACOB et. al., 2014. p. 59).

Para além da violência física, a violência simbólica afeta o cotidiano dos sujeitos de diferentes maneiras: desde regras a serem seguidas em determinados locais até comportamentos que devam obedecer à ordem da heteronormatividade. O medo domina as existências que falamos – mulheres, gays, lésbicas, transexuais – têm medo de andarem sozinhas na rua depois de certo horário, têm medo de demonstrarem afeto na rua, têm medo de simplesmente andarem de mãos dadas. Sobre violência simbólica e formas de dominação, como nos diz Bourdieu (2002):

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensa-la, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais de que instrumentos de conhecimento que ambos tem em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem essa relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2002, p. 45).

Como o sociólogo francês nos aponta, a violência simbólica atinge os dominados em diferentes aspectos e o corpo é uma categoria relevante neste aspecto. Entender a violência simbólica que atinge os corpos é essencial para entendermos as violências que atingem as mulheres, transexuais, gays – pois espera-se deles corpos e comportamentos pautados na divisão de gênero de uma ideologia machista, onde homens e mulheres têm seus “lugares” na vida em sociedade. Porém, na tentativa de superar o medo numa cidade onde a violência do machismo é dominante e essas violências simbólicas a acompanham, estas ações são completamente desafiadoras. Nesse sentido, como bem nos lembra Bourdieu (2002).

Ao tomar simbólico em um dos seus sentidos mais correntes, supõe-se, por vezes, que enfatizar a violência simbólica é minimizar o papel da violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é, obviamente, o caso. Ao se entender simbólico como oposto de real, efetivo, a suposição é de que a violência simbólica seria uma violência meramente espiritual e indiscutivelmente, sem efeitos reais. É esta distinção simplista, característica de um materialismo primário, que a teoria materialista da economia de bens simbólicos, em cuja elaboração eu venho há muitos anos trabalhando, visa a destruir, fazendo ver, na teoria, a objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação (BOURDIEU, 2002, p. 44)

Estes lugares seguros podem estar relacionados às zonas opacas e luminosas propostas por Santos (1997), no sentido de que deles provém a criatividade, a subversão, uma necessidade de se ter um lugar onde haja uma vida urbana possível para esses sujeitos. Sobre zonas urbanas opacas e luminosas, Santos (1997) nos afirma que:

Na cidade, hoje, a “naturalidade” do objeto técnico – uma mecânica repetitiva, um sistema de gestos sem surpresa – essa historização da metafísica, crava no organismo urbano, áreas “luminosas”, constituídas ao sabor da modernidade e que se justapõem, superpõem e contrapõem ao resto da cidade onde vivem os pobres, nas zonas urbanas “opacas”. Estas são os espaços do aproximativo e não (como as zonas luminosas) espaços da exatidão, são os espaços inorgânicos, abertos e não espaços racionalizados e racionalizado-res, são espaços da lentidão e não da vertigem (SANTOS, 1997, p 25).

Santos (1997) nos orienta a pensar as “zonas opacas” e “zonas luminosas” e, quando trazemos para a realidade cotidiana da cidade de Nova Iguaçu, estamos também nos referindo às zonas opacas onde a disponibilidade de serviços, lazer, espaços de entretenimento e aproximação da arte (salas de cinema, teatros, museus) são limitados, isso se comparadas às zonas luminosas de outros lugares da Região Metropolitana, como algumas áreas da cidade do Rio de Janeiro. Porém, se as zonas opacas são os lugares do medo, são também áreas de onde provém a força da criatividade e da superação, a partir da ação daqueles que Milton Santos chamou de homens lentos (SANTOS, 1997). Esses espaços da opacidade engendrados pelos homens lentos desafiam a lógica de um espaço hegemônico onde o capital se instaura com mais eficácia. Portanto, as zonas opacas são também lugares onde estabelecem vínculos de afetividade, criatividade, solidariedade e relações baseadas na horizontalidade. Entretanto, se fizermos um recorte da cidade de Nova Iguaçu, iremos nos deparar com uma cidade também marcada por um centro “luminoso” e periferias “opacas”, o que nos indica que a relação centro/periferia também tem um entendimento multi ou transescalar.

Ainda segundo SANTOS (2006, p 228), “a força própria do lugar vem das ações menos pragmáticas e mais espontâneas, frequentemente, baseadas em objetos tecnicamente menos modernos e que permitem o exercício da criatividade”. A visibilidade que as ações nos permitem, favorece o estímulo ao diálogo e ao encontro da pluralidade de sujeitos. As ações culturais que escolhemos, estimulam a apropriação de lugares em que se evidenciam lutas, confrontos, encontros em que as limitações técnicas não são necessariamente um problema porque apesar de não usarem os objetos técnicos mais desenvolvidos como nos grandes circuitos dos entretenimentos, os curtas, o debate, as fotografias, os encontros e o sentido colaborativo da construção coletiva das ações são exaltados.

Em seu livro “A natureza do Espaço – técnica e tempo, razão e emoção” Santos diz que “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de

sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p. 51). A partir dessa formulação do conceito de espaço proposto por Milton Santos, podemos salientar a importância dessa indissociabilidade dos sistemas de objetos e dos sistemas de ações, onde os objetos técnicos por si só têm pouca importância, visto que são as ações que dão sentido à necessidade da existência desse sistema de objetos apontados pelo autor.

Alguns autores (WERLEM, 1993; SILVA, 2011, RIBEIRO, 2014; OLIVEIRA, 2016) dentro e fora do campo de estudo da Geografia, mas que dialogam com nossa ciência – vão nos alertar a importância de se pensar nas ações, sobretudo as ações que são pensadas coletivamente por muitos desses homens lentos, ou como diria Ana Clara Torres Ribeiro (2005), sujeitos corporificados que reinventam seu cotidiano, questionando as subordinações, questionando um modelo de cidade que não se aplica a estas existências.

Porém, anônimos e deserdados partilham o espaço banal e, assim, o espaço herdado, lutando por permanecer nos interstícios da riqueza e impondo a co-presença àqueles que buscam selecionar o Outro admissível ao convívio social. O Outro admitido, pelo pensamento dominante, resume-se aos que podem ser classificados segundo critérios estabelecidos por agentes que, em número crescente, buscam administrar o cotidiano. A atuação destes administradores, convém registrar, corresponde à operação cultural necessária à garantia de ampliação constante da versão hegemônica de mercado, já que a produção capitalista envolve a embalagem convincente de produtos e serviços e, também, a orquestração espaço-temporal propícia à aceleração do consumo (RIBEIRO, 2005, p. 4)

Falar, portanto, de ações culturais organizadas por mulheres, gays e corpos não-binários ou de ações que proponham um debate com esses grupos, sobre sua experiência numa cidade da Baixada Fluminense é um grande desafio. Portanto, como nos inspira Ana Clara, esses sujeitos corporificados “alcançam o direito à definição de sua forma de aparecer e acontecer” e são “acontecimento, onde e quando são esperados o seu silêncio e o apagamento de sua individualidade”. (RIBEIRO, 2010, p 31). Essas pessoas quando se organizam e colocam as ações em movimento, enfrentam muitas dificuldades porque suas ações são muito baseadas na solidariedade e os objetos técnicos são bastante limitados se comparados aos espaços luminosos. Isto porque nestes movimentos, nesses encontros, o mais importante é a ação; o espaço do diálogo; colocar os corpos em movimento na rua, na praça, no bar, para que essas existências sejam percebidas entre si e pela cidade que as oprime. Daí temos o sentido de “*safe place*” (do inglês, “lugar seguro”) onde o lugar de encontro desses sujeitos que dão vida às ações, se estabelecem como lugares seguros onde os mano, as mina, as mana, as mona podem se encontrar de forma segura no sentido de não sofrerem retaliações.

Em seu livro “Geografias Subversivas”, Joseli Silva (2009), no artigo “Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades”, aciona o trabalho de Valentine (1993) e nos mostra que:

A explicitação da identidade sexual se dá de forma consciente mediante a escolha deliberada de espaços distantes dos locais de trabalho ou do convívio da família, para que então possam se expressar os gestos cotidianos mais simples de afetividade, como andar pelas ruas de mãos dadas com a parceira, por exemplo. As provocações teóricas e metodológicas da autora [Valentine] levam ao apelo para a necessidade de se atribuir maior atenção às negociações e às estratégias desenvolvidas pelos grupos dissidentes da sexualidade hegemônica e de se evidenciar as diferenças internas

desses grupos, ainda tomados como pretensamente homogêneos (SILVA, 2009, p. 46).

As experiências cotidianas destes grupos – sejam gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, mulheres - nos revelam formas de produzir espaços que sejam livres das formas de opressão encontradas em determinados espaços heteronormativos e machistas. Joseli Silva (2009) ressalta ainda o trabalho de Valentine (1993) intitulado “*(Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces*”:

A habilidade para apropriar e dominar lugares e influenciar o uso do espaço por outros grupos não é apenas produto da heteronormatividade, mas também de sua força expressa no espaço. Portanto, o espaço compõe a realidade heteronormativa, podendo também, por outro lado, subvertê-la; segundo a autora, as análises geográficas devem superar a noção simplista da expressão material das paisagens e prestar atenção ao exercício das espacialidades sutis com grande potencial subversivo (VALENTINE, 1993 apud SILVA, 2009 p. 46).

Apesar da autora falar especificamente da produção do espaço de lésbicas, podemos relacionar essa dominação simbólica nos espaços e que atinge não só lésbicas, mas mulheres membros da comunidade LGBTQI+ e que existe a necessidade da criação de novos lugares, de subverter essa dominação imposta.

A partir destas considerações que revelamos em nossa pesquisa nesta primeira parte, podemos perceber a riqueza destas ações culturais, o quanto elas nos orientam a subverter as dominações, as ordens estabelecidas, fazendo necessário que a riqueza do cotidiano e das lutas desses sujeitxs dialoguem com a academia, sobretudo com as metodologias que são subversivas por excelência e fazem dessa marginalização a sua força.

CAPÍTULO II - POR UMA GEOGRAFIA SUBVERSIVA, POLÍTICA E FEMINISTA

Neste segundo capítulo nos apoiaremos na subversão enquanto opção de método tanto quando nos referimos aos teóricxs analisados, quanto dos sujeitxs que compõem as ações culturais que estudamos aqui. Nesta pesquisa optamos por nos aproximar dos sujeitxs através da presença nas ações culturais e com entrevistas. Num primeiro contato, apresentamos nossa pesquisa para os idealizadorxs do projeto, em que se empolgaram em ter a academia como um espaço que valorizasse e estivesse apto a abarcar essas discussões, essas ações, esses projetos e também essas existências. Foram muito encontros para as entrevistas e nem sempre se construíram de maneira fácil, visto que a incompatibilidade de horários, dias e outras demandas que dificultassem esses encontros acabaram acontecendo. Situações da vida dos entrevistados adiaram algumas vezes tanto a frequência dessas ações acontecerem quanto a disponibilidade de nos tempo para conversas e entrevistas. Portanto, para que o diálogo fosse possível, foi necessário construir uma situação de conforto, segurança e confiança para que estas pessoas pudessem compartilhar suas histórias, trajetórias e vidas de maneira tão subjetiva. Optamos por um questionário aberto, com perguntas simples e genéricas para que os entrevistadxs pudessem falar abertamente sobre os temas que escolhemos, assegurando assim em uma entrevista informal. (Gil, 1999).

2.1. A VALORIZAÇÃO DE UMA CIÊNCIA SENSÍVEL E DIALÓGICA: CONSTRUINDO COM O OUTRO

A obra de arte pode ensinar a ciência a conhecer, ou, pelo menos, a aprimorar as suas interrogações a respeito do sentido do mundo real? A arte pode iluminar aquilo que a ciência deixou de interrogar ou já considerou definitivamente respondido [...]. Adentrar no terreno da arte como possibilidade de inquirir/decifrar o mundo construído/construtor dos sujeitos sociais significa tomar as representações como artifício de construção de nossas leituras e reflexões sobre o espaço geográfico. (BARBOSA et al., 2000, p 69).

No texto acima o autor nos orienta a refletir sobre a proximidade entre a arte e a ciência e de que modo esta perspectiva pode contribuir para a compreensão em nossas leituras de mundo, assim como para nosso fazer geográfico. Os saberes científicos, supervalorizados num contexto do pensamento moderno-colonial, há muito tempo se colocam acima dos outros saberes. A respeito desta colonialidade do saber, Costa e Grosfoguel (2016) nos dizem que:

O que é fundamental no registro e na análise dessas interpretações e práticas políticas e culturais é a restituição da fala e da produção teórica e política de sujeitos que até então foram vistos como destituídos da condição de fala e da habilidade de produção de teorias e projetos políticos. Rer autores que foram silenciados pela academia não significa somente se deparar com testemunhos sobre os efeitos da dominação colonial, significa deparar-se com o registro de múltiplas vozes, ações, sonhos que lutam contra a marginalidade, a discriminação, a desigualdade e buscam a transformação social (COSTA e GROSFUGUEL, 2016, p. 20-21)

Portanto, este pensamento moderno que configurou o mundo colonial ainda evidencia suas nuances, pois mostram uma ciência preocupada apenas com dados empíricos, razão e objetividade. Tudo que é subjetivo, ligado à emoção, à sensibilidade é subjugado e desqualificado, marginalizado. Entretanto, muitos autores sobretudo latino-americanos,

evidenciam as lutas anticoloniais dentro da geografia e das demais ciências sociais, mostrando suas linhas de pensamento de(s)coloniais.

A arte, em suas diversas vertentes, nos auxilia a aprofundar uma reflexão e uma compreensão da vida cotidiana e suas possibilidades de renovação e também nos permite valorizar os saberes e os lugares. “O lugar, sendo espaço do acontecer solidário e como sede da resistência, às vezes involuntária, da sociedade civil, mas é possível pensar em elevar esse movimento a desígnios mais amplos e escalas mais altas” (SANTOS, 2006, p. 259). Milton Santos, durante sua trajetória acadêmica, nos dá condições de pensar acerca das ideias-conceitos de lugar e saber, numa perspectiva de valorização do Outro, valorizar experiências de racionalidades alternativas que têm sua cultura e seus modos de existir esmagados pela modernização. As ações, os movimentos de resistência, nascem a partir da espontaneidade dos homens lentos como forma de superar a realidade imposta de uma cidadania limitada nas zonas opacas.

O conhecimento de outros lugares, mesmo superficial e incompleto, aguça a curiosidade. Ele é certamente um subproduto de uma informação geral enviesada, mas, se for ajudado por um conhecimento sistêmico do acontecer global, autoriza a visão da história como uma situação e um processo, ambos críticos. Depois, o problema crucial é: como passar de uma situação crítica a uma visão crítica – e, em seguida, alcançar uma tomada de consciência. Para isso, é fundamental viver a própria existência como algo de unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro. Então, a existência é produtora de sua própria pedagogia (SANTOS, 2000, p. 116).

Lugar e saber, portanto, para Milton Santos, dão vida à luta, à resistência, às formas de superar a ordem dominante. Lugar e saber, enquanto conceitos, se complementam e expressam a força das existências. No livro “Milton Santos e o Brasil”, Ana Clara Torres Ribeiro (2004), em seu artigo “Lugares dos saberes: diálogos abertos” faz uma leitura da obra de Santos e nos evidencia essa necessidade do geógrafo em explicitar que lugar e saber são horizontes reflexivos e que sinalizam conflitos, mas fornecem rumos e meios para ação social.

O saber é a força dos lugares, da mesma forma que o lugar é a seiva de diferentes saberes. Ambas as ideias (conceitos e projetos) correspondem à tenacidade do existir, à insistência do fazer vida, à riqueza do agir realmente experimentado. São ideias que conduzem, sem separa-los para além do que a ética exige, conhecimento e ação política, e que, ao trazerem concretude à luta por cidadania, obrigam o repensar de relevantes fenômenos sociais (RIBEIRO, 2004, p. 47).

Resistir, portanto, se faz essencial quando nos referimos aos sujeitos das ações de Nova Iguaçu, é a garantia por sobrevivência essa tenacidade do existir, a riqueza do agir, de estar em movimento e em propor essas ações coletivas. Quando perguntada sobre o feminismo, Jec Barbosa, integrante do Baphos Periféricos, nos fornece um pouco desta riqueza da resistência:

Meu feminismo é lindo porque é claro que é uma merda, a gente leva porrada, é um inferno, no micro, nas relações, a luta é muito maior e muito mais difícil do que a gente falar que é feminista assim. E tipo, falar teoricamente numa entrevista o que é o feminismo. Mas eu acho que eu sou feminista desde antes de conhecer o feminismo...desde quando eu me incomodava com as questões de gênero porque as mulheres tem esse papel...cresci vendo minhas tias, minha mãe levando porrada em relacionamento e eu ficava muito puta(...) Eu vejo um futuro por um feminismo que não ignorem os corpos que não se identificam dentro do binarismo cisgênero.

Então...isso é uma questão que expulsa simbolicamente pessoas do feminismo...causa rachas, mas o feminismo é sobrevivência...é a gente conseguir ter dignidade e se sentir igual nessa sociedade porque a gente não se sente. Simbolicamente a gente não tá no mesmo lugar que o macho. É uma vida digna, é luta por sobrevivência. (Jec Barbosa, entrevista)

Portanto, as lutas se somam. A resistência, o empoderamento são essenciais para uma vida urbana possível.

2.2. A BICHA PRETA JÁ TAVAM NO JAPERI ANTES DE JUDITH BUTLER”: AS “IMUNDICES VERBAIS”

É importante ressaltarmos o caráter interseccional dos estudos feministas e dos estudos de gênero, pois a interseccionalidade é essencial para compreendermos as diversas existências relacionadas com as ações culturais que abordamos, pois se destinam a mulheres, muitas delas negras, a LGBTQIs, moradorxs da Baixada Fluminense. Na edição do *Baphos Periféricos*, em julho de 2016, Jec Barbosa¹⁹, muito antes dos recentes acontecimentos referentes à vinda da filósofa ao Brasil, fez uma provocação interessante que nos levou a dar o título deste subcapítulo: “as bicha preta já tava aí no Japeri muito antes de Judith Butler”. Ou seja, Jec aponta para o fato de que essas existências precedem à teorização.

The image shows a screenshot of a news article from the website 'O DIA 65 ANOS'. The article is titled 'Filósofa Judith Butler é agredida ao embarcar no aeroporto de Congonhas'. The text of the article reads: 'Ela é personificação da ideologia de gênero, uma falsa acadêmica que defende uma falsa ideologia', disse agressora. Below the text, there is a photo of a person wearing a hat and a sign. The article is dated 11/11/2017 17:47:56. The website header includes 'ASSINE JÁ', 'O DIA 65 ANOS', and a search bar. The navigation menu includes 'HOME', 'RIO DE JANEIRO', 'ESPORTE', 'BRASIL', 'ECONOMIA', 'MUNDO & CIÊNCIA', 'DIVERSÃO', 'OPINIÃO', 'BLOGS', and 'CLASSIFICADOS'. The article is categorized under 'BRASIL'.

Figura 6: Reportagem sobre Judith Butler

Fonte: ODia online.

¹⁹ Jec Barbosa, 21 anos, estudante, é organizadora do Baphos Periféricos.



CULTURA

Filósofa Judith Butler é agredida em Congonhas antes de deixar São Paulo

Pensadora da teoria queer sofreu ataque antes de embarcar para o Rio de Janeiro

NINA FINCO
10/11/2017 - 17h27 - Atualizado 10/11/2017 20h21

f Compartilhar p in G+ t w Assine já!

Depois de uma semana agitada em São Paulo, a filósofa americana Judith Butler, de 61 anos, provavelmente só queria ter uma despedida da cidade em paz. Mas ela não teve sossego. Segundo relatos de testemunhas, a escritora estava na área de check-in do Aeroporto de Congonhas, à espera de embarcar para o Rio de Janeiro, quando foi perseguida por uma mulher que segurava um cartaz com uma foto sua desfigurada e gritava repetidos xingamentos. Além de sofrer a agressão verbal, Judith também foi empurrada com o cartaz, feito de madeira e cartolina.

>> Ruth de Aquino: A caça às bruxas



Figura 7: Reportagem sobre Judith Butler

Fonte: Época online.

Em uma reportagem publicada pelo jornal online O Dia²⁰, pudemos perceber a maneira em que os projetos que se debruçam sobre temas relacionados a gênero e sexualidade são tratados. A ascensão do conservadorismo, aliado a viralização de informações não confiáveis, nos mostra como isso é preocupante, refletindo em atos de violência física e verbal. Em outra reportagem publicada no site da EPOCA²¹, se retrata também diversos episódios contrários à presença da filósofa Judith Butler, que veio ao Brasil para debater outro tema de sua pesquisa, porém foi hostilizada devido à sua pesquisa sobre gênero e sexualidade, fala um pouco sobre o que a classe conservadora chama “Ideologia de gênero” e ironiza descrevendo que na verdade os padrões impostos pela sociedade que são ideologias de gênero.

Butler (2002) é uma das teóricas percursoras da teoria *Queer*. O termo “*queer*” refere-se a estranho, diferente, anormal como forma de xingar gays, lésbicas, bissexuais, transexuais. Porém, o termo sendo atualmente usado como forma de empoderamento, por subverter a lógica de que corpos devem ter comportamentos padronizados e pré-estabelecidos. “*Queer* adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com

²⁰ Disponível em: <http://odia.ig.com.br/brasil/2017-11-10/filosofa-judith-butler-e-agredida-ao-embarcar-no-aeroporto-de-congonhas.html>. Acesso em 09/12/2017 às 03:23

²¹ Disponível em: <http://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filosofa-judith-butler-e-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html>. Acesso em 09/12/2017 às 03:46.

acusações, patologias e insultos” (Butler, 2002, p. 58). Esse tipo de provocação na fala de Jec é próprio dessas ações culturais que estamos analisando porque estimulam xs participantes a refletirem, a reforçar suas lutas e nos reforça a ideia de que essas ações espontâneas e a academia ainda têm a percorrer uma longa trajetória de diálogos para que a multiplicidade da sociedade reflita no universo acadêmico.

Neste sentido Borba & Lopes (2017) nos oferecem uma análise da relação entre língua, sociedade, cidadania e letramentos que nos apoia em relação à reflexão sobre o uso do X enquanto desafiador e elemento da inovação permanente da língua e, mais amplamente, da cultura. Questionar a dominação masculina expressa na língua portuguesa quando a norma culta exige a flexão de gênero no masculino mesmo quando há uma mulher envolvida na ação, expressa o sentido ideológico do uso do x no lugar do artigo feminino ou masculino. Portanto, toda e qualquer forma de retaliação ou mesmo formas de deslegitimar essas escrituras de gênero são formas de atacar as lutas feministas e LGBTQIs e não apenas uma defesa da língua portuguesa em si. Para Borba & Lopes (2017), o uso do termo “imundice verbal”, deriva da polêmica em relação à suposta ‘pureza’ da língua:

Ao invés de limpar a língua, de higienizá-la, essa mudança politicamente motivada do sistema, faz é sujá-la. Em contraponto ao que Cameron (2012) chamou de “higiene verbal”, entendemos que o X e outras inovações de gênero gramatical são um tipo de “imundice verbal” que desafia o fonofalocentrismo, tirando a língua de um lugar de pureza e lhe contaminando com usos mundanos, políticos e éticos. A radicalidade estrutural e social dessas inovações linguísticas nos levam a considera-las como uma espécie de imundice, pois elas não pretendem limpar a língua, mas sim bagunça-la, desafiam o purismo linguístico, embaralham os binarismos do nível sistêmico (oralidade/escrita; significado/significante, etc), contaminam a língua com uma agenda política e assim tiram-na de sua zona asséptica de conforto. Essas inovações linguísticas são metapragmaticamente atravessadas por duas dimensões significantes. (BORBA & LOPES, 2017, p. 10-11)

Portanto, “i-mundar” ganha outro sentido, que é justamente o de trazer ao mundo. As ações culturais, os sujeitos e esses saberes que vem da rua, do espaço vivido, nos trazem o valor do cotidiano, o valor dos outros saberes fora do universo acadêmico. E são bem didáticos, como o Coletivo *Baphos* Periféricos, que, em sua rede social “*Instagram*” optou por colocar suas definições de “Cisgênero e Transgênero; Identidade de Gênero; Expressão de Gênero; Orientação sexual e romântica; Sexo Biológico e Linguagem neutra e aqui reunimos estas definições como mostra a tabela a seguir:

Quadro 1: Definindo conceitos

Categoria	Definição
Cisgênero e Transgênero	Vivemos em uma sociedade cis-normativa, em que os gêneros só podem ser identificados e categorizados a partir da genitália – dentro de um binarismo de gênero, sexista, podendo ser apenas Homem – Mulher; e é silenciosamente violenta, desde a nossa chegada no mundo. Principalmente se não nos identificamos com o gênero que foi designado a nós pelas nossas genitálias. O cissexismo se coloca através de vários setores sociais, cerceando direitos civis, assassinando e sendo cruel de muitas formas, seja pelas ciências médicas e sociais, ou pelo judiciário, por exemplo, que lêem pessoas cis como pessoas alinhadas, “normais”, ainda tratando as identidades trans enquanto patologias, doenças. Cisgênero é o termo usado pra

	<p>peessoas/sujeitos/corpos que se identificam com o gênero ao qual foram designadas ao nascer. Cis é a abreviação. Pessoas Transgenero são pessoas cujas identificações de gênero não são as mesmas daquelas que lhe foram impostas, ao nascer. E assim, impresso em seus corpos, comportamentos, documentos, mesmo que não sejam verdadeiros de acordo com a identificação e auto afirmação de cada corpo. Jogamos essas palavras no facebook, hoje, e, sim, ainda reproduzimos tanta coisa do nosso CISTema. Não queremos definir aqui as tantas definições de gênero e tudo que existe entre e além de buceta-pau-homem-mulher.</p>
Identidade de Gênero	<p>Como “gênero” podemos entender sendo a construção social (através de discursos, reforços e repressões) acerca do seja ser homem e ser mulher. Nossa sociedade entende e reforça o gênero (através da Ciência, das religiões, da linguagem etc) dentro de uma estrutura binária – sendo uma pessoa ou do gênero feminino ou do gênero masculino. Entretanto, é necessária uma ampliação dessa definição – que possamos compreender o gênero como um espectro e as pessoas podendo se identificar e se expressar dentro ou fora dessa linha. Assim, identidade de gênero se caracteriza na concepção individual de sou homem, sou mulher ou sou um gênero a parte dessas opções. É a dimensão mais subjetiva do gênero, ou seja, a dimensão que diz respeito a pessoa e como ela se entende do mundo. Como qualquer outra identidade, a de gênero é, muitas vezes, formada através da socialização com outras pessoas – de forma que as pessoas se identificam ou não com as outras identidades que tem contato.</p>
Expressão de Gênero	<p>A partir do momento que ampliamos a noção de gênero para além do binário feminino/masculino, ampliamos também suas expressões. Ou seja, abrimos um leque de possibilidades para demonstrar o que é ser homem, ser mulher ou ser um gênero não-binário. A expressão de gênero, que é justamente essa demonstração física de uma identidade, é subjetiva. De forma que cada pessoa entenderá à sua maneira o que é, por exemplo, ser mulher - os símbolos femininos, os trejeitos, as formas de vestir e portar etc -, e demonstrará esse entendimento com/no corpo. O mesmo vale para todos os outros gêneros. Obviamente as instituições sociais (escola, família, religiões etc) irão influenciar fortemente nessa noção do que é pertencer a determinado gênero. É através da utilização e ressignificação de símbolos físicos que a identidade se manifesta e extrapola a subjetividade, alcançando a materialidade de ser mulher, ser homem ou ser não-binário.</p>
Orientação Sexual e Romântica	<p>O desejo e o prazer são dimensões que também influenciam nas identidades das pessoas, bem como no tratamento que a sociedade vai oferecer a uma ou outra orientação. Falamos aqui em orientação sexual e orientação romântica. A orientação sexual é como nos relacionamos sexualmente com as pessoas. Assim, as identificações mais comuns são heterossexual (atração pelo sexo/gênero oposto ao seu), homossexual (atração pelo mesmo sexo/gênero), bissexual (atração por dois sexos/gêneros), pansexual (atração por vários gêneros) e assexual (não sentir atração sexual por nenhum sexo/gênero). Da mesma forma, a atração romântica segue tais classificações (heterorromântico, homorromântico etc). Sendo, na realidade, a dimensão afetiva dessas relações entre pessoas. Vivemos em uma sociedade, entretanto, que reforça (através de várias instituições, como a família, a escola, a produção artística de massa etc) um suposto estado natural e correto para as relações: a heterossexualidade. Sabemos, no entanto, que as diversas relações afetivo-sexuais devem ser respeitadas e asseguradas como garantia de cidadania.</p>
Sexo Biológico	<p>Desde muito tempo os conceitos da área de biologia tem servido de bases para a estrutura social. Conceitos como macho, fêmea, cuidado parental, descendência e sexo são alguns exemplos. Antes de qualquer definição, no entanto, é importante lembrar que todos esses termos foram construídos dentro sociedade. Isso quer dizer que nem sempre serão imparciais ou antecessores a qualquer discurso, como é pregado na ciência clássica. Por sexo biológico entendemos os marcadores genéticos, hormonais e orgânicos que diferenciam macho e fêmea na espécie humana. Assim, consideramos macho o indivíduo de genótipo XY, com pênis, testículos etc. Por fêmea entendemos o indivíduo XX, com vagina, ovários etc. Em momento algum, no entanto, consideramos que os rearranjos genéticos (XXX, XXY etc) ou orgânicos (como no caso de genitálias ambíguas) sejam patologias. Os indivíduos intersexuais, possuíram gênero, orientação sexual e expressão - não devendo serem encarados como anomalias. E não há razão para defesa que o sexo biológico deverá, obrigatoriamente, ser determinante para a identidade e expressão de gênero, nem para a orientação sexual.</p>
Linguagem Neutra	<p>Muitas são as definições possíveis para linguagem. De maneira muito simples, podemos entender como os signos e símbolos inseridos dentro de uma cultura e de um tempo específico.</p>

Assim, as imagens, os audiovisuais, os sons e a escrita são exemplos de linguagem. Os modos de utilização da linguagem escrita (e, logo, a falada) poderão simbolizar posicionamentos políticos importantes. De forma que algo escrito pode incluir ou excluir representativamente as pessoas. Quando escrevemos, por exemplo, “pessoas” ou “indivíduos” representamos de forma geral qualquer ser humano – sem distinção de gênero. Quando especificamos homens e mulheres, no geral, tendemos a uma inclusão apenas das pessoas que se enquadram no binário de gênero masculino/feminino. Os artigos (o/a, um/uma), adjetivos e outras classes se estruturaram dentro de uma linguagem binária. O plural e coletivo, dentro de uma linguagem masculina. Para o rompimento com essa forma de opressão aconselha-se a utilização de termos gerais: como pessoas (com adjetivação feminina), indivíduos, sujeitos, estudantes, jovens, adolescentes, crianças. A utilização de artigos e terminações com “@”, “e” e “x” substituindo “a” e “o” é controversa, principalmente em função das pessoas com dislexia e mesmo por não condizer com normas da língua portuguesa, entretanto são substituições utilizadas na tentativa de uma comunicação mais neutra e que contempla pessoas não binárias.

Fonte: Instagram do Coletivo Baphos Periféricos <[instagram.com/baphosperifericos](https://www.instagram.com/baphosperifericos)>

Muitos LBGTQI+, transexuais, não reconhecem a universidade como um lugar de acolhimento e produção, mas sim um espaço de opressões, *locus* de atos machistas em que suas existências são negadas, subjugadas. Por isso também a necessidade desses coletivos de explicarem para outros sujeitxs estes conceitos. A partir disso, precisam reinventar-se, superar essa colonização do gênero que nos foi imposta. Nesse sentido, Lugones (2014):

Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis. É decretar uma crítica da opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada visando uma transformação vivida do social. Como tal, a descolonização do gênero localiza quem teoriza em meio a pessoas, em uma compreensão histórica, subjetiva/intersubjetiva da relação oprimir <- -> resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão. Em grande medida, tem que estar de acordo com as subjetividades e intersubjetividades que parcialmente constroem e são construídas “pela situação”. (...) Chamo a análise da opressão de gênero racializada capitalista de “colonialidade de gênero”. Chamo a possibilidade de superar a colonialidade do gênero de “feminismo descolonial” (LUGONES, 2014, p. 941).

A ideia de colonialidade de gênero (LUGONES, 2014) e a proposta de um feminismo descolonial (LUGONES, 2014) são metodologias em que nos apoiaremos neste trabalho e entendemos que apesar das ações que escolhemos não estarem vinculadas à academia, dialogam com essas metodologias e as fortalecem na práxis.

Nas ações culturais da cidade de Nova Iguaçu que escolhemos para este trabalho, no *Cineclube Buraco do Getúlio*, no *Poesia Segunda Pele*, no *Cineclube Xuxu com Xis*, no *Sarau V* e no *Baphos Periféricos*, xs sujeitxs podem se expressar, podem grafar seu corpo com poesia e, com isso, empoderar-se, ou seja, dar visibilidade, dar valor à sua própria existência – tão culturalmente oprimida quando não é uma existência pautada nos padrões europeus que a modernidade ainda nos impõem (homem, branco, heterossexual).

Neste sentido, do diálogo aberto com esses sujeitos, de valorização de suas ações, acionamos o Geógrafo suíço Benno Werlem, e suas tentativas de mostrar a importância da ação e mais ainda desses sujeitos que a compõem para o desenvolvimento de uma Geografia Social. Em termos operacionais, o autor destaca que essa teoria da ação na geografia enfatiza o “potencial criativo do sujeito” e se refere a um tipo de “empoderamento” das capacidades e direitos de cada pessoa e, especialmente, como tentativa de enfraquecer certas formas de arrogância científica. Segundo o autor:

Tentei desenvolver uma Geografia Social genuína, que fosse firmemente baseada na teoria social e virasse de cabeça para baixo a visão de mundo prevalecente na Geografia: essa abordagem não procurou explicar ações individuais e práticas sociais em termos de aspectos geográficos, como a distância e o clima, mas praticamente o oposto, explicar os fenômenos geográficos em termos de ações e práticas sociais. Tal abordagem contrariou a então dominante redução do social ao geográfico/espacial, que costumava ser a abordagem padrão na Geografia acadêmica (WERLEN, 2012 p.553).

Portanto, contar com as ações dentro da ciência geográfica, com os saberes descoloniais, é permitir esse diálogo dos demais saberes com a academia. É “i-mundar-se”, estes posicionamentos metodológicos são extremamente necessários quando nos referimos a uma realidade como a cidade de Nova Iguaçu.

2.3. POESIA SEGUNDA PELE: MULHERES, CORPOS E POESIA NO PAÍS DO FEMINICÍDIO.

O feminicídio é a manifestação máxima da violência contra mulher. Sabemos que existem outros tipos de violência decorrente desse conflito de gênero, mas o feminicídio é a violência fatal. Garcia et al (2013) nos mostra que no período de 2001 a 2011, estima-se que ocorreram mais de 50 mil feminicídios no Brasil, o que equivaleria a 5.000 mortes por ano. Ou seja, uma média de 13 assassinatos por dia. É um dado muito alarmante, se considerarmos que estamos nos referindo a dados relacionados apenas a violência fatal. Se somarmos as agressões, violências psicológicas, estupro, entre outros, seria impossível fecharmos essa conta, devido às recorrências tão numerosas, sendo um reflexo de uma sociedade misógina.

Segundo dados do Jornal O Dia²², baseados em pesquisas do ISP – Instituto de Segurança Pública, no ano de 2012, nove pessoas a cada dois dias são estupradas na Baixada Fluminense. O ISP, em seus dados, baseiam-se nos boletins de ocorrência das delegacias, que por sua vez, não correspondem a todos os crimes de estupro ocorridos, mas sim apenas àqueles que foram denunciados. Ou seja, o número de casos é muito maior, as estatísticas que conhecemos são os números registrados nas delegacias.

²² Reportagem de Raphael Bittencourt, postado em 11/08/2013 às 00:01:00. Disponível em < <http://odia.ig.com.br/odiabaixada/2013-08-11/estupros-aterroizam-baixada.html>> acesso em 11/07/2016 às 20:26.

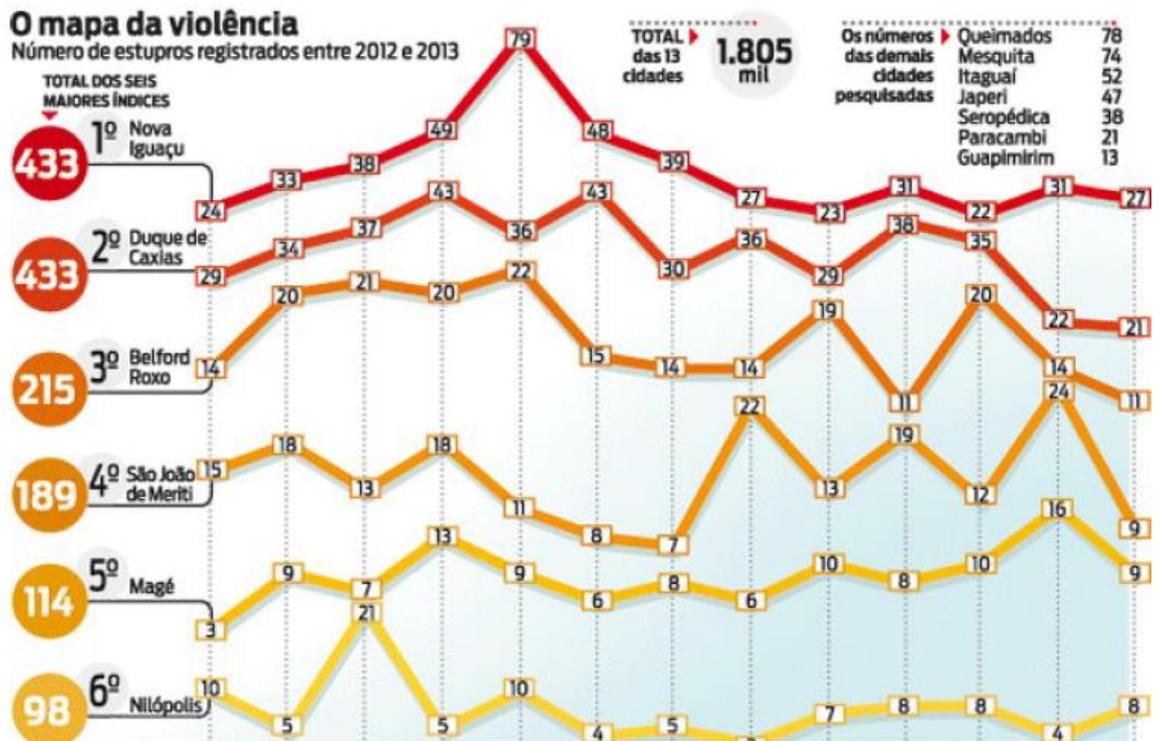


Figura 8: Números de estupros em cidades da Baixada Fluminense

Fonte: Jornal O Dia online²³. Dados do ISP – Instituto de Segurança Pública

²³ Disponível em < <http://odia.ig.com.br/odiabaixada/2013-08-11/estupros-terrorizam-baixada.html>> reportagem de Raphael Bittencourt. Postado em 11/08/2013 às 00:01:00. Acesso em 11/07/2016 às 20:21

**Crimes Violentos (estupros)
2012**

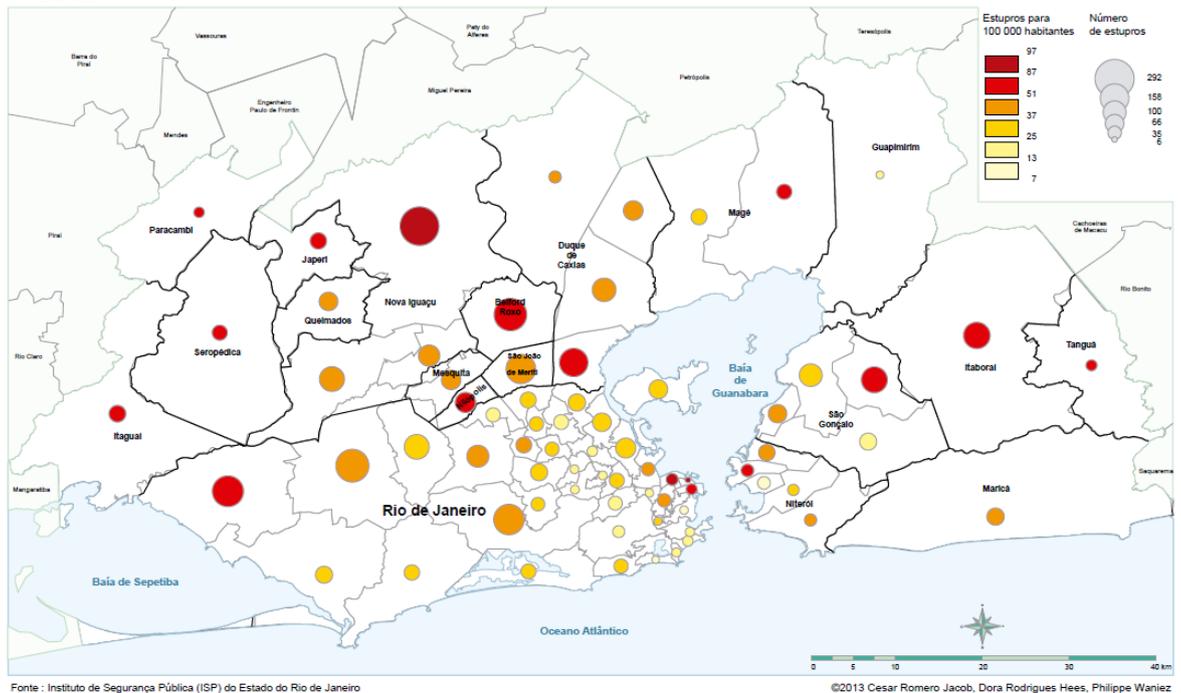


Figura 9: “Mapa de Crimes Violentos (estupros) na Região Metropolitana do Rio de Janeiro

Fonte: Jacob et al, 2014.

Na figura 8, é possível perceber que as cidades de Nova Iguaçu e Duque de Caxias têm o maior índice de estupros nos anos de 2012 e 2013, segundo os dados do Instituto de Segurança Pública. O alto índice de ocorrência deste crime na Baixada Fluminense é um dado preocupante. A figura 9, nos mostra um mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RMRJ), sobre crimes violentos relacionados ao estupro, que foram registrados nas delegacias. Mais uma vez, a cidade de Nova Iguaçu mantém seu alto índice, sendo o maior da RMRJ.

Assim, JACOB (et al., 2014) apresentou um atlas sobre a vida no Rio de Janeiro em que, a partir dos dados do ISP – Instituto de Segurança Pública, baseados nos boletins de ocorrência das respectivas delegacias, que expressa cartograficamente os crimes violentos relacionados ao estupro que organizadores e frequentadores dos eventos analisados conhecem no cotidiano. Esses dados correspondem ao ano de 2012 e o município de Nova Iguaçu tem o índice mais alarmante da Região Metropolitana.

É, portanto, mais do que necessário, essas ações culturais se manifestarem nessas cidades. É essencial que se discuta gênero, corpos e sexualidades dentro de um contexto urbano tão desanimador, a fim de superarmos essa realidade. As mulheres evitam caminhos desertos da cidade. Os casais gays e lésbicos não demonstram sua afetividade em qualquer local público. Ou seja, o planejamento urbano marcado pelas estruturas patriarcais é também opressora e evidencia privilégios ao homem heterossexual. McDowell, 2000, p.101 apud Solla, 2002, p. 100, nos diz que “el espacio y el lugar son sexuados y tienen un carácter de género, y las relaciones de género y la sexualidad están especializadas”. Portanto, existem

espaços heteronormativos, onde os LBGTQI+ não circulam e caso isso ocorra, algum tipo de retaliação ou agressão possa acontecer. A produtora cultural Camila Senna, sentiu na pele o peso da violência contra a mulher que acomete a cidade de Nova Iguaçu. Em nossa entrevista, quando perguntada “por que fazer uma ação como o Poesia Segunda Pele em Nova Iguaçu”, Camila nos diz que:

Não teve um propósito, mas depois a gente vai descobrindo. Com um despropósito a gente vai descobrindo vários propósitos (...)dentro desse despropósito do início eu tinha só dois propósitos: dar visibilidade a poesia Baixadense, uma palavra criada por nós aqui, essa palavra não existe no dicionário. E a segunda dar protagonismo a mulher, só que bem poética, libertadora e dar visibilidade a mulher e ser o quiser com o próprio corpo. Ah, mais um propósito...mulher não se encaixar no padrão, sempre foi minha terceira via assim de pensamento. Sem curvas idôneas e corpos perfeitos, não! ali a gente fazia acontecer. As vezes a menina era muito magrinha, eu produzia, botava um zoom porque a fotografia mostra. As vezes a mulher se acha feia e você vai lá, produz e ela fica "nossa, caramba, sou eu" então é uma coisa gostosa pra pessoa.(...)foi no despropósito que foi ganhando um propósito. Não foi "ah, vou fazer algo por Nova Iguaçu" não, eu já fazia. Eu comecei como blogueira. Invadi os saraus...comecei a fazer um intercâmbio. Eu sou cria de Belford Roxo, moro há 14 anos em Nova Iguaçu...eu fiz mulheres doutoras, pediatras, de Niterói, mas ninguém eu fui até a pessoa. Nem é por nada não, eu não cobro nada. 151 mulheres fotografadas sem eu cobrar nada e não cobrarei. Aí eu fui agendando. E todo mundo eu fui levando para a Casa de Cultura, que inclusive não me dá o menor valor. Já até fui expulsa de lá. Tem até gravação disso. Então eu produzia mulheres ali e algumas a gente ia pras ruas de Nova Iguaçu, pro camelódromo, pro shopping a céu aberto, pra Via Light, entre outros...fazendo mulheres se deslocarem das suas cidades e virem pra Baixada pra eu poder produzir. Eu queria fazer esse deslocamento. E fiz conexão fora do Estado. Mas a poesia tem que ser de autores da Baixada pra dar visibilidade a nossa literatura. Nos temos literatura aqui, temos poetisas, temos escritores aqui. Há pouco tempo agora logo antes do atentado que eu sofri quando esses 10 meninos que me juntaram e me bateram, tentaram acabar com meu rosto, só que tá aqui graças a deus. (Entrevista com Camila Senna,2017)

Mais uma face do machismo se evidencia na cidade quando a idealizadora do projeto “Poesia Segunda Pele” foi brutalmente agredida por 10 homens no centro de Nova Iguaçu. Esta agressão, que Camila Senna chama de “atentado”, obrigou a produtora cultural a dar uma pausa em suas atividades com seu projeto, até estar psicologicamente apta à retomada de suas lutas contra essa sociedade patriarcal. Em sua página na rede social Facebook:

Olá, prazer. Meu nome é Camila Senna, sou militante feminista e fui espancada por 10 homens, na segunda-feira 14 de novembro de 2016, no Centro de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Sou idealizadora do projeto Poesia Segunda Pele. Estava com meu namorado e entrei para comprar cigarros. Sou conhecida na cidade, minha militância é conhecida, já empoderei muita mina e também fui empoderada por todas elas. Não sei qual foi a situação, até agora não sei porque apanhei e porque tentaram me matar. Tentativa de homicídio. Alguns homens seguraram meu namorado para que ele não lutasse ao meu lado enquanto outros me espancaram com chutes nas costelas, costas, cabeça, soco no olho, na testa.

Três patrulhas da PM se recusaram a me prestar socorro. Eu estou tentando divulgar o acontecido, mas estamos em uma sociedade que muitas mulheres desacreditam a palavra da próxima, infelizmente. A mídia é muito machista e só divulga quando acontece alguma coisa muito grave, como morte de nossas irmãs, por exemplo. Eu poderia ter sido mais uma. Por que tanto ódio? Não desejo que nenhuma mulher passe por isso que passei, espero que todas possam exercer os seus direitos sem que a misoginia as ronde. Que sejamos unidas, que nós possamos acolher a denúncia das nossas irmãs. Agradeço se vocês puderem divulgar minha história.



Figura 10: Foto de Camila Senna após agressão

Fonte: Arquivo pessoal da produtora

Numa sociedade marcada pela misoginia, em que a socialização masculina oprime mulheres, como amar seu corpo? Como estar satisfeita, caso não se enquadre dentro do padrão de feminilidade? Como resistir aos padrões impostos? Como superar os assédios cotidianos? O Poesia Segunda Pele é um projeto em que Camila Senna ajudou muitas mulheres a recuperar a autoestima, a empoderar através da fotografia e da poesia. Desde sempre moradora da Baixada Fluminense, através do projeto ela busca trazer as mulheres para Nova Iguaçu, faz questão que elas façam esse percurso e que as poesias grafadas sejam de autoras da Baixada, a fim de dar visibilidade ao lugar e aos autorxs baixadenses. Muitas vezes este projeto levava as mulheres grafadas para intervenções na rua também. Na época desta agressão, uma edição do Baphos Periféricos, nos lembrou do ocorrido para que não possamos esquecer das lutas diárias a que estas ações se confrontam e o quanto a cidade de Nova Iguaçu precisa destes movimentos para vencer a misoginia e que não possamos mais perder mulheres para as estatísticas de agressões, estupros e feminicídios. As ações culturais que acontecem na cidade de Nova Iguaçu, seja um cineclubes, um sarau, ou um coletivo de arte nas ruas, nos fazem refletir sobre a necessidade latente de se pensar a importância da ação para Geografia,

onde as práticas e ações dos sujeitxs nos ajudem a entender os fenômenos geográficos. De acordo com SAHR, 2008:

Os vários tipos de ação baseiam-se num conjunto de diferentes lógicas que são formados por mundos específicos (formas simbólicas). Trata-se, como já demonstramos, de mundos em ação, nos quais não apenas os indivíduos, mas também as estruturas, são transformadoras, motivacionais e iniciadoras. Assim, destacamos diferentes lógicas de ação: lógicas sistêmicas, coletivas e/ou individuais (SAHR, 2008, p. 44).

Para além disso, é preciso entender os sujeitxs e suas formas de organização assim como suas lutas relativas ao debate sobre gênero, sexualidade e seus corpos e como isso influencia em seu cotidiano. A luta pelo direito à cidade é também uma luta que consiste em entender que a cidade é pensada em geo-grafias pautadas no homem heterossexual. Os demais corpos que não se encaixam nesse padrão procuram por lugares seguros onde possam se expressar da maneira que quiserem sem que o medo da violência física ou simbólica seja exercida. O medo atinge, de diferentes formas a espaço-temporalidade do cotidiano das pessoas: as mulheres têm medo de andar na rua, principalmente à noite. Os casais gays não andam de mãos dadas em determinados lugares. O medo atinge tanto o centro quanto a periferia, entretanto, na periferia os índices de ocorrência de crimes, como o estupro, são mais recorrentes (JACOB et al., 2014, p. 59) e essa população periférica possui uma vulnerabilidade maior.

A importância destes sujeitxs na construção de outras geo-grafias possíveis é essencial. O cinema na rua, o debate na praça, o sarau no espaço público, a aproximação da arte são evidências da construção de ações que valorizem a livre expressão dos sujeitos e seus modos de empoderamento enquanto grupos estigmatizados, a fim de superar essa condição. Enquanto objeto de nossa reflexão, tais ações nos permitem evidenciar como um espaço, que apesar de não possuir as técnicas mais desenvolvidas, pode revelar a ação coletivamente construída, onde conhecimentos e reconhecimentos tornam possíveis a luta por uma vida urbana renovada.

CAPÍTULO III - A CIÊNCIA MACHISTA: POR UMA CONSTRUÇÃO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS:

Neste terceiro capítulo buscamos, com o aporte teórico de geógrafas feministas, estabelecer uma leitura feminista em nossa ciência, trazendo uma retrospectiva dos estudos de gênero e dos estudos feministas na geografia, ainda que estes ainda sejam categorizados como campos marginais de um saber marcadamente sexista.

Entendemos aqui que não basta apenas falar de gênero na ciência geográfica que, necessariamente, estaremos produzindo geografias feministas. Ou seja, para se construir uma geografia feminista, é necessário pensarmos nas questões envolvidas: as relações de poder, as relações políticas, caminhos conceituais e metodológicos que evidenciem uma identidade feminista da geografia no fazer científico. (SILVA, 2017). É necessário, portanto, repensar a forma de se fazer ciência, no campo da epistemologia, e não apenas incluir o gênero como tema investigativo.

3.1. A TRAJETÓRIA DE UMA CIÊNCIA MACHISTA

Apesar de muitas geógrafas e muitos geógrafos trabalharem com temas que aproximem as ações, os estudos de gênero, corpo e sexualidades numa abordagem da Geografia Cultural brasileira, ainda persiste um mal-estar acadêmico que tende a marginalizar (KOZEL, 2013) estes estudos, colocando-os como menos relevantes nos encontros e publicações acadêmicas. Uma análise importante sobre o tema foi feita por Joseli Silva (2009) no livro “Geografia Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades”, especialmente no artigo “Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica” que nos orienta a pensar que a marginalidade destes temas para a Geografia está intrinsecamente ligada à própria ausência das mulheres nas diversas atuações acadêmicas – coordenação de cursos, editoras de revistas, entre outros, muito embora mais da metade do meio acadêmico brasileiro seja formado por mulheres; mais de 50% das mulheres são bolsistas de mestrado, doutorado e pós doutorado (SILVA, 2009, p. 61). Ou seja, embora haja uma maior presença feminina no meio acadêmico, essa presença não se apresenta de forma proporcional nos conselhos editoriais: há uma maior influência dos homens nessa produção científica, refletindo assim, nas publicações.

Silva (2009) em seu artigo “Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica”, parte do livro “Geografias Subversivas” nos mostra como a ciência geográfica é estruturalmente construída pelo conhecimentos eurocentrado e masculino. Ela ainda nos mostra, em dados, gráficos e tabelas o levantamento de presença masculinas e femininas na docência dos cursos superiores de Geografia, a titulação máxima dos docentes, e o quanto as ausências femininas se evidenciam nos cargos mais altos dentro da produtividade de publicações, como por exemplo nos membros dos conselhos editoriais de revistas acadêmicas. Portanto, a autora estabelece relação que, por exemplo, na área de epistemologia não há a menção das geografias feministas e isso nos revela uma invisibilidade feminina quando estudamos os aspectos gerais de teorias e métodos da história do pensamento geográfico.

A autora Crenshaw (2002), advogada norte-americana, precursora do conceito de interseccionalidade, nos orienta sobre os eixos determinantes deste conceito e como e a quem ele atinge. Numa mesma perspectiva, Davis (2016) no campo da filosofia também ressaltava a necessidade de incorporar as pautas das mulheres negras, que sempre obtiveram demandas e lutas diferentes em relação às mulheres brancas burguesas que lideravam os movimentos feministas. Segundo Crenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas intersecções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o “tráfego” que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções. Por vezes, os danos são causados quando o impacto vindo de uma direção lança vítimas no caminho de outro fluxo contrário; em outras situações os danos resultam de colisões simultâneas. Esses são os contextos em que os danos interseccionais ocorrem - as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo uma dimensão diferente do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002)

Dentro do campo da Geografia, alguns autores nos evidenciam essa necessidade (SOUZA, 2017; MACHADO, 2016; SILVA e ORNAT, 2012) de trabalharmos a partir desta perspectiva interseccional. Trazendo esta discussão para nosso recorte da cidade de Nova Iguaçu, esta visão se torna essencial.

Sabemos também que a nossa ciência é completamente dotada de relações de poder. Portanto, os postos mais altos dentro das hierarquias da academia eram dominados por homens, nunca havendo uma equidade de gêneros dentro dessa ciência, ainda que as geógrafas denunciasses esse panorama (McDowell e Peake, 1990; Monk e Hanson, 1992). Um exemplo destas relações de poder, foi o artigo escrito por Doreen Massey (1991) “Flexible Sexism” no qual a autora estabelece crítica “Condição Pós Moderna” do geógrafo David Harvey (1989) e Geografias Pós-modernas de Soja (1989), no qual, segundo Massey, estes autores desconsideram uma literatura produzida anteriormente pelas feministas. Sem contar que o nome do artigo foi alterado pelos tipógrafos à época e ficou “Sistemas Flexíveis”. Silva e Ornat (2017) em seu artigo “Não me chame de senhora, eu sou feminista! Posicionalidade e flexibilidade na produção geográfica de Doreen Massey” nos apontam a riqueza do trabalho de Massey para a ciência geográfica e o quanto à posicionalidade

feminista da autora é pouco abordada ou mesmo ignorada por nossa academia brasileira tão marcada pelo sexismo. Como nos aponta o artigo, Massey et al, 2009 apud Ornat e Silva, 2017:

A razão pela qual eu fiz ‘Sexismo flexível’ foi em parte apenas raiva pura e visceral. Eu não sei se as pessoas sabem, mas este foi um artigo que publiquei há muito, muito tempo atrás, mas os tipógrafos eram tão incapazes de aceitar o título do artigo, que o cabeçalho foi definido como ‘Sistemas Flexíveis’ ou algo assim. (...) E a outra razão para o ‘Sexismo Flexível’ estava relacionada a isso [referindo-se à necessidade de subversão aos cânones estabelecidos] e acho que devemos atacar as cidadelas¹³. Estes foram dois grandes livros, todos achavam que eles eram maravilhosos e, em muitos aspectos, ambos eram. Mas eles também me pareciam ser totalmente, inconscientemente, profundamente, sexistas. E eu só queria atacar onde as fontes de poder estavam em termos das vozes dentro da geografia; então eu o fiz. (MASSEY, et al, 2009 apud Ornat e Silva, 2017).

Portanto, ainda que as geógrafas assumidamente feministas tenham obras que revelem sua posicionalidade diante do tema, ainda há muitos enfrentamentos dentro deste universo acadêmico marcado pelo sexismo, sendo necessário, portanto uma mudança a partir das epistemologias: pensar o modo de se fazer ciência a partir dos saberes feministas. Uma geografia feminista se faz fundamental, além de incluir uma pluriversalidade onde as particularidades epistêmicas descoloniais, feministas estão englobadas, em oposição ao saber moderno colonial machista universal.

3.2. POR UMA GEOGRAFIA FEMINISTA

Discutir gênero, corpo e sexualidades na ciência geográfica brasileira é um movimento recente (mais intensamente pós-anos 1970), em debate aprofundado em grande parte pelas geógrafas feministas. O esforço consiste em romper barreiras epistemológicas de uma geografia que colonizou e coloniza os saberes, apontando para epistemologias dissidentes onde os saberes das mulheres e da comunidade LGBTQI+ sejam incorporados e não colocados numa perspectiva de marginalidade dentro de um campo de saber também marginalizado, que é a Geografia Cultural.

Contribuímos para o debate acerca importância da ação, implicadas na Geografia e que tem como base a valorização dos sujeitos que animam as ações culturais na cidade de Nova Iguaçu escolhidas para a análise. Nesse sentido, como desafio prático-teórico, buscamos contribuir para o fortalecimento de outras leituras da Baixada Fluminense, onde a produção cultural destas pessoas que se afirmam como protagonistas da ação são pautados em suas lutas pela sobrevivência cotidiana na cidade, em suas lutas territoriais que remetem à luta pelo direito a uma vida urbana renovada.

O tema proposto nos parece relevante por permitir que a Geografia incorpore ainda mais as discussões acerca de epistemologias dissidentes e também sensíveis, pautadas no diálogo entre saberes. Carlos Walter Porto-Gonçalves nos alerta para a separação cada vez mais evidente e naturalizada em nosso cotidiano e em nossas ações, entre sociedade e natureza, onde a dominação do homem com relação à natureza é predominante refletindo em

nosso dia-a-dia: “Chama-se burro ao aluno ou a pessoa que não entende o que se fala ou ensina; de cachorro ao mau-caráter; de cavalo ao indivíduo mal-educado; de vaca, piranha e veado àquele o àquela que não fez a opção²⁴ sexual que se considera correta” (PORTO-GONÇALVES, 2010, p. 25). Ou seja, para usarmos formas de agressão ao Outro, nos referimos à natureza para evidenciar o que nos é desviante enquanto fora do padrão de comportamento. O diálogo da academia com os demais saberes caminha a passos lentos, visto que a colonialidade do saber ainda é muito marcada pela herança de um mundo moderno-colonial. A epistemologia ainda é muito pautada na ciência europeia machista que se coloca como pensamento único.

A ciência moderna baseada em uma ideologia machista se constitui enquanto dominante e pautada em cultivar a racionalidade e a objetividade. A influência do positivismo, essa exaltação cega à ciência e aos cientistas expressam o quanto o conhecimento científico tem poder de reproduzir a dominação. Domina-se a natureza em primeira instância e esta apresenta-se como um recurso a ser explorado e apropriado a serviço da ciência e, portanto, nesta leitura, o homem seria o único capaz de exercer esse controle, essa dominação. Como nos mostra Japiassú (2001):

O que estou querendo dizer é que a ciência moderna, ao elaborar um conjunto de conceitos e um método capazes de promover um universo no qual a dominação da Natureza conduz à dominação dos homens, estruturou-se a partir de um princípio da racionalidade fundado numa filosofia de caráter nitidamente patriarcal, masculino e machista. Os fatores socioculturais que tradicionalmente ressaltaram a supremacia do pensamento masculino sempre encontraram sua legitimidade na Razão, na Objetividade, no gosto da eficácia e da dominação (JAPIASSÚ, 2001, p. 54).

Ou seja, Japiassú (2001) nos alerta que a ciência moderna se pautou em dualidades que exaltam a razão em detrimento da emoção, a objetividade em detrimento da subjetividade e que reforçam a separação da sociedade em relação à natureza. A partir disso, o homem pode exercer suas formas de dominação. No mesmo sentido, Porto Gonçalves afirma que “A natureza se define, em nossa sociedade, por aquilo que se opõe à cultura. A cultura é tomada como algo superior e que conseguiu controlar e dominar a natureza” (PORTO-GONÇALVES, 2010, p. 25). O homem se coloca como o ser universal e dominante do mundo e a mulher é colocada numa situação inferior, pois as mulheres sempre foram associadas ao subjetivo e à emoção. Como aponta Japiassú (2001)

E o que afirmo é que a nossa ciência moderna, desde seu nascimento, vem conduzindo a sociedade a colocar seus problemas em termos estritamente racionais e a conceber-los em termos de força, de competição, de controle e de dominação. A ciência moderna surgiu mudando inteiramente o paradigma natural em vigor (JAPIASSÚ, 2001, p. 54).

Japiassú estabelece uma associação do feminino com a natureza, que nos faz entender que essa ciência moderna machista onde os homens predominavam, tanto se coloca como dominadora da natureza, como dominadora das mulheres:

A natureza orgânica é considerada como mulher. Ela é portadora de mistérios. Possui também o caráter sagrado da mulher-mãe. Vários interditos a protegem. Os alquimistas, por exemplo, evitam modificá-la, admitindo apenas acelerar seus processos internos: não querem ser acusados de profanadores nem tampouco violadores incestuosos. Mas eis que a natureza se torna desvitalizada e mecanizada, convertendo-se em matéria inerte e passiva, submetida ao empreendimento

²⁴ Entendemos que apesar do autor usar o termo “opção sexual”, este termo é usado de forma errônea. Um melhor termo seria “orientação sexual”, visto a sexualidade dos indivíduos não é uma escolha.

dominador e masculino dos cientistas e técnicos que, utilizando sua razão, passam a explorá-la. (JAPIASSÚ, 2001, p. 54).

A partir dessa mecanização, todo saber associado ao feminino, à natureza, aos sentimentos, à subjetividade era concebido de forma pejorativa. O homem necessita dominar, apropriar e este pensamento se concretiza com a ciência moderna. As mulheres, por outro lado, são associadas ao místico, ao inexplicável.

Não somente ela deixa de ser mulher, mas o novo saber expropria as mulheres, feiticeiras, bruxas e curandeiros, depositárias dos saberes tradicionais, mancomunados com os poderes da vida e da morte, com as paixões humanas e seus sortilégios, de todo e qualquer saber propriamente dito. Só o homem sabe. Só ele faz ciência. A ciência masculina não se interessa pelas causas finais. Exorciza a natureza de todas as intenções, afinidades e simpatias. Ciência de mecânicos, só leva em conta as causas eficientes, dividindo o mundo em poderes ativos e substratos passivos. A natureza não é mais considerada como um receptáculo de formas e de qualidade, mas tão somente como um reservatório de energias quantificáveis que ao homem compete domesticar (JAPIASSÚ, 2001, p. 55).

De acordo com essa racionalidade, a mulher deve estar em um estado de submissão de forma a assegurar essa superioridade masculina. As características associadas à mulher sempre se relacionaram à emoção, intuição e subjetividade. Dentro desta maneira de definir a racionalidade encontramos dois equívocos, um deles se encontra na falta de emoções atribuídas ao masculino, concedendo ao homem o direito e o dever de exercer seu poder enquanto portador da racionalidade, se construindo assim a socialização masculina desde o momento de seu nascimento, perpassando por toda a sua educação até a fase adulta, onde ao sexo masculino é ensinado a liderar, a conter suas emoções, tendo a afetividade e a sensibilidade associada ao masculino sempre de maneira pejorativa, pois ao homem cabe o dominar e a subjugar o outro. Também encontramos um segundo equívoco, relativo à suposta “natureza” submissa e emotiva da mulher, onde a mesma é instruída desde o nascimento a se anular, a cuidar, a perdoar e a servir ao homem, negando a ela o direito pensar, refletir e decidir sobre seu destino, suas carreiras, e até mesmo seus corpos. Não por acaso que muitos campos científicos que se baseiam nessas relações constituem campos “marginais” nas ciências. É, portanto, mais do que necessário que as mulheres tomem para si seus lugares na ciência, como forma de “fazer da ciência seu instrumento de libertação” (JAPIASSU, 2001) para que haja uma efetiva mudança desse sistema de poder tão atrelado ao poder masculino.

A Geografia Feminista, com seu histórico de ascensão nos anos 70 com muita influência da segunda onda do feminismo, tem colaborado significativamente para que as discussões de corpo e gênero sejam cada vez mais incorporadas ao saber-fazer geográfico a partir de uma necessidade da equidade de gêneros na academia, em ressaltar os trabalhos das mulheres e sobre as mulheres, assim como desafiar a hegemonia masculina na geografia nos seus conceitos e metodologias. Afinal, tal como a luta de classes, a opressão de gênero também deve ser combatida. Como nos lembra Beauvoir “é uma metade da humanidade contra a outra. A meu ver, é tão importante quanto a luta de classes. Tanto as mulheres quanto os operários são oprimidos”²⁵. A Geografia Feminista nos anos 70 acompanha o movimento de renovação da Geografia, onde a perspectiva de uma ciência crítica se evidencia, rompendo com a ideia de neutralidade científica.

Pautamos aqui, portanto, a necessidade de construirmos uma geografia feminista. Pois vivemos numa sociedade que a todo momento questiona a conquista das mulheres. A

²⁵ Beauvoir apud Japiassu (2001) p. 67.

necessidade de uma epistemologia feminista, onde as geógrafas apontem esse conhecimento dotado de relações de poder, apontem as ausências, os silêncios e invisibilidades que o discurso de nossa ciência tem produzido. Como nos mostra Silva (2009)

A chamada geografia feminista é parte integrante do movimento da ciência geográfica, e sob esta denominação há trabalhos positivistas, marxistas, fenomenológicos, e assim por diante (...). A expressão “geografia feminista” foi substituída pelo seu plural “geografias feministas”, para expressar a pluralidade científica e ideológica presente neste campo de produção científica. (SILVA, 2009, p 95)

Os trabalhos de geógrafas feministas são essenciais para esta Nova Geografia Cultural, onde o campo das Geografias Feministas, Geografia das Sexualidades possam nos fornecer meios metodológicos de luta contra essa ciência marcadamente sexista. Silva, S (2009) nos oferece um panorama da perspectiva feminista na geografia brasileira, com mais força a partir da década de 70 e com grande influência de geógrafas estadunidenses e europeias, principalmente, sobretudo as que estavam comprometidas com o feminismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou contemplar um diálogo entre o conhecimento acadêmico e os demais saberes: saberes do mundo vivido, dos sujeitos que compõem a ação cultural na cidade de Nova Iguaçu. Buscamos um recorte temporal a partir do ano de 2015 até a presente data, com cinco ações culturais: Coletivo Cineclubista Xuxu com Xis, Sarau V, Coletivo Baphos Periféricos, Cineclube Buraco do Getúlio e Poesia Segunda Pele. Cada ação dessa é uma resistência a uma realidade imposta no contexto de uma cidade periférica à capital do estado do Rio de Janeiro. Resistem por um direito à cidade, resistem por ocupar o espaço público, resistem por dinamizar uma obra coletiva.

Esses sujeitos da ação movimentam-se politicamente a fim de lutar através da arte, dos encontros, por uma cidade possível. Reinventam-se e buscam confrontar com os preconceitos e com a ordem estabelecida dos espaços heteronormativos públicos e privados e de um planejamento urbano construído com as estruturas patriarcais. Sendo uma das maiores cidades da Baixada Fluminense, Nova Iguaçu, possui uma multiplicidade de ações culturais e sujeitos produtorxs que estão preocupados em produção de outras narrativas para este território.

As ações que escolhemos nesta pesquisa trazem em seus debates diretrizes sobre corpos, gêneros, sexualidades sobretudo relacionando as problemáticas envolvidas destes temas no espaço público. Entretanto, estamos nos referindo a sujeitos que estão em constante movimento e formação e foram socializados partir das estruturas do patriarcado. Portanto, alguns conflitos relacionados a disputas de poder, silenciamento de mulheres produtoras, e outras violências, acabam se evidenciando.

Em uma cidade onde o índice de estupro é um dos maiores do Estado; uma cidade em que uma das produtoras culturais – Camila Senna, que inclusive entrevistamos nesta pesquisa - foi violentamente agredida fisicamente; uma cidade em que um produtor cultural homossexual, Adriano Cor, sofreu homicídio por homofobia: se torna necessário que estes temas sejam acionados, debatidos e pautas de lutas. A dificuldade em desnaturalizar as estruturas do patriarcado no cotidiano também aparecem quando atentamos para a epistemologia da ciência geográfica. Buscamos, portanto, reforçar a importância de pensarmos uma ciência que valorize as ações e os debates de quem está fora dos padrões normativos e não pretende ser colonizado, perseguido ou estigmatizado.

Nos apoiamos em autores que trabalham a partir de epistemologias dissidentes e epistemologias feministas, para além de serem pós, decoloniais ou descoloniais, tensionando a necessidade da ciência reinventar-se, redefinir-se e dando fim à ideia de que as estruturas acadêmicas são consensualmente imutáveis. Autorxs da geografia que trabalham a partir da teoria feminista foram acionados, ressaltando a necessidade de desconstruirmos essa ciência e trazermos para o campo das epistemologias novas perspectivas de análise que não tornem temas como este um subcampo marginal dentro da Geografia Cultural.

Os estudos de gêneros, corpos e sexualidades propõem novos enfoques teórico e metodológicos, questionando a visão masculina predominante nessa ciência em relação às teorias e métodos de investigação. Sob muita influência da geografia feminista europeia e anglo-saxã a partir dos anos 70, a geografia brasileira começa a produzir trabalhos pautados nessas teorias a partir dos anos 80 e mais intensamente a partir dos anos 90, mas ainda assim, constitui-se num campo marginal desta ciência, longe dos grades curriculares dos cursos de graduação.

Nesta pesquisa trabalhamos com dados referentes a crimes violentos na categoria de estupro, onde a cidade de Nova Iguaçu possui resultados bastante alarmantes e preocupantes em relação aos demais municípios da Baixada Fluminense e também em relação à outras cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, devido a recorrência deste crime. Também trabalhamos com os dados do relatório de casos de homicídio fornecidos pelo Centro LGBT Baixada I, onde encontramos a descrição de crimes de homicídio relacionados a homofobia. Entendemos a problemática de trabalhar com esses dados porque se referem apenas ao crimes que chegaram até os boletins de ocorrência das delegacias, ou seja, as recorrências desses crimes, tanto de estupro quanto de homofobia, são muito altas e os dados concretos não contemplam essa totalidade da realidade. Devido a isso, entendemos a necessidade latente de ações culturais que intervenham nesse panorama situacional e que lutem por uma cidade possível, onde os corpos (re)sistam e lutem pelo fim dos preconceitos e pelo fim das violências provenientes de uma sociedade patriarcal.

Para dialogarmos com as ações culturais e com os sujeitos que compõem estas ações, estivemos em contato com seus agentes e ocupando seus territórios de ação. Foram muitas edições em diferentes lugares, tanto públicos quanto privados, da cidade de Nova Iguaçu. Uma teia de relações foi estabelecida a partir do contato com esses sujeitos produtorxs. Estabelecemos entrevistas com os idealizadorxs dos projetos, em que puderam expor suas ideias, objetivos, motivos e inspirações que os levaram a dar prosseguimento a essas ações culturais espontâneas e sobretudo porquê leva-los aos espaços públicos, porquê ocupa-los, mesmo frente a adversidades encontradas durante as trajetórias de suas edições. As entrevistas nos apontaram sujeitos muito preocupadxs em territorializar as suas ações, ocupar o espaço público, entendendo que é nosso por direito; trazer outras narrativas para a periferia, para a Baixada Fluminense, narrativas essas que demonstrem um lugar dotado de sensibilidades, encontros e afetos e que usam a arte enquanto ato político de lutas. Encontramos sujeitas preocupadas justamente em pensar o feminismo dentro dessas ações, pois consideram esse movimento intrínseco e necessário em suas trajetórias de trabalho e em suas vidas.

Compusemos ainda, uma tabela com os dados referentes a todas essas ações que citamos, quem organizam, quem são os sujeitos, a quem se confrontam, qual objetivo de suas ações, sua periodicidade e onde elas ocorrem, para que possamos compor uma base de dados para compor a metodologia da cartografia da ação e, assim, produzir mapas para uma continuidade futura da pesquisa.

Neste sentido, entendemos que as lutas do cotidiano, do senso comum, dos saberes fora da academia paralelamente são reforçadas por lutas dentro da academia. A epistemologia da geografia, impregnada visões, métodos favoreceram ao longo da história apenas a versão masculina destes saberes. Metade das cientistas ficou de fora; seguem com seus conhecimentos sendo ignorados, diminuídos quando não são incorporados sem a devida fonte. O próprio espaço acadêmico não é convidativo a mulheres, mães, que sobretudo vivem jornada dupla de trabalho compromissadas também com o peso dos afazeres domésticos e com os valores familiares patriarcais.

Propusemos esse diálogo entre saberes, certas de que estes conhecimentos da vida cotidiana devem caminhar juntos, para a emancipação feminina dos machismos cotidianos; da violência de gênero; das agressões, das violências e homofobias advindas de uma sociedade estruturalmente patriarcal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Valéria Gentil. **Diversidade versus monocultura: dilemas de Vandana Shiva.** Sustentabilidade em debate. Brasília, v.5, n 2. 2014.

BITTENCOURT, R. **Estupros aterrorizam Baixada.** IN: Jornal O Dia online, publicado em 11/08/2013 às 00:01:00. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/odiabaixada/2013-08-11/estupros-aterroizam-baixada.html>> . acesso em 12/07/2016 às 09:53

BORBA, Rodrigo; LOPES, Adriana. (NO PRELO). **Escrituras de gênero e políticas de diferença: Imundice verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar.** Linguagem e Ensino, vol 2, 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

_____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BUTLER, J. **Críticamente subversiva.** In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades Rafael M. Mérida. Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, 2002, p. 55 a 81

Cesar Romero Jacob, Dora Rodrigues Hees, Philippe Waniez. **Atlas das condições de vida na região metropolitana do Rio de Janeiro [recurso eletrônico]**– Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio , 2014.

CINECLUBE BURACO DO GETÚLIO. [comentário pessoal]. Facebook. 17 de março de 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/buracodogetulio/posts/806892182692603:0>>. Acesso em 23 de setembro de 2017.

Coletivo Baphos Periféricos. Disponível em <<https://www.facebook.com/baphosperifericos/photos/a.145303185855281.1073741828.144823045903295/176846392700960/?type=3>>. Acesso em 28 de setembro de 2017.

COLETIVO XUXU COM XIS . [comentário pessoal] Facebook. 2012. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/xuxucomxis/about/?ref=page_internal. Acesso em 28 de setembro de 2017.

COSTA, B. P.; HEIDRICH, A. L. (Org.) ; PIRES, C. (Org.) . **Maneiras de Ler Geografia e Cultura.** 1. ed. Porto Alegre: Imprensa Livre; Compasso Lugar e Cultura, 2013. 267p.

COSTA, J; GROSFUGUEL, R. **Decolonialidade e perspectiva negra.** Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1, 2016.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, ano 10, Florianópolis, p. 171-195, 2002.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. Editora Boitempo, São Paulo, 2016
ESCOLA LIVRE DE CINEMA : <escolalivredecinema.com.br/sobre/> Acesso em 28 de setembro de 2017 às 20:23

GARCIA, L. P. **Violência contra a mulher no Brasil: da desigualdade de gênero ao feminicídio**. Consulex, p. 50 - 51, 15 nov. 2013.

JACQUES, P. B.. **Corpografias urbanas**. Arqutextos, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, fev. 2008 disponível em:. Acesso em 12/06/2015.

JAPIASSU, H. **O projeto masculino machista da ciência moderna**. In: SOARES, Luiz Carlos (org). Da revolução científica à big (business) science: Cinco ensaios de história da ciência e da tecnologia. São Paulo/ Niterói. HUCITEC EDUFF, 2001, p. 44-69.

KOZEL, S.. **Um panorama sobre as geografias marginais no Brasil**. In: HEIDRICH, A.L; PIRES, C. L Z; COSTA, B.P(Org.). Maneiras de ler geografia e cultura. 1ed.Porto Alegre-RS: Imprensa Livre:Compasso, lugar cultura, 2013, v. , p. 12-27.

LEFEBVRE, H.. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001 [1969].

_____. **Lógica formal lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

LIMA, E. **A corporeidade como um recurso metodológico da geograficidade**. Revista de Geografia, Juiz de Fora. v. 5, p. 1-11, 2015.

LOURENÇO, Alice ; BARRETO, Amélia Rosa Sá ; ; AMARAL, Luís César Peruci Do . **Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método..** Cadernos IPPUR/UFRJ, Rio de Janeiro, p. 33-52, 2002.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista estudos feministas. Florianópolis. Polis, 22 (3). 935-952. set/dez. 2014

MACHADO, Talita Cabral. **A cidade das mulheres feministas: uma cartografia de Goiânia em perspectiva interseccional e da diferença**. 2016. 231 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

McDOWELL, Linda; PEAKE, Linda. **Women in British geography revisited: or the same old story**. *Journal of Geography in Higher Education*. v 14, n.1, p. 19, 1990

MONK, Janice; HANSON, Susan. **On not excluding half o the human geography**. *The professional geographer*. v. 34, n1, p. 11-23, 1992)

MORAES, A. M.. **Ciência rebelde e desobediência epistêmica: um breve encontro com Orlando Fals Borda**. Cadernos IHU (UNISINOS), v. 11, p. 4, 2013.

NABARRO, W. W.; MANZONI NETO, A. ; PASTI, A. B. ; SILVA, L. P. D. . **Entrevista: Benno Werlen**. In: Boletim Campineiro de Geografia, vol. 2, n. 3 2012 (Entrevista).

OLIVEIRA, A L. **Por uma episteme dialógica, sensível e criativa: uma homenagem a Ana Clara Torres Ribeiro**. Revista Tamoios UERJ-FFP. V.9 n. 1. 2012

_____. **Música e Vida Urbana: encontros e confrontos na cidade do Rio de Janeiro (1990-2008)** Tese de doutorado IPPUR–UFRJ, 2008. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=172681

_____. **Ações culturais e a cidade: Expressões territoriais do cotidiano na Baixada Fluminense**. 1. ed. , 2016. 132p .

PORTO-GONÇALVES, C. W.. **De Saberes e de Territórios - diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana**. Niterói: 2006.

_____. **Natureza do dia-a-dia**. IN: PORTO-GONÇALVES, C. W., Os (des)caminhos do meio ambiente. Contexto. São Paulo, 2010.

QUIJANO, A. 2007. **Colonialidad del poder y clasificacion social**. IN: CASTRO-GOMEZ, S. GROSFOGEL, R. El giro descolonial: reflexiones para uma diversidade epistêmica más allá del capitalismo global. 2007. p. 93-126.

RIBEIRO, A. C. T.. **Lugares dos saberes: diálogos abertos**. In: Maria A. Brandão. (Org.). Milton Santos e Brasil: território, lugares e saber. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo Coleção Pensamento Radical, 2004, v. , p. 39-49.

_____. **Teorias da ação**. Letra Capital, 2014.

_____. **Cartografia da ação social: Região latino-americana e novo desenvolvimento urbano**. In. Otro desarrollo urbano: ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática. Buenos Aires, CLACSO, 2009.

_____. **Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário**. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005.

_____. **"Dança de sentidos: na busca de alguns gestos"**. In: JACQUES, P. B.; BRITTO, F. D. (.). Corpocidade: debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA. 2010.

SAHR, W. D.. **Ação e EspaçoMUNDOS - a concretização de espacialidades na geografia.** In: Angelo Serpa. (Org.). *Espaços Culturais: Vivências, imaginações e representações.* 1ed.Saklvador: UFBA, 2008, p. 33-57.

SANCHEZ LEYVA, María Jesús. **Perdidas en el espacio. Formas de ocupar, recorrer y representar los lugares.** Hurga y Pierro editores, España, 1999.

SANTOS, M. A.. **Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência.** Boletim Paulista de Geografia, n.21, p. 7-14, 1996.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2000

_____. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional.**

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção .** 4. ed. São Paulo:

_____. **O papel ativo da geografia.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, n" 9, pp. 103-109, 2000

SARTRE, Jean Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Petrópolis. Vozes, 2014.

SILVA, C. A. **Território e Ação social: sentidos da apropriação urbana.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. v. 1.

_____. **Territórios da Sociedade: por uma cartografia da ação.** In. SILVA, Catia Antônia. *Território e ação social: sentidos da apropriação urbana.* Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SILVA, Cátia Antônia (et al.) **Formas em crise: utopias necessárias.** Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

SILVA, J ; ORNAT, M. **Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição** (intersectionality and transnational mobility between brazil and spain in prostitution networks). Revista da ANPEGE, v. 8, p. 51-66, 2012.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio ; CHIMIN JUNIOR, Alides B . **Não me Chame de Senhora, eu sou Feminista'!** Posicionalidade e Reflexibilidade na Produção Geográfica de Doreen Massey. GEOGRAPHIA (UFF), v. 19, p. 11-20, 2017.

SILVA, J. M. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** 1. ed. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. v. 1. 313p

SILVEIRA, Maria Laura. **O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial.** 2006. São Paulo.

SOLLA, Xosé M.S., **Espacios disidentes en los procesos de ordenación territorial**. Documents d'Anàlisi Geogràfica, n. 40, Santiago de Compostela, 2002 (p.69-104)

SOUSA, V. P.. **Por uma geografia social, além de humana: a geografia do oprimido e seus diálogos com a interseccionalidade**. Artefactum (rio de janeiro), v. 2, p. 1-12, 2017.

SOUZA, M. (s/d). **“O lugar de todo mundo: a geografia da solidariedade**. Salvador, I Encontro Internacional de Geografia da Bahia. (Conferência).

VALDEVINO, Diego. **“Morte de Gays alerta a Baixada”** IN: Jornal O Dia online. Postado em 11/08/2012 às 01:00; atualizado em 10/08/2012 às 23:10. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/portal/rio/morte-de-gays-alerta-a-baixada-1.474656>> acesso em 17/07/2016 às 15:54

VALENTINE, G. **“(Hetero)sexing space: Lesbian perceptions and experiences of everyday spaces”**, *Environment and Planning: Society and Space*, 11(4): 395-413. (1993).

WERLEM, B. **Society, Action and Space: An Alternative Human Geography**. London, New York: Routledge, 1993

Anexos

Anexo A – Relatório de casos de homicídios

Anexo B – Entrevistas

Anexo C – Tabela de Ações

**ANEXO A - RELATÓRIO DE CASOS DE HOMICÍDIOS – CENTRO LGBT
BAIXADA I.**



**Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos
Superintendência de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos**

Duque de Caxias, 11 de Julho de 2016.

**RELATÓRIO DE CASOS DE HOMICÍDIOS ACOMPANHADOS PELO CENTRO
DE CIDADANIA LGBT BAIXADA I – 2011 a 2016.**

1. Shayara (Jhonny Soares Santana) - TRAVESTI

Inquérito Policial Nº 054.04551/2011 – 54ª DP

Protocolo PRSH: 2011/1012

Síntese do fato: Em julho/2011 - Sra. Silvânia, genitora da vítima, procurou a Coordenadora Sharlene Rosa, para que esta cuidasse do caso de sua filha, que tinha sido assassinada em Belford Roxo.

O corpo foi encontrado com sinais de luta corporal muito machucada e com sinais provavelmente de arma branca (faca) ou outro objeto pontiagudo.

Andamento do caso: O caso está sendo investigado pela 54ª DP (Delegacia de Belford Roxo), através do Inquérito Policial Nº 054.04551/2011.

O procedimento criminal está em fase conclusiva, para ser remetido à Justiça.

O Centro de Cidadania LGBT Baixada I, acompanha o caso desde o início.

Já foram ouvidas testemunhas e seus familiares, estão no aguardo de maiores informações (testemunha ocular ou alguém que conhecesse bem a Vítima em seu trabalho – Profissional do sexo).

2. Alexandre Cunha – HOMOSSEXUAL

R.O. nº 16410/11 – 59ª DP

Protocolo PRSH: 2011/1154

Síntese do fato: O repórter Nonato Vieira de Duque de Caxias trouxe uma denúncia, que um homossexual tinha sido assassinado em Duque de Caxias, no Centenário.

Andamento do caso: Para averiguar se a informação era verídica, entramos em contato com a 59ª DP, que confirmou o homicídio. Tratava-se de Alexandre Cunha, de 34 anos, que foi encontrado morto, com sinais de espancamento dentro de sua casa.

O fato foi registrado na 59ª DP, guia de remoção 0590/11 - R.O. nº 16410/11.

O procedimento criminal foi remetido ao Judiciário, contudo a autoria do crime ainda era desconhecida e tal procedimento pode ser arquivado.

Em reunião que se deu dia 16/04/2015 na própria 59ª Delegacia de Polícia a Dra. Delegada Juliana Emerique Amorim, relatou que o caso encontra-se na 4ª Vara Criminal do Júri de Duque de Caxias.

3. Carlos Eduardo - TRAVESTI

Inquérito Policial N° 052.06002/2011 – 52ª DP

Protocolo PRSH: 2011/1014

Síntese do fato: Através de um e-mail do SOS Nova Iguaçu, tomamos conhecimento da morte de uma travesti. Não tinha muitas informações sobre o assassinato, o ocorrido estava estampado em jornais de pequena circulação na Baixada.

Andamento do caso: Para obter mais informações, comparecemos à 52ª DP que confirmou o homicídio. O procedimento criminal é 052.06002/2011. Nesse caso, foram duas vítimas, uma que chegou a óbito e a outra que sobreviveu.

O caso ainda está investigado pela Central de Inquérito. Segundo informações está tramitando na DEAC – situada na rua Gaspar Soares, s/nª, atrás do Hospital Iguaçu – telefone 2769-2587.

4. Joel Campos da Silveira - HOMOSSEXUAL

Registro de ocorrência n° 054.00236 – 54ª DP

Protocolo PRSH: 2011/1145

Síntese do fato: Em abril de 2011, o sobrinho da vítima fez uma denúncia ao Grupo Triângulo Rosa, informando que seu tio foi encontrado morto embaixo do viaduto da Bayer, com o rosto desfigurado.

Andamento do caso: Acompanhamos a família e demos auxílio jurídico, social e psicológico. O fato está sendo investigado pela 54ª DP, através do Registro de ocorrência n° 054.00236.

5. Sidney Mota - HOMOSSEXUAL

Registro de Ocorrência sob o n° 056.01619/2011- 56ª DP

Protocolo PRSH: 2011/1146

Síntese do fato: Fomos informados pelo Grupo 28 de junho, que um jovem gay foi encontrado morto.

Andamento do caso: Entramos em contato com a 56ª DP (Comendador Soares), que confirmou o fato. Conseguimos o registro de ocorrência sob o n° 056.01619/2011. O corpo da vítima foi encontrado com ferimentos perfuro-cortante. Estamos acompanhando o caso e

até o momento a Polícia Civil está colhendo novas provas e aguardando testemunhas a respeito do assassinato.

6. Jairo José Correa - HOMOSSEXUAL

Registro de Ocorrência 861.00827/2014 - DHBF

Protocolo PRSH: 2016/0470

Síntese do fato: Através de uma denúncia pelo Disque Cidadania, fomos comunicados de um assassinato. A vítima era Jairo (Advogado), de 53 anos, que foi encontrado morto por seus familiares, no município de Magé, no banheiro de sua residência, nu, com várias facadas em seu corpo.

Andamento do caso: O caso estava sendo investigado pela Delegacia de Homicídios da Baixada, através do registro de ocorrência 861.00827/2014.

O inquérito policial foi concluído, tendo sido apreendido dois menores que confessaram o crime. A sentença criminal foi prolatada com a condenação dos adolescentes ao cumprimento de medida socioeducativa de internação.

- Dr. Leandro, dois autores menores de idade preso.

7. Nicole (Wesley Marinho) – TRAVESTIS

Registro de Ocorrência nº 861.01807/2014

Protocolo PRSH: 2014/1432

8. Nickelly (Luique Marinho) - TRAVESTIS

Registro de Ocorrência nº 861.01807/2014

Protocolo PRSH: 2014/1432

Síntese dos fatos: Tomamos conhecimento através do facebook, que duas travestis haviam sido assassinadas em Nova Iguaçu. Os corpos foram encontrados em Nova Iguaçu, com marcas de arma de fogo.

Andamento do caso: Estivemos na DH da Baixada, em Belford Roxo e obtivemos o registro de ocorrência nº 861.01807/2014. O inquérito policial ainda não foi concluído. Já foi ouvido uma testemunha e agora está marcado o depoimento do Sr. Sebastião, que é dono de outro estabelecimento, que fica na rua onde ocorreram os assassinatos.

9. Claudio - PIU/LACRÁIA – TRAVESTI

Registro de ocorrência nº 861.00136/2015

Protocolo PRSH: 2015/0119

Síntese do Fato: Travesti que desfilava na escola de samba Beija-Flor de Nilópolis foi executada em Janeiro do presente ano. A imprensa divulgou o crime.

Andamento do Caso: Entramos em contato com a DH- Baixada Fluminense sobre o caso e obtivemos uma cópia do registro de ocorrência (861.00136/2015). O caso ainda está sob investigação, contudo já existem três suspeitos identificados, sendo que um deles, já possui 07 (sete) mandados de prisão de crime de homicídios e se encontra foragido. Existe uma testemunha do fato, que ainda não foi ouvida. Em reunião com o Delegado Fábio Cardoso o mesmo relatou que solicitará a prisão Preventiva do suspeito.

- RESOLVIDO. Prisão expedida e culpados detidos.
- N° 1233/2015, cumprimento de prisão.

10. Luciano da Silva – HOMOSSEXUAL

Registro de Ocorrência 861.00338/2015 - DHBF

Protocolo PRSH: 2016/0471

Síntese do Fato: Através do Facebook, chegou ao Centro de Cidadania que, um jovem morador do bairro do Lote VX, foi encontrado morto, com sinais de espancamento e abuso sexual, em frente ao nº128, Bairro do Vasco - Belford Roxo, no início do mês de março do presente ano.

Andamento do caso: O caso se encontra na DH Baixada, porém o corpo não foi identificado e até o presente momento nenhum parente ou testemunha compareceu a Delegacia. A Delegacia aguarda a vinda do laudo papiloscópico para tentar identificar a vítima, registro de ocorrência 861.00338/2015. Já identificaram um familiar e a Polícia da DHBF está aguardando o seu depoimento.

- Dr. Leandro.

11. Leonardo Teixeira - HOMOSSEXUAL

Registro policial 053.03994/2013-01 – 53ª DP

Protocolo PRSH: 2016/0472

Síntese do Fato: Vítima foi encontrada morta, em um terreno baldio, com marcas de tiro. O namorado da vítima, Alan que trabalha como estilista em escola de samba nos procurou e solicitou ajuda. O namorado e a genitora da vítima tiveram acompanhamentos psicológico, social e jurídico no Centro de Cidadania da Baixada Fluminense.

Andamento do caso: O Homicídio está sendo investigado pela 53ª DP, através do Registro policial 053.03994/2013-01. O caso não foi solucionado e ainda não há autor do crime e nem suspeitos.

O Delegado irá chamar novamente as testemunhas para uma nova oitiva, inclusive seu namorado à época Sr. Alan Vieira.

12. Camila Rios – TRAVESTI – Barra da Tijuca

Inquérito Policial N° 901.00336/2016 – Delegacia de Homicídios – DH Barra da Tijuca

Protocolo PRSH: 2016/0246

Síntese do fato: Camila foi encontrada morta, com marcas de tiro no dia 12.03.2016, na Rua Nova, Rio das Pedras. O fato foi veiculado através das redes sociais, páginas de noticiário eletrônico, blogs.

Andamento do caso: O Coordenador do Centro de Cidadania LGBT Baixada I, acompanhou os seus familiares no Rio de Janeiro para a liberação do corpo no IML já que a vítima estava há três dias e a família sem a documentação devida não conseguia a liberação para o sepultamento. Colocamos também, a equipe técnica em contato com a família para uma possível necessidade de um atendimento “psicológico ou jurídico”.

A delegacia de homicídios da Barra da Tijuca investiga o caso de homicídio.

13. Adalberto José Guadart Limer (BETO VOGUE) - HOMOSSEXUAL

Inquérito Policial 52ª DP – Tentativa de Homicídio

Protocolo PRSH: 2016/0245

Síntese do fato: Em 20/04/2016, a vítima estava trabalhando no Site Club. Por volta, das 5 (cinco) horas da manhã, quase chegando a sua residência, encontrou Thiago, com quem mantinha um relacionamento esporádico, acompanhado de um amigo. Thiago e esse amigo, Juliano, foram até a casa de Beto. Juliano, então, pediu para beber água e quando retornou da cozinha, está munido de uma faca. Juliano cortou o pescoço da vítima e, juntamente, com Thiago começaram a chutar o rosto da vítima, gritando: “morre viado”. Pensando que Beto havia morrido, eles ainda pegaram dois computadores, dinheiro e fugiram.

A vítima foi encontrada por um amigo, que o socorreu. Ficou 5 (cinco) dias no CTI, tendo se submetido a duas cirurgias no pescoço.

Andamento do caso: O caso estava sendo investigado pela 52ª DP (Delegacia de Nova Iguaçu), já tendo o procedimento criminal remetido à Justiça, com pedido de prisão preventiva dos suspeitos.

O Centro de Cidadania LGBT Baixada I, acompanha o caso desde o início.

- Mandato de prisão preventiva expedida.

14. Cássio Riberto dos Santos da Silva - HOMOSSEXUAL

RO: 861-00823/2016

Protocolo PRSH: 2016/0262

Síntese do fato: A mãe do jovem gay Cassio Roberto dos Santos da Silva, de 25 anos, que foi encontrado morto no último dia 30 em São João de Meriti, procurou o Programa Estadual Rio Sem Homofobia, acompanhada do advogado e militante Roberto Gonçale, para que o coordenador do programa, Cláudio Nascimento e o Centro de Cidadania LGBT - Baixada acompanhem a apuração da ocorrência que, segundo Elizabeth Nascimento do Santos (mãe do rapaz) pode ter sido ocasionado por homofobia.

Cláudio Nascimento (Coordenador do RSHomofobia) já entrou em contato com o chefe da Polícia Civil para agendar um encontro com a divisão de homicídios de Belford Roxo.

15. Dois mortos, não identificados – HOMOSSEXUAIS – Duque de Caxias
Inquérito Policial nº / R.O.nº: 861-00990/2016
Protocolo PRSH: 2016/0401

Síntese do fato: O Centro de Cidadania foi acionado pela militância local que encaminhou página do portal Reage Saracuruna Informa. Segundo informações do portal o crime aconteceu no dia 25/06/2016, nas mediações das Ruas Mariano Belo com Rua Afonso Pena em Imbariê.

16. Lorrان Lorang – TRAVESTI - Petrópolis
Inquérito Policial nº / R.O.nº:
Protocolo PRSH: 2016/0398

Síntese do fato: O Centro de Cidadania foi acionado pela militância local que encaminhou página do portal
O corpo de Lorrان Lorang, 19 anos, foi encontrado enforcado em um balanço no parque da Praça da Liberdade, no Centro Histórico de Petrópolis, Rio de Janeiro. Os moradores acionaram a polícia em 22/06/2016.

17. Rodney Teixeira – HOMOSSEXUAL - Mesquita
Inquérito Policial nº / R.O.nº: 053-04626/2016
Protocolo PRSH: 2016/0399

Síntese do fato: O corpo foi encontrado na calçada do SAMU de Mesquita, totalmente desfigurado e com corpo todo quebrado, além de tiro no joelho. Também há indícios de estupro.

18. Marco Felix – HOMOSSEXUAL - Japeri
Inquérito Policial nº / R.O.nº: 861-00998/2016
Protocolo PRSH: 2016/0400

Síntese do fato: O Centro de Cidadania foi acionado pela militância local. O corpo foi encontrado em Lages, Paracambi com cartão de crédito. Marcos Félix era morador de Japeri e funcionário da Prefeitura de Japeri.

19. Adriano Cor – TRAVESTI - Nova Iguaçu
Inquérito Policial nº / R.O.nº:
Protocolo PRSH: 2016/0473

Síntese do fato: Julho de 2015. Homem é encontrado morto com sinais de violência em rio e amigos suspeitam de crime de homofobia.

O corpo de Adriano da Silva Pereira, de 32 anos, conhecido como Adriano Cor, foi encontrado nesta segunda-feira (6) em um rio de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. O rapaz estava desaparecido desde domingo passado (5), quando saiu de casa no bairro Santa Maria, em Belford Roxo. O corpo tinha sinais de violência.

De acordo com a amiga Taísa Machado, Adriano saiu na noite de domingo, por volta das 23h, para dar uma volta perto de casa.

20. Edson José da Silva, advogado – HOMOSSEXUAL - Nova Iguaçu

Inquérito Policial n° / R.O.n°:

Protocolo PRSH: 2016/0474

Síntese do fato: Outubro de 2015. Advogado é morto a tiros na Baixada Fluminense; polícia suspeita de homofobia.

Um advogado foi morto a tiros no início da madrugada em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. De acordo com informações da Divisão de Homicídios da Baixada Fluminense (DHBF), Edson José da Silva, mais conhecido como Edson Joseph, de 45 anos, foi encontrado morto e com sinais de estrangulamento no bairro Parque Engenho Pequeno. Ele estava apenas de cueca e com um cinto ao lado do corpo. Edson era homossexual e a Polícia Civil trabalha com a hipótese do crime ter sido praticado por homofobia.

Um amigo de infância da vítima, Marcio de Sá, de 40 anos, contou que Edson saiu do trabalho no centro de Nova Iguaçu, por volta das 20h. A irmã de Marcio, que conhecia o advogado, afirmou que o viu passar de carro no Bairro Boa Esperança, que fica próximo ao local do crime. Logo depois, por volta das 22h30, foi quando Edson chegou em sua casa, no bairro Vila São Deodoro, segundo vizinhos. Porém, eles não sabem dizer se ele estava acompanhado. Por volta das 23h20, o carro de Edson saiu de lá.

Fonte: leia mais: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/advogado-morto-tiros-na-baixada-fluminense-policia-suspeita-de-homofobia-17911173.html#ixzz4E6tzEF3y>

ANEXO B – ENTREVISTAS

COLETIVO BAPHOS PERIFÉRICOS

ENTREVISTADA: JEC BARBOSA

1. Como surgiu o Coletivo Baphos Perifericos?

Então, o baphos é...então, vou falar um pouco de mim, eu sou de Mesquita e aí quando fui crescendo assim, na adolescência, comecei a procurar espaços que me dessem aula de graça. E aí eu caí nas casas de cultura. Não caí na casa de cultura de Mesquita porque desde então tem um funcionamento assim que eu nem sei. A Casa de Cultura já deixou de existir...acabou de voltar mas é um lugar que não é ocupado pelas pessoas da forma como deveria ser e aí eu caí na casa de cultura de Nilópolis, no Teatro Tim Lopes...escola de teatro e aí lá eu fiz e depois me aproximei de Nova Iguaçu...fui tocar Maracatu na Casa de Cultura com o Baque da Mata, e aí o Baque saiu da Casa de Cultura. E aí eu caí nessa cena de Nova Iguaçu, conheci o Buraco do Getúlio e na verdade a primeira vez que eu fui no Buraco foi pra fazer uma participação com o Baque da Mata, no show do “gente estranha no jardim”, antiga banda de um monte de gente. E aí em 2015 o Buraco do Getúlio começou a abrir a produção pra que as pessoas chegassem, acompanhando...pra gente se empoderar, né? Pra saber que é possível fazer tal coisa né? E aí acompanhei essa produção aberta durante todos os Buracos do ano passado. Quando foi em novembro rolou uma oficina na Escola Livre de Cinema e na oficina rolou uma aula que tinha um exercício pra gente pensar um festival, desde tema até o troféu que a gente tinha que dar, enfim, um exercício de aula mesmo...a gente teve uma hora. E eu caí graças a deus num grupo de bichas, sabe? A gente falou “a gente vai pensar num tema de que? de gênero, entendeu?” E aí foi baphos periféricos, a gente tinha pensado um festival com esse nome e a gente saiu da aula com aquela vontade, né? Vontade de fazer a parada. Na verdade, tinha malícia pelo menos na minha parte porque eu sempre quis desde que eu comecei a produzir o Buraco junto com a galera, comecei a estudar no Parque Lage também, e falei “quero fazer performance”. A primeira performance que eu fiz foi no Buraco do Getúlio, no corpo, ano passado, e aí eu sentia falta dessa cena de performance arte contemporânea da Baixada, algo que não fosse só o teatro, que não fosse só fotografia, poesia, e aí eu sentia falta dessa cena que tem tudo a ver com corpo e sexualidade e gênero. E aí nessa aula a gente pilhou de fazer isso em novembro. E eu e o Quitto conversando, decidimos falar com a galera que tava com a gente no dia do exercício e acabou que o coletivo ficamos eu Quitto, Neco e a Livia, a gente pilhou e começamos a nossa produção assim pra gente sentar e ver o que era, conceitualizar a parada em janeiro, pra gente fazer nosso primeiro evento em março. Acabou que ficou sendo em abril e aí ele surge assim, da vontade de uma cena que fala de corpo, fala de sexualidade, fale de gênero mas muito mais com o nosso recorte da Baixada, mas não só na Baixada...a ideia é expandir mesmo...por isso usamos o “periféricos” a gente entende que a gente tem que ter essa rede ampla periférica da zona oeste, são Gonçalo, saca? Com a perifa de são Paulo, de outros lugares assim.

2. Por que fazer na rua?

Po...por que fazer na rua, né? Primeiro que é uma praça, né? Aí é muito ruim ter essa praça vazia. Ter um espaço que é reconhecido como perigoso. Porque se a ação não ta acontecendo aqui, a praça ta vazia...se eu passasse aqui, eu ia passar aqui com o cu na mão, saca? Correndo, tipo, fudeu. Então tem um pouco disso, ocupar o espaço público, voltar pra esse

espaço, a gente não pode ser expulso desse espaço, é o espaço onde a gente se encontra, espaço público, a gente vai se encontrar pra fazer ações, política, pra conversar...onde a gente se encontra? Só na nossa casa, sabe? Tem um pouco disso também...a gente muda, ressignifica a Baixada mas não é só o imaginário, mas é o imaginário também...se você procurar no google ou na tv sobre a Baixada você vai ter notícias de assalto, crime...você não vai ver uma reportagem que isso acontece na praça.

3. Qual público vocês queriam atingir quando pensaram em fazer o baphos?

Cara, a gente quer muito primeiro um público adolescente, público do ensino médio. Por que? Porque é nessa fase que a gente começa, que a nossa sexualidade começa a se mostrar, a nossa identidade de gênero começa a ficar meio bugada e a gente dentro de casa, cara...é uó mesmo...família não aceita, e aí a escola é muito esse ambiente que você vai dar pinta. Mas aí chega na escola e você também é reprimido ne...e aí junta aquela galerinha. E aí as travestis são expulsas de vários espaços porque quanto tu é viado, quando tu é sapatão, provavelmente você vai ser expulso de casa, tá ligado? Se você tiver uma família conservadora e tal...muito provavelmente. Mas se você é travesti ou então homem trans, cara, uma sapatão muito masculinizada, é muito real que as pessoas saiam de casa e tenham que trabalhar, se virar na rua e tal e essa galera, é foda, é expulsa de muitos espaços, só não é expulsa da pista porque tá trabalhando e ainda assim tá trabalhando nos empregos mais marginalizados. Então a gente quer atingir essa galera...então foi muito feliz que a gente conseguiu ir na ocupação aqui do Colégio Rangel Pestana, que é um colégio super LGBT de Nova Iguaçu que tava ocupado e a galera é super...teve um ato com essa galera aqui em nova Iguaçu, ne? É um espaço de acolhimento. A gente tem que pensar em cuidado e poder quando a gente fala de Baixada Fluminense.

4. Na descrição do Coletivo, ele se coloca como safe place. Por que esse termo?

Ah, esse termo deu polêmica porque é em inglês e a gente fica pensando po...um monte de gente não sabe o que é que é isso. A gente até colocou a tradução lá do lado. Mas, é por ser um lugar de acolhimento, a gente quer que seja um lugar seguro tanto que é uma preocupação essa coisa. A prefeitura nem tem a preocupação de, não sei, fazer algum aparato de segurança na praça. Claro que a gente se questiona que essa polícia não é a polícia que a gente quer, não é uma polícia que deixa a gente seguro, principalmente sendo LGBT, mas a ideia de ser um lugar seguro é um lugar de acolhimento mesmo. Porque aqui se rolar um LGBTfóbico fazendo graça, a gente vai botar ele pra fora, sabe? A gente tá junto pra isso. A ideia é garantir um lugar seguro com o máximo que a gente conseguir. Pras pessoas se montarem, pra você segurar a mão da sua namorada, sabe?

5. Quem faz parte do coletivo?

Eu, Jec Barbos, Quita Pinheiro, Livia Bambos, Neco Bermudês; Ah, e Jose Alcani e Lucas Lima que são do Canal Plá e entraram recentemente.

6. Como é fazer parte de um coletivo que aborda gênero, corpo e sexualidade na cidade de Nova Iguaçu? Qual a importância disso para vocês?

É muito emocionante, principalmente...na última edição eu fiquei passada, muito emocionada porque tava muito cheio e as pessoas super gostando e aí no final chegaram dois meninos, duas bichas e falaram “há 10 anos atrás a gente tava dando pinta aqui nessa

praça, sabe? Montada.” Coisa que eu não conheço e não fazia a mínima ideia de que acontecia. Mas claro né...no final eu já sabia que a gente nunca tá fazendo uma coisa nova. Claro que alguém, um dia, já fez essa parada, sabe? Claro que as bicha já quiseram se encontrar, claro que já fizeram o rolê das sapa, elas tem que se encontrar, mesmo que a gente não conheça. Pra mim é muito importante a gente olhar uma pessoa e “caramba ela é uma referência pra mim”, sabe? E não é uma referência de uma pessoa de fora, de um lugar que é considerado melhor...”com mais cultura”...ela é uma referência e é do mesmo lugar que eu, sabe? A gente é igual. É importante ter essa identificação. Então é isso, representatividade é uma coisa importante, pelo menos pra mim. Importa muito pra eu encontrar minhas referências. É um processo que eu passo.

7. Você, na ultima edição do Baphos, em julho, disse que “as bicha preta já tava aqui muito antes de Judith Butler” pode falar um pouco mais sobre isso?

Então, tem uma pergunta que eu me faço que é a gente pergunta pro cara “e ai vc é homem? ah, vc é mulher?” e ai ele não sabe o que é...ai você pergunta pra mina também e ela não é mulher, não quer ser mulher, não quer ser homem e ai, cara, tem mó galera daqui que é queer, mas o que é o movimento queer? Não tem nada a ver com essas pessoas. O que tem a ver na verdade...aqui a maioria não leu Judith Butler é uma coisa que eu to tentando estudar, mas pra cá é um outro processo...a gente também tem essa identificação de gênero, essa construção do nosso corpo, de tomar hormônio...várias paradas, de usar faixa no peito pra esconder o peito, mas você não é uma pessoa queer e as vezes você não é uma pessoa trans... não é trans binário. Então eu comecei a pensar sobre isso. Não tem nada a ver, o queer eu conheci na universidade e as pessoas que eu conheço do role de Rio que se identificam como queer, a grande maioria são pessoas bem diferentes das que eu conheço da periferia. É uma outra estética, inclusive.

8. Partindo do pressuposto de que a sociedade nos impõe definições sobre nossa normatividade, sobre nosso comportamento, nosso corpo. Existem algumas imagens rolando pela internet que colocam umas diferenciações entre o que é o sexo, o que é sexualidade, o que é gênero...a partir disso, o que vc diria que é corpo?

Corpo...eu tenho muita dificuldade de pensar a arte sem pensar no corpo. É construção né? Eu acho muito ruim a gente pensar que a gente tem um corpo fora da mente, sabe? Essa ideia de que tem uma mente pairando e é só construção social e o corpo, sabe? Não, eu acredito numa ancestralidade que ta no corpo, que a gente resgata ela e ela tá viva. Corpo é pele, é físico, é carne, é sangue, e a partir disso a gente vai fazendo as transformações e os ataques através do corpo também.

9. E gênero?

Tá, vou fazer essa viagem...eu preciso estudar isso, mas acredito que a gente é feminilidade e masculinidade e eu acredito no feminino e no masculino como forças. São forças e o que o patriarcado fez foi sobrepor a força da energia masculina, a energia yang, sobrepondo a energia feminina e nisso as qualidades do masculino são qualidades que a gente conhece hoje...a força, né? É muito ruim a gente tender a ver o sentimento e a emoção muito menores do que a razão, né? E isso é atribuído ao corpo da mulher...a gente que nasce com buceta e tem que ter esse comportamento, sabe? e essa coisa do sagrado feminino é muito importante ne...a gente se descobre não-binário quando a gente descobre

o sagrado feminino, eu acredito nele. As energias femininas não são menores...e acho que somos compostos das duas e precisamos buscar amplitude e equilíbrio. E aí que eu acho que essa ideia de gênero que a gente tem hoje é muito ruim, muito agressiva para todos os corpos. Acho que o gênero vai chegar num lugar que vai ser muito diferente do que a gente entende como gênero hoje. Por isso eu acho que eu não sei responder o que eu acho de gênero, sabe? Seria pretensão dizer o que é gênero.

10. E sexualidade?

Sexualidade: não sei...é...acho que é muito louco, né? Porque a gente pensa que existem pessoas assexuadas, sem desejo sexual. É desejo sexual, eu acho...o que gente sente por N gêneros. É uma coisa que se dilui quando você se diz não binário, por exemplo. Por exemplo eu, se eu falo que sou lésbica...mas como assim eu sou mulher e me atraio por outra mulher mas não me identifico como mulher?

11. E por fim, o que é o feminismo na sua vida?

Pô...muito lindo, vou te falar...sendo romântica, claro...meu feminismo é lindo porque é claro que é uma merda, a gente leva porrada, é um inferno, no micro, nas relações, a luta é muito maior e muito mais difícil do que a gente falar que é feminista assim. E tipo, falar teoricamente numa entrevista o que é o feminismo. Mas eu acho que eu sou feminista desde antes de conhecer o feminismo...desde quando eu me incomodava com as questões de gênero porque as mulheres tem esse papel...cresci vendo minhas tias, minha mãe levando porrada em relacionamento e eu ficava muito puta...minha vó...eu acho que tem uma coisa que me incomoda muito que é essa coisa de hierarquizar opressão porque as feministas chegam e...por exemplo, eu me identifico não-binária coisa que as feministas radicais, algumas, muitas das vezes ignoram e dizem que não existe...é mimimi, mas eu também me identifico muito com as questões que elas colocam com relação a isso...acho que não tem que ignorar...pelo contrário. Eu vejo um futuro por um feminismo que não ignorem os corpos que não se identificam dentro do binarismo cisgênero. Então...isso é uma questão que expulsa simbolicamente pessoas do feminismo...causa rachas, mas o feminismo é sobrevivência...é a gente conseguir ter dignidade e se sentir igual nessa sociedade porque a gente não se sente. Simbolicamente a gente não tá no mesmo lugar que o macho. É uma vida digna, é luta por sobrevivência.

POESIA SEGUNDA PELE

ENTREVISTADA: CAMILA SENNA

1. O que é o Poesia Segunda Pele e por que fazer um projeto como esse em Nova Iguaçu?
Olha, não teve um porque fazer uma ação dessa em Nova Iguaçu. Esse projeto foi criado há três anos totalmente utópico, sabe? Utopia pura. Eu não tive um "ah, eu tenho que fazer isso em Nova Iguaçu". Aconteceu. Eu pixava, escrevia versos que pra mim são flores no muro. Pra mim poesia tinha que tá aqui, ali, lá no caos da cidade. Você parar e olhar pro muro e ler...pra mim tinha que ser uma cidade cheia de poesia nos muros. E eu só transferi isso pro corpo feminino. Eu sempre quis tirar a poesia do papel e botar em algum lugar e aí encontrei a primeira pele minha, a Aline, que ficou meses em parceria comigo depois que eu criei. E a

segunda pele foi minha, por um acaso que ela escreveu em mim. Foi mais assim... utópico mesmo. Quando rolou isso foi numa câmera de celular...deu um mês e eu quis levar isso adiante. Comprei uma máquina, uma Nikon, e comecei a marcar as minas e comecei a ir nos saraus que eu produzi: 7 anos o sarau Donana, 4 anos o fulanas de tal e sempre em ocupações, sempre fotografando, desde o início do Sarau V, eu sempre tive com a Janaína, sempre estive em vários eventos...enraizados, enfim...toda esse circuito de saraus. E eu passei como louca, né...uns 4 ou 5 meses o pessoal olhava assim e "nossa, essa garota é louca escrevendo na pele". E minha letra ainda era feia, fotografia também não era boa, sabe? Mas eu nunca quis me tornar uma profissional na fotografia, eu queria melhorar. Então tudo isso foi aprimorando e acontecendo. Então com 8 meses bombou, saiu no Catraca Livre e eu nem esperava...o meu projeto praticamente foi consagrado pelo Catraca, que as pessoas passaram a me dar mais importância. Foi quando fiz 9 mulheres lá no Sarau do Escritório, na Mem de Sá. Parei o transito...ai depois começou a sair no Extra, O Dia, O Globo, e fiz 151 mulheres, passei no projeto Favela Criativa quando tinha quase dois anos. Não teve um propósito mas depois a gente vai descobrindo. Com um des-propósito a gente vai descobrindo vários propósitos. A pessoa que me mostrou a primeira viés, que pra mim ele se deu como uma causa foi a Vera, porque ela não tem uma mama. Quando eu vi que eu fiz uma mulher com esclerose múltipla...como a gente ta conversando aqui, eu conversava primeiro, uma psicologia, eu demorava duas, três horas pra produzir. E eu fui conversando com a mulherada e a Vera mostrou que meu projeto era uma causa porque assim... dentro desse despropósito do inicio eu tinha só dois propósitos: dar visibilidade a poesia Baixadense, uma palavra criada por nós aqui, essa palavra não existe no dicionário. E a segunda dar protagonismo a mulher, só que bem poética, libertadora e dar visibilidade a mulher e ser o quiser com o próprio corpo. Ah, mais um propósito...mulher não se encaixar no padrão, sempre foi minha terceira via assim de pensamento. Sem curvas idôneas e corpos perfeitos, não! ali a gente fazia acontecer. As vezes a menina era muito magrinha, eu produzia, botava um zoom porque a fotografia mostra. As vezes a mulher se acha feia e você vai la, produz e ela fica "nossa, caramba, sou eu" então é uma coisa gostosa pra pessoa. Mas a Vera, eu nem tinha saído no Catraca...ela me procurou, ela é palhaça lá de Caxias, depois que eu produzi, ela ganhou muita visibilidade, ela ganhou um número e foi pra palhaçaria e depois do curta que o Xuxu com Xis da Pamella eu descobri também que o projeto continuava...foi no despropósito que foi ganhando um propósito. Não foi "ah, vou fazer algo por Nova Iguaçu" não, eu já fazia. Eu comecei como blogueira. Invadi os saraus...comecei a fazer um intercambio. Eu sou cria de Belford Roxo, moro há 14 anos em Nova Iguaçu...eu fiz mulheres doutoras, pediatras, de Niterói, mas ninguém eu fui até a pessoa. Nem é por nada não, eu não cobro nada. 151 mulheres fotografadas sem eu cobrar nada e não cobrarei. Ai eu fui agendando. E todo mundo eu fui levando para a Casa de Cultura, que inclusive não me dá o menor valor. Já até fui expulsa de lá. Tem até gravação disso. Então eu produzia mulheres ali e algumas a gente ia pras ruas de Nova Iguaçu, pro camelódromo, pro shopping a céu aberto, pra Via Light, entre outros...fazendo mulheres se deslocarem das suas cidades e virem pra Baixada pra eu poder produzir. Eu queria fazer esse deslocamento. E fiz conexão fora do Estado. Mas a poesia tem que ser de autores da Baixada pra dar visibilidade a nossa literatura. Nos temos literatura aqui, temos poetas, temos escritores aqui. Há pouco tempo agora logo antes do atentado que eu sofri quando esses 10 meninos que me juntaram e me bateram, tentaram acabar com meu rosto, só que tá aqui graças a deus, eu trabalhei na biblioteca mancando, cheia de dor, tomando vários remédios, fui numa homenagem a Clarice Lispector e eles me chamaram pra trabalhar, trabalhei 3 dias e produzi o Hudson que foi meu primeiro homem. Eu fiz uma trans que foi a Solene e fiz o Hudson, falando assim de gênero...a gente vai recriando, sendo inventiva. Tinha uma semana

que ele tinha confessado para os pais que ele era gay. Ficou muito lindo. Foi meu último trabalho...foi em janeiro de 2016. Aí eu fiz um quadro, to fazendo um quadro...eu to voltando, ne...mas você pode registrar aí "eu sou homem e eu feminista". Vai entrar uma leva de homens aí, já tem uns 3 homens pra eu produzir. Não tem só essa coisa, o cara que ta com a gente, independente do gênero se ele não é misógino...ele tem um ser feminino...então eu criei esse quadro.

2. Como você analisa a representatividade de ser mulher periférica e conduzir essa ação?

Primeiro ser mulher na Baixada já é uma coisa muito foda porque não vem comparar feminista da Baixada com feminista da Zona Sul. Igual no jornal O Globo que fizeram "por um feminismo mais pop" mais pop o cacete...aí mudou, fez uma entrevista que o Poesia Segunda Pele cobriu...eu não explanei, mas trocou o curso da Carol, colocou que ela fazia Direito, ela faz Letras. Ai eu fiz a Jessica com a axila...cortaram o braço dela na foto pra não aparecer o cabelo...isso já é um conflito... com a mídia...machista, ainda mais O Globo. E aqui na Baixada teve alguns grupos...porque assim...aqui ninguém nunca me ofereceu "Camila, quer uma máquina emprestada?" eu nunca fiquei atrás de coletivo pedindo algo...olha, eu lembro, não quero falar o nome do coletivo que eu acompanho há 10 anos, eu era chamada de pomba gira, de piranha, entendeu? eu sempre fui uma menina que nem sabia o que era empoderamento mas era empoderada. Sofri preconceito sim. Mas depois que fiz meu projeto, vi muitos meninos e meninas fotografando autonomamente, inspirou algumas pessoas sim. Mas assim, na Baixada mesmo, ninguém nunca me deu valor. Por exemplo, eu fui chamada no Buraco do Getulio pra me apresentar uma vez no Ananias e uma na Praça dos Direitos Humanos..só tinha uma foto minha com o meu varal de fotografia que eu levei. Eu levei varias fotografias mas eles botaram justamente a foto do varal vazio e uma foto só. Eu fui na edição do Shopping Novo e tiraram a minha foto da página do Shopping. Há algumas retaliações, mas nada como a gente aparar as arestas. E outras coisas que foram surgindo também...por exemplo a Maria Gadu no novo disco dela, escrevendo no rosto...quase 2 anos de projeto e aconteceu isso...não veio do nada. Eu tive algumas alegrias: fazer a Nega Gizza, a rapper. Eu produzi ela, veio do Rio pra cá. Então assim, não me importa, sabe? Nunca precisei da aprovação de ninguém.

3. Qual sua relação com as outras produções de Nova Iguaçu e como você analisa a cena hoje?

A minha relação é de respeito porque eu faço parte desse cenário. Eu sou cria de Belford Roxo, da rua do Sarau Donana eu vi toda aquela movimentação desde pequena...eu vi tudo aquilo acontecer. Aí o Marcio Rufino, que era meu vizinho, me chamou pra produzir o Donana por 7 anos. Depois veio o Fulanas de Tal que criei também...a gente criou o Donana. Tem o Pó de Poesia também...cara, é uma situação de respeito. A cena atual hoje como eu sofri esse atentado eu não tenho visto muita coisa, não. Eu só continuo com meu projeto. Não to muito ligada na cena atual, mas eu quero voltar. Ser continuista. É legal lembrar também que o nosso filme passou em terceiro lugar na Bienal.

4. O que é o feminismo para você e a importância dele na sua vida?

Eu nunca gosto de responder essa pergunta...acho tão...mão tripla, tão assim, cada um tem uma via. Pra mim o projeto já fala por mim, o que é o feminismo pra mim, é o que a Bia Pimenta me falou: Camila, você já mostra pro que veio, teu projeto é feminista. Então o feminismo pra mim é o que eu fiz com o Poesia e o que eu quero continuar fazendo. Há vários tipos de feminismo...é uma resposta muito difícil. A gente é feminista sem saber, pra

sobreviver. Quando você cria um projeto, você dá de si..e é isso. Eu sou reflexo do projeto. Quando eu criei o projeto a minha primeira preocupação foi como eu ia escrever na pele da mulher negra...ai cacei na Casa Cruz e achei uma caneta espanhola que é universal na pele..e não comecei sem a caneta branca. Eu fui a segunda pele de batom vermelho. Mas a caneta não me patrocina *risos*e aquilo me lembra aquela emoção do jet, já botei muito pino debaixo de língua pra não tomar dura de PM. A caneta é a base de água.

CINECLUBE BURACO DO GETULIO

ENTREVISTADO: DIEGO BION

1. Como surgiu o Buraco do Getúlio?

Buraco nasce em julho de 2006, um grupo de amigos que estava formando um grupo de estudos de política, arte, cultura, filosofia e a gente frequentava muito o bar, a gente se encontrava ali e tal. A gente se chama de turma do poste porque a gente marcava de se encontrar no poste que tem em frente o Ananias. A gente não falava que ia pro Ananias, a gente falava que ia pro poste. E aí todo mundo estudando, tendo essas primeiras experiências com audiovisual, ali um grupo de seis pessoas, tendo as primeiras experiências com o audiovisual, e com muito desejo de compartilhar com as pessoas aquilo que a gente tava produzindo e assistindo, que servia como referência para as nossas produções também. Ao mesmo tempo que incomodava pra esse grupo de amigos o marasmo da cena cultural que cidade vivia naquele momento. A gente tinha um hiato, não tinha uma coisa acontecendo naquele momento. A gente tinha como uma última grande acontecimento o desmaio público, que é década de 90, a gente já tava em 2006, o desmaio já não tinha mais a mesma força, não tava mais atuando com uma periodicidade, os fanzines não tavam mais sendo publicados e tinha uma juventude ali muito interessada em produzir e produzindo arte. Então, o Ananias é esse lugar que mistura essa galera que é ali do centro, que tem um poder aquisitivo maior, com o cara que faz malabares no sinal, que é também o bar mais ralé da rua. E aí no bar tinha a galera que a gente chama de geração delírio, da qual o buraco faz parte. Que é uma galera da turma de rock, começando a tramar com fanzine, poesia, a turma do circo que fazia malabares no sinal e ia pra lá tomar uma cerveja depois e essa era meio a nossa galera ali. Então a gente sentia que tinha uma potência naquela juventude ali. Existia uma potência naquele grupo ali especificadamente e isso podia ser interessante pra movimentar a cena e recriar uma outra cena de cultura urbana da baixada com a juventude protagonizando esse momento. Ao mesmo tempo que a gente entendia que essa era uma experiência que podia contribuir de alguma maneira para a construção de outras narrativas sobre a cidade, pra fugir desse clichê desse aspecto de cidade dormitório, ne? Das ausências, que não tem nada e tudo mais. A gente sempre percebeu que tinha muita coisa, que tinha muita potência, tinha muita gente interessante produzindo trabalhos interessantes, entoa isso foi o pouco que norteou essa construção inicial ali: primeiras experiências audiovisuais, incomodo com o marasmo e a potência dessa juventude pra construir uma outra narrativa sobre a cidade.

2. Por que ir para rua, depois de tantos anos no Ananias?

A gente ficou no Ananias durante os dois primeiros anos, depois a gente passou 5 anos na casa de cultura, depois voltamos pro Ananias e aí no início de 2015 a gente decide ir pra Praça dos Direitos Humanos, muito afetados pelas experiências que a gente tinha passado em 2014,

com uma espécie de acumulo de 2013, também as questões das manifestações de 2013, ocupar os espaços públicos virou uma pauta mais recorrente naquele momento por conta da repressão forte que a gente sofreu nas manifestações de 2013 e em 2014 a gente conheceu a galera do Sarau do Escritório, que na verdade a gente já conhecia há muito tempo, eles estudaram na Escola Livre de Cinema, a gente já se conhece há uns oito anos pelo menos, mas a gente se reaproximou e tal e acabamos participando de muitos debates, muitas discussões sobre ocupação dos espaços públicos. Tanto através da galera do sarau do escritório quanto da galera do sarau V, que eram nossos parceiros naquela época ali. A gente vai pra Praça dos Direitos Humanos porque o Ananias já tava muito pequeno pra gente, pro tanto de público que a gente levava e pro que a gente queria fazer mesmo e também vamos pra praça dos direitos humanos porque acreditamos que esse acumulo que a gente tinha ali de 9 anos de atuação, de diálogo com o poder público, de ter estado em um espaço, um equipamento cultural da prefeitura e tudo mais, a gente acreditava que naquele momento a presença do buraco flui pra desenrolar algumas coisas que tava meio travadas. Lembro do Sarau V sair da praça dos direitos humanos por causa do ponto de luz. Não tinha ponto de luz e aí a moça da loja de noiva não queria mais. Então a gente entendia que a partir da nossa experiência assim e das redes que a gente tinha que havia ali uma possibilidade concreta de contribuir pra esse, pras questões burocráticas que giram em torno da ocupação de um espaço público numa ação cultural e isso acabou acontecendo dessa maneira, a gente de cara já pediu a instalação de dois pontos de luz lá, com ofício e tal e aí conseguimos a instalação de ponto de luz e aí enfim, a gente entende que houve uma contribuição nesse sentido. Principalmente se a gente pegar o cenário como ta agora, ne? A gente tem o baphos, a batalha da resistência, tem a gambiarra e todos esses coletivos a gente sempre trocou com a essa galera. Po, como é que faz pra isso? Como faço pra pedir banheiro pra prefeitura? Tem tenda? Então, o Buraco meio que juntou essa galera e a gente foi contribuindo com o código aberto que a gente sempre teve, como é que a gente fazia as paradas ali e a gente também acreditava que ir pra praça é partiu de um desejo de junto com Sarau V e Alma Versada conseguir fazer uma programação mensal pra praça que se aproximaria de coletivos gestando um equipamento cultural público. O que a gente tem hoje é justamente isso. A gente ta há um mês com ações na praça dos direitos humanos com eventos todo dia. A gente teve o Metrópolis, a gente teve batalha da resistência, a gente teve o Baphos Periféricos, fim de semana passada a gente teve o Tropikall Vibes, a gente teve o clubinho no sábado, esse fim de semana tem o buraco, então a gente ta conseguindo fazer isso de outra maneira, o sarau v infelizmente não existe mais, o alma versada também não, mas isso acabou se realizando...esses coletivos, essas ações, esses grupos produzindo programação gratuita de qualidade, com foco muito grande na baixada, não só no público mas nos artistas da baixada também tarem ali protagonizando, levantando questões diferentes de gênero, sexualidade, diversidade sexual, da cultura urbana e enfim, um monte de outras questões, ali naquela praça, no centro de Nova Iguaçu e a gente entendia que era um lugar importante de ser ocupado e já havia tendo uma ocupação na verdade desde sua construção. A ocupação começa ali com a galera do skate. Fazendo campeonato de skate ali, logo que a Via Light começou. Mas essa ocupação acabou não sendo contínua até a chegada do Sarau V. O Sarau V é o primeiro coletivo que faz uma ocupação permanente, digamos assim, com uma periodicidade definida e tudo mais na praça dos DH e logo depois Alma Versada, engrossa o caldo.

- 3. Ao longo dos anos, as temáticas dos eventos sempre mudaram. Qual a importância de fazer um “Buraco Corpo” e uma edição “Minas da BXD”? Por que esses temas?**

Então, na verdade assim, isso é uma prática do buraco desde que o buraco começou em 2006 a gente fez o “buraco gay”, sabe? Mas imagina também que o entendimento das questões vai se aprofundando, né? A gente já fez o buraco com as mulheres protagonizando desde o início. Então em março de 2007, a gente fez um buraco com todos os filmes produzidos por mulheres...isso na verdade é recorrente porque no nosso grupo de pessoas que produzem as ações, nós somos muito diversos e a gente acha que é importância dessa diversidade de indivíduos estar representada na tela também de alguma maneira e todas essas questões acabam sendo questões que atravessam nossa vida de alguma maneira direta no dia a dia e que vão se refletindo ali, né? Por exemplo, a gente fez em novembro de 2014, em parceria com a anistia internacional, a campanha “Jovem Negro Vivo”, a gente fez o “Buraco Negro”, que algo que a gente já faz há muito tempo. A gente fez no Ananias, fez na Casa de Cultura e tudo mais. Então, essa questão da representatividade pra gente sempre foi muito importante, a gente representar no Buraco de alguma maneira. A gente fez em março de 2015, o Buraco Feminista, a gente depois faz o Buraco Corpo (agosto 2015) muito abalados e muito atravessados pelo assassinato do Nem, que era nosso amigo que tava na primeira sessão do buraco. Então era um amigo que acompanhava o processo e a gente entendeu que aquele era um momento primordial pra gente se posicionar. A gente entendeu que era importante o buraco como uma referência de cultura aqui na Baixada se posicionar com relação a isso e pra além disso era importante nos posicionarmos porque a gente tinha um amigo assassinado. E era importante então discutir essas questões do corpo, da sexualidade, da diversidade sexual, do não binarismo, do gênero e tudo mais. E no buraco corpo a gente tentou colocar isso ali em pauta. E a gente fala “ah, discussão” no buraco a gente não tem debate né, nos não paramos e “ah, agora vamos falar sobre isso” mas a gente entende absolutamente que o debate acontece de maneira natural e orgânica entre as pessoas que estão ali e que são afetadas e atravessadas pelas intervenções que estão acontecendo. Pra gente é importante naturalizar todos os corpos. A discussão que eu falo é discutir dentro dessas representações que a gente tá propondo também de tentar ser muito diverso na programação de maneira geral, a Aurora Black se apresentando fazendo performance, você tinha um vídeo falando de um corpo fora do padrão que uma menina fez, você tinha um documentário sobre pessoas em processo de transição de gênero, então tentar ser bem amplo, em todos os temas que a gente aborda, então o buraco rua que a gente fez em março ou abril de 2015 a gente pegou a rua como lugar de expressão de religiosidade, rua é festa, carnaval, a rua é um espaço lúdico, infantil, de brincadeiras, como lugar de trabalho, rua como lugar de protesto, independente da temática, mostrando ponto de vistas diferentes.

4. O que é periferia pra você?

Olha, eu acho que tem alguns sentidos essa palavra pra mim. Tem a periferia no sentido geográfico, né? Com relação a ter o centro como ponto de partida, né? Centro, a capital, tudo mais. Mas eu acho, na mesma medida em que geograficamente nós somos periféricos, eu acho que tem outros campos em que nós somos o centro. Por exemplo, nova Iguaçu, a cena de cultura urbana de Nova Iguaçu é centro na Baixada Fluminense. Nenhuma outra cidade tem uma cena tão forte como a gente tem. Nenhuma outra cidade tem uma nova cena, principalmente. Porque o Buraco tá aí há 10 anos mas é só o buraco que tá aí há 10 anos. O Baphos tem duas edições, a Batalha da Resistência tem 5, gambiarra tem 3, MusicAção tem 3 anos. Mas eu acho que nesse campo da renovação dos produtores, da nova geração produzindo, ocupando, resistindo, e tudo mais, nós somos centro no sentido de referência né? Pro que tá acontecendo aqui. A gente é referência nesse sentido. Caxias tem muita coisa, mas é uma galera bem mais velha, que já tá fazendo coisas. O mate com angu tem 14 anos, sei lá e

é uma galera mais velha mesmo. Aqui em Nova Iguaçu o Quitto tem sei lá, 21 anos e faz o Baphos. A Jeca deve ter isso também. 22, Taline mesma coisa Clara, Matheus, todo mundo bem novinho, eu que sou coroa.

5. Quais são os enfrentamentos de se colocar um evento na rua?

Ah, a gente teve alguns, primeiro porque era um desafio muito grande que se no Ananias 100, 150 pessoas tava lotado, na praça dos DH 150 pessoas não é nada, é uma arquibancada cheia só. Então a gente tinha um desafio grande de mobilização, como é que a gente ia fazer pra mobilizar um público interessante quantitativamente falando p as ações que iam ser realizadas ali. E ai nesse sentido que a gente criou uma outra metodologia de idealização do buraco. Anteriormente na época do bar e da casa de cultura, a equipe pensava, produzia e executava tudo. Quando a gente vai p praça dos Diretos Humanos, a gente decide descentralizar isso. Pela dificuldade, pelo desafio de mobilizar o público maior, mas também percebendo que tinha uma nova geração, uma turma de 19, 20 anos com muito desejo de realizar e sem saber exatamente como fazer para realizar e sem também ter ideia exata do que realizar. E a gente começa a fazer nossas reuniões abertas. Então, nas reuniões abertas a gente decidia praticamente tudo que ia acontecer na sessão: desde o tema até todas as intervenções, os filmes, dj, tudo que ia compor a programação da sessão. Aumenta o número de produtores ou de pessoas produzindo a sessão, imediatamente essa rede se amplia e chegamos num outro lugar e aí a gente foi percebendo que foi acontecendo ali nas reuniões abertas. A gente conseguia mobilizar um público maior porque a rede de produtores eu tava atuando naquelas sessões era maior e as pessoas convidavam mais pessoas e o buraco passou a chegar em públicos que talvez ele antes não chegasse por conta desses produtores. A gente chegou a ter contato com artistas, com grupos, enfim, com espertizes que a gente não tinha antes. O público atendeu ao chamado, a estratégia funcionou, a gente tem muito mais público do que a gente jamais teve e ao mesmo tempo a gente entende que o processo de formação dessa galera com o código aberto, contribui pra formação de novos atores sociais, novos produtores. Por exemplo, a Batalha do Kwanza era produzida pela Matheus, pela clara e pela Taline. O Matheus e a Clara faziam parte do Buraco, a Taline produzia o Kwanza que não existe mais, mas a Taline tá com a Batalha da Resistência e o Buraco é apoiador. O Baphos Periféricos, é o Quitto e a Jeca, basicamente que são as pessoas que estão de frente. Tem o Neco e a Lívia também e eles também tavam na equipe do Buraco nesse momento. Enfim, isso foi se fragmentando pra outras ações, ne? Foi bem legal. Então, no campo da realização, assim, pra gente é importante que o público esteja ali, a gente pensa o Buraco como um espetáculo na verdade. Então por isso que tem todo um cuidado com cenografia, com iluminação e tal porque a gente quer preparar o ambiente. A gente quer que o ambiente seja o Buraco do Getúlio e não só a programação. Então a gente com esse aumento de equipe passou a ter uma equipe cenográfica, a gente tem uma equipe de mídia, galera da curadoria de filmes, a gente tinha uma turma de produção mais específica, produção musical, contato com os músicos, com os artistas que iam se apresentar. Então, a partir de pequenas frentes fomos caminhando e tudo isso era discutido na reunião aberta e depois a gente criava um grupo no FB onde eram colocadas a demandas com os prazos que a gente precisava; foto e texto até o dia tal, confirmação da dj até dia tal, e as pessoas começaram a produzir assim. Mas tem também as questões práticas que a gente passa até hoje, que é a legalidade de ocupar o espaço público. Esse é o maior desafio que todos esses grupos tem até hoje, inclusive to vindo de uma reunião que a gente tava tratando exatamente sobre isso. Amanhã a gente tem uma reunião no batalhão, pra conversar com o comandante mais uma vez porque mais uma vez houve essa tentativa de criminalizar a produção cultural e a ocupação dos espaços públicos através dessas

ações. No ultimo domingo o DMT foi, teve um MusicAção na pista, que é um evento que ta aí há 3 anos eu acho e foi interrompida pela polícia e ele foi ameaçado de ser levado preso como traficante de drogas porque ele tava ali e tal. E o DMT ele é responsável pelo som de várias dessas ações e ai a gente que desmistificou esse processo porque até então, dessa galera, ninguém nunca tinha ido no batalhão pedir autorização. Ninguém nem sabia como fazia isso e ai quando em março de 2015 eu sou levado pra delegacia e a sessão é interrompida por conta da polícia, por conta da falta de autorização e tudo mais, a gente precisa se debruçar sobre isso e compreender que mecanismos são esses e de que maneira a gente vai criar uma maneira de enfrentar esses desafios. Nesse sentido, a gente conseguiu aqui em Nova Iguaçu criar a lei do artista de rua, que foi uma mobilização que aconteceu depois desse fato em março de 2015, que a gente pautou a câmara dos vereadores aqui de NI, pra se posicionar em relação a isso conseguimos uma aprovação dessa lei mas que na verdade tem sempre essa disputa, ne? Quem manda mais? A lei é uma lei ordinária municipal. A polícia é do Estado e não reconhece a força da lei, se sobrepõe a ela. Então, ao mesmo tempo que a Secretaria de Cultura e o governo em geral são omissos porque poderiam propor um batalhão pra entender e fazer essa ponte pra enfim, ajudar nesse meio de campo, como acontece em outros municípios, por exemplo Mesquita que o secretario de cultura de lá tem contato direto com o batalhão e resolve as coisas pelo telefone pedindo liberação pras ações que são realizadas la com apoio da prefeitura e da secretaria de cultura. Então, acho que esses são os maiores desafios: ocupar dentro da legalidade ou se sobrepondo a ela, porque depois de um tempo a gente cagou pra isso, decidimos não pedir autorização nenhuma e fazer de uma outra maneira, através de uma assessoria jurídica, a gente tem um compilado de leis federais, estaduais, municipais que nos dão direito de fazer isso mas que ainda assim é complicado, ne? Passa o carro da polícia ali e sempre rola uma trancada, ne? Rola um medo da polícia parar e tudo mais. Mas de maneira geral essa é a nossa resposta pra muita coisa. Ah, quero vender comida...a praça é pública, vai lá e vende. Ah, quero vender tal coisa...vai la e vende. A ideia é essa...vai lá e usa o espaço público.

6. Enquanto movimento, o que pensa sobre o feminismo?

Movimento necessário. Algo necessário, pras mulheres e pros homens. Entender os privilégios é importante.

SARAU V

ENTREVISTADA: JANAÍNA TAVARES

1. Por que fazer uma ação como o Sarau V na rua?

Hoje o sarau V não dá muita conta da cena cultural, mudou muito. A galera mudou. Mas na época, há 3 anos atrás foi o primeiro Sarau de rua da Baixada Fluminense e era o evento de maior representatividade na rua também porque aconteciam muitas coisas na cidade, mas nada voltado para ocupação urbana. O Sarau V começa a levantar esse debate de ocupação urbana e era uma ação mais voltada p conscientização política social era uma ação mais voltada pra essa noção de território, o que é Baixada, o que significa ser baixadense, como é produzir aqui. Era voltado pra valorização da cultura local e não só cultura no geral...Essa coisa da mudança de fluxo, ao invés das pessoas

saírem daqui pra consumir produzir cultura no centro do Rio ou na Zona Sul...é trazer a galera pra cá e isso realmente teve resultado, tanto que a galera continua ocupando os espaços públicos aqui na cidade depois do V.

2. Por que a rua respira poesia?

Porque a poesia tá em todas as artes, em todas formas de expressão, tanto num beijo caloroso até, enfim, num grafite. Acho que poesia está para além de um poema e ela humaniza. E porque a gente respira ela na rua? Porque a rua é o espaço mais democrático que existe, né? Não existe distinção. Qualquer um pode passar por esse espaço, pode estar, pode ocupar esse espaço de diversas formas não só produzindo algo ou evento mas de outras formas. É um espaço onde pode ter homossexual, pode ter o hétero, pode ter o branco, pode ter o negro e assim por diante. Então é o espaço mais democrático possível. Por ele passa o rico, passa o pobre. O opressor e o oprimido e enfim, por isso que eu acho que é um espaço que se respira poesia porque é onde você pode ser, ne?

3. Como surgiu a ideia do Sarau V?

Eu militava no PSOL e eu comecei a acompanhar a APAFUNK que é Associação Profissional dos Amigos do Funk e isso em 2013. A APAFUNK não produz mais...hoje é outra galera. Mas assim, a APAFUNK começou a fazer o Sarau APAFUNK junto com ocupação Manoel Congo lá na Cinelândia e eu acompanhei o início desse sarau, foi o primeiro sarau de fato de rua q tive contato e aqui na cidade [Nova Iguaçu] não tinha e esse histórico de fazer coisas na rua, como eu disse. Era muito mais voltado pra dentro dos bares mas eu não vivia, eu não conhecia a cena daqui e ai eu convivendo com essa galera lá do centro do rio, esses funkeiros dos anos 90 e tudo, eu senti vontade de fazer algo parecido aqui. Mas o Sarau V não tem nada igual deles porque tem a especificidade do lugar. E então eu fui, mapeei os eventos que aconteciam aqui nos bares e tal, na Casa de Cultura e fui conhecendo a galera, fazendo rede. E ai surgiu assim o [Sarau] V junto com Gabriel Ferrão, depois veio o Diego Ferrão somando, veio o Matheus somando e veio uma galera somando, mas no início foi a partir da minha vivência mesmo com o sarau APAFUNK.

4. Por que na Praça dos Direitos Humanos?

Por dois motivos...porque ela não era ocupada e aí a gente pensou na Praça do Skate mas também pensou no desafio de fazer em um lugar que não era ocupado ainda, justamente pra dar visibilidade àquele espaço. Segundo, por conta da estrutura dele. A arquitetura da praça mesmo...essa coisa que lembra um teatro pros bate papos, pra apresentação de teatro que a gente tava querendo. Estruturalmente era boa e o nome ali sempre foi conhecido como Praça do Coliseu e fui na prefeitura na época e descobri que o nome era Praça dos Direitos Humanos e ai pegou “Diretos Humanos” por causa do [Sarau] V também. O sarau colocou a praça no mapa da cidade.

5. E depois, por que a itinerância?

A itinerancia ela vem porque as coisas começam a mudar e a gente ver que precisa dar conta, ne? Por mais que a praça não tivesse sido ocupada antes na época de forma tão organizada eu acho que a localidade dela facilita. No centro de Nova Iguaçu eu acredito que por mais q eu considere Nova Iguaçu uma periferia eu acredito que existe uma periferia dentro da periferia, ne? Existem nichos dentro do, não sei, é tua área aí [risos], são subculturas dentro da cultura...posso ta viajando nisso, mas assim... por mais que seja Nova Iguaçu, ali ainda é centro e ai era um incomodo porque eu queria tá fazendo uma parada pra dentro, queria tá fazendo uma para pra bairros mais violentos, mais periféricos, bairros com mais precariedade mesmo, com menos lazer e tal e ai veio a ideia da itinerancia pra dar uma oxigenada até no próprio público, eu queria um público mais trabalhador mesmo, sabe? E ai veio essa ideia.

6. Como você analisa a representatividade de ser mulher periférica e conduzir o SARAU V?

É, então, agora não, agora tem uma meninada puxando os bondes aí...não to vendo de perto mas sei que tem uma garotada aí produzindo rap, batalha de rap, produzindo evento LGBT e outros eventos maneirões então assim, as meninas começaram a surgir nessa cena como produção mas quando eu comecei o Sarau V também não era comum. Os eventos daqui de Nova Iguaçu e Baixada mais conhecidos eram todos liderados por homens e isso foi algo diferencial. Eu tive alguns embates na época bem no início e eu também era um pouco petulante, ne? Mas eu tive alguns embates com alguns agentes culturais homens. Assim, sofri um “tiquinho” de sexismo mas também nada “oh meus deus” mas assim, teve sim e tinha um incomodo dessa galera por ter uma liderança feminina, por ser jovem, por ter aparecido do nada e eu não engolia muita coisa. Eu não fingia ser algo que eu não era. Então eu era muito seria com os caras porque eu acho que a galera...enfim, a gente sabe como é o patriarcado e tudo...então era legal ter uma jovem universitária mulher produzindo uma parada na rua, um primeiro sarau de rua, eu acho isso uma puta representatividade pra Baixada. Pra poder falar “olha, aqui também tem produtoras, aqui também tem poetas, a gente não precisa ficar sempre a sombra dos produtores homens, os cineastas, dos poetas, escritores da região”.

7. O que é periferia para você?

Cara, periferia pra mim...eu posso ta enganada...tem as questões geográficas mas acho que também, talvez, eu não sei, não parei para avaliar, mas acho que seria um estilo de vida, ne? É muito diferente ser daqui e ser da zona sul, é uma coisa gritante...”ah, mas zona sul tem favela”...mas é muito diferente por exemplo da zona oeste que é onde eu to militando mais agora. Muito diferente você estar numa favela da zona oeste e numa favela da zona sul, ne? É diferente. Nem todo favelado é igual não. Nem toda região tá inserido da mesma forma. Muda muito seu comportamento, seu lugar de fala, como você produz, como você vivencia esse espaço, como você se relaciona com cidade. Então periferia talvez seja um estilo de vida, ne? É o ta a margem, de fato, mas não só no sentido geográfico, espacial, é o ta a margem na atitude também, é o ta fazendo resistência, como se sistema e o centro fosse algo de cima p baixo querendo te detonar

e a periferia é o que ta embaixo fazendo força p cima ne, como resistência. Eu acho que é isso.

8. O que pensa sobre feminismo, corpos, gênero e sexualidades?

Feminismo é cada vez mais é algo que não tem como viver sem. Não tem como pensar mais uma sociedade fora do feminismo. Eu acho que feminismo é a libertação mesmo, do outro. Você liberta não só a mulher, você ta libertando o homem, indicando, olha, cara, você não precisa reproduzir tudo isso que a sociedade disse pra você reproduzir...você pode se libertar disso. E é o como vou dizer, é chegar e dizer assim, cara você pode ser do jeito que tu quiser. Acho que o feminismo é isso. Você pode ser desse jeito. Você tem o direito de ser desse jeito. Seja. O feminismo é isso: seja. Seja desse jeito. Você tem o direito de ser desse jeito. Você tem o direito de ser feliz. Você tem o direito de não ser violada, você tem o direito de não ser violentada, você tem o direito de não ser ofendida. É o seja, porra, o feminismo tem tudo a ver com a rua, ta entendendo? Na rua, você pode ser o que você quiser, é isso! Você tava falando de território, falando de corpo...pra mim é isso! Nosso primeiro território é nosso corpo. A gente tem que aprender a amar esse território que é nosso corpo, a conhecer e dizer quem pode fazer parte desse território e quem não pode. Então eu acho que é impossível hoje pensar uma sociedade sem feminismo. Tenho críticas a algumas correntes dentro do feminismo que se dizem feministas mas em qualquer corrente, isso vai acontecer...esse radicalismo...isso ta no cristianismo, ta no islamismo, no movimento negro. É inevitável. E é isso. Se tu quer amar uma mulher, tu vai amar uma mulher. Se tu quer amar um homem tu vai amar um homem. Se tu gosta de se maquiar e usar salto alto tu tem o direito. Se tu quer ficar com axila cabeluda tu tem esse direito, então assim...é aquela questão: seja. E isso tudo ta na rua, toda essa diversidade ta na rua. Por isso eu acho a rua espaço mais importante que existe para construção do que nos somos. Acho que é isso.

9. Como casos de machismo atingiram você dentro dessa produção cultural em Nova Iguaçu?

Na época o cenário era de produtores homens. Idealizando e como figuras de liderança. As mulheres sempre ficavam à sombra. Isso gerou incômodo sim. Rolava indiretas pelo *Facebook*...Mas eu não sei como mexer nisso, sem outras pessoas ficarem chateadas. Porque tudo já ficou pra trás. Mas eu fui traída. Sofri discriminação em relação a minha fé. Eu já tava alguns meses sem fazer o sarau ai uma menina me parou numa festa e ai ela falou na minha cara que tinha muito respeito pelo Sarau V, mas que era um lugar muito chato. E ai falei: ah é, por que? porque não podia fumar maconha, né? ai ela começou a rir e tal...ainda tem muito isso assim...os espaços...eu era essa coisa "ah, a Janaína é a careta". Que também na época a galera não tava fumando tanto nas festinhas nas paradinhas como hoje. Sarau V não tinha muita bebedeira. Tinha até aquela pessoa que vendia ali. Mas o pessoal não ficava bêbado. Então, tinha essa característica meio...sei lá, meio debate político...E teve uma edição que eu não lembro qual...tinha gente da Rural...que o pessoal ficou falando pra eu declamar na hora do microfone aberto e aí o pessoal ficou insistindo e eu não queria declamar. E ai uma pessoa que era da minha produção, pegou o microfone e falou assim pra todo mundo...devia ter umas 70 pessoas no dia "eu vou declamar um poema em homenagem a Janaina então" e ai declamou um poema ofendendo o deus cristão. E ai eu respondi com um poema também na

hora e eu não lembro muito bem porque tem muitos anos. E aí eu fiz uma pequena fala sobre e depois daquilo ali a gente rompeu completamente. Depois daquilo ali a gente teve uma conversa no final do ano passado onde a gente meio que se perdoou. Teve esse momento de reparo mas demorou um tempo. E aí eu falei um poema e aí veio outra pessoa da plateia e falou que ia declamar um poema pra mim e falou um poema que fazia exaltação a uma entidade do candomblé. E aí começou a virar uma guerra poética assim religiosa. E depois veio um outro cara respondendo o poema do cara, que era católico...então assim, uma coisa é você tá ali no espaço e poesia livre, né, um espaço democrático. Outra coisa é você sabendo que é daquela fé e fazer uma "homenagem". Aquilo pra mim foi a gota d'água, última situação e se não me engano foi no penúltimo Sarau. Aí teve o Sarau no Valverde, que foi a reformulação de tudo, outras pessoas na equipe, só mulheres na equipe, porque eu não aguentava mais trabalhar com homem e também quando eu fui fazer o Sarau V na escola eu chamei dois produtores homens pra trabalhar antes de trabalhar com uma produtora e eu também tive problemas com eles: um me passou a perna em relação a trabalho: não me entregou o serviço e eu paguei antecipado e o outro não queria fazer as coisas que eu pedia pra fazer...as ordens. Ele queria saber mais do que eu, ele não queria fazer do meu jeito por ele se achar mais experiente e tal. Então eu sempre tive problema em trabalhar com homem. A gente pode dizer que na história do V tem sim essa questão do machismo muito forte tanto nos espaços da produção quanto na vida pessoal da gente, né? Em relação ao grafite...falei com ele uns dias atrás. Chamei ele enquanto secretaria de cultura e trocamos uma ideia. Eu não toquei nesse assunto...o que eu senti na época foi muito ruim. A gente sentiu ódio um pelo outro. E a parada foi muito mais por conta da praça. Por isso que a gente foi fazer o Mandela no Valverde e o Malcolm X aqui no Santa Eugenia...ficou faltando o Martin Luther King, né? mas essa parada do grafite e a situação da religião foi o que mais me feriu mesmo, sabe?

ANEXO C – TABELA DE AÇÕES

AÇÃO	SEGUNDA PELE	CINECLUBE BURACO DO GETULIO	SARAU V	Baphos Periféricos	Coletivo Cineclubista Xuxu comXis
DESCRIÇÃO	O Poesia Segunda Pele dá visibilidade a poesia Baixadense e protagonismo as mulheres sem estereótipo ou padrão.	O “Buraco” realiza desde julho de 2006, sessões mensais e gratuitas, priorizando a difusão do curta-metragem nacional e promovendo intervenções artísticas de teatro, poesia e circo no intervalo entre os filmes, além de shows e performances de DJs e VJs. Em 2015, o Cineclube Buraco do Getúlio passou a realizar exibições e sessões na Praça dos Direitos Humanos de Nova Iguaçu, no 2º sábado, intercalando os meses.	O Sarau V tem a finalidade de promover uma experiência coletiva e libertadora com relação à cultura e o cotidiano. Através de intervenções artísticas e bate-papo, tentamos provocar o exercício da consciência de cada indivíduo, não enquanto ser individual, mas enquanto ser social, ou seja, em suas relações diárias. Com ênfase na cultura popular local de cada região, mas, também na compreensão o das	Coletivo que surge de uma necessidade de comunicação, identificação e debates das questões pertinentes a nossa existência LGBT não-binária e transgênera. Estamos aqui para dizer que, Baphos Periféricos é um coletivo formado por jovens que acreditam que a baixada não pode, não é e não será esquecida. Com esse pensamento, nos unimos para montar um Safe Place (Lugar Seguro) e receber todas as irmãs da periferia. Vamos formar esse encontro de amor e troca, onde queremos amar e ter esse amor de vocês. Que corpo é esse que você tem? Masculinado, afeminado, trans, não binário. Corpos que habitam territórios periféricos e vivem o campo minado que é habitar o próprio corpo. A	O Cineclube Xuxu Com Xis surgiu em 2012, dentro da oficina ministrada pelo Mate Com Angu, na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu, em Austin. Seu nome é uma homenagem ao local onde tudo começou e onde era a sede do cineclube. As atividades ocorreram em 2013 periodicamente. O foco do cineclube era exibir curtas e médias-metragens para os moradores do bairro. Depois de um ano e meio fazendo ativismo, o cineclube ficou em recesso. Após a retomada, o cineclube está focado em circular pelos bairros periféricos ao centro de Nova Iguaçu com parcerias de outros coletivos artísticos. E produzindo seus próprios filmes independentes com o intuito de proliferar ainda mais o audiovisual na Baixada e debater através dos filmes questões que são deixadas de lado por

			<p>culturas dominantes. Queremos discutir nossa Cidade através da Cultura e Ocupação Urbana. “Na rua se respira poesia.”</p>	<p>gente dá close no front, faz arte e ferve porque se o Bapho é periférico e do nosso jeitinho e assim é mais gostoso.</p>	<p>muita gente. O Xuxu Com Xis é mais um coletivo formado com a intenção de valorizar o território em que está.</p>
<p>A QUEM SE CONFRONTA</p>	<p>Machismo, invisibilidade da mulher da Baixada e da poesia da Baixada</p>	<p>Grande redes de cinemas; Falta de salas de cinemas que exibam filmes independentes; falta de salas de cinema que exibam filmes legendados; falta de lugares de encontro e lazer (buraco como confronto ao espaço público violento, perigoso)</p>	<p>Invisibilidades da cultura popular; ressaltar os artistas da Baixada Fluminense; falta de lugares de encontro e lazer</p>	<p>Machismo, opressões à comunidade lgbt, transfobia, espaços homofóbicos na Baixada Fluminense</p>	<p>Grande redes de cinemas; Falta de salas de cinemas que exibam filmes independentes; falta de salas de cinema que exibam filmes legendados; falta de lugares de encontro e lazer</p>
<p>ONDE</p>	<p>Casa de Cultura de Nova Iguaçu/ rua – caráter itinerante</p>	<p>Rua (quando há chuva > Ananias)</p>	<p>Rua – caráter itinerante</p>	<p>Caráter itinerante</p>	<p>Caráter itinerante</p>
<p>QUANDO</p>	<p>Seg à sex, dependendo da disponibilidade das mulheres e das organizadoras</p>	<p>A cada dois meses, no segundo sábado do mês.</p>	<p>Toda terceira sexta feira do mês.</p>	<p>Sem data fixa</p>	<p>Sem data fixa</p>

Quem	Camila Senna Caroline Costa	Luana Pinheiro Giordana Moreira Diego Bion	Janaína Tavares	Clara Rodrigues Jéssica Barbosa Quitto Pinheiro	Pamella Ohnitram Isabella Tavares
------	--------------------------------	--	--------------------	---	--------------------------------------